



FACULDADE DE ARQUITECTURA

UNIVERSIDADE DE LISBOA

## **PÁTIO E CASA-PÁTIO: A DIMENSÃO DOMÉSTICA DO ESPAÇO EXTERIOR DA CASA.**

Projecto de um Edifício Habitacional no Desterro, em Lisboa.

### **Filipa Vaz Morgado**

Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

**Orientador Científico:** Professor Doutor Hugo Farias

### **Júri:**

Presidente: Professor Doutor José António Cabido

Vogais: Professor Doutor António Lobato Santos

Professor Doutor Hugo Farias

Lisboa, FAUL, Novembro 2013





**FACULDADE DE ARQUITECTURA**

UNIVERSIDADE DE LISBOA

**TÍTULO- PÁTIO E CASA-PÁTIO:** A DIMENSÃO DOMÉSTICA DO ESPAÇO EXTERIOR DA CASA. Projecto de um Edifício Habitacional no Desterro, em Lisboa.

**ALUNA-** Filipa Vaz Morgado | # al006812

**ORIENTADOR CIENTÍFICO-** Professor Doutor Hugo Farias

**MESTRADO-** Mestrado Integrado em Arquitectura com especialização em Arquitectura

**DATA-** Novembro de 2013

## **RESUMO**

Esta investigação aborda o tema do pátio, propondo que do entendimento da sua essência se possa extrair os elementos fundamentais para a formulação de um raciocínio sobre os espaços exteriores privados da casa.

A unidade casa-pátio, como tipo habitacional que parte do princípio da união da casa com um espaço exterior doméstico, o pátio, apresenta-nos, através dos seus modelos, ao longo da História da Arquitectura, as suas potencialidades enquanto resposta formal e simbólica às condições de vida humana: territoriais, climáticas, culturais e políticas.

Do ponto de vista das condições do projecto, um edifício habitacional no Desterro, em Lisboa, este enlaça-se no conceito de pátio como estratégia projectual para responder às várias problemáticas, desde a casa ao edifício, tendo em vista um raciocínio convergente, globalizante e metódico.

Palavras-chave: Pátio, Casa-pátio, espaço exterior doméstico





FACULDADE DE ARQUITECTURA

UNIVERSIDADE DE LISBOA

## **ABSTRACT**

This research approaches the theme of the courtyard, proposing to extract through the knowledge of its essence, the fundamental elements to formulate an argument about the private outdoor spaces of the house.

The unity of the courtyard-house, as a type of housing that assumes the union of the house with an outdoor space home, presents us through its models, along the history of architecture, its potential as territorial, climatic, cultural and political response to the formal and symbolic conditions of human life.

From the point of view of the project, the proposal for the residential building, located in Desterro-Lisbon, is connected to the concept of using the courtyard as a strategy to respond to the various project-issues, from the house to the building, aiming at a convergent, globalizing and methodical reasoning.

Key words: Patio, Courtyard, Outdoor domestic space



# ÍNDICE

<b>I INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
I.1 TEMA .....	2
I.2 OBJETIVOS .....	3
I.3 METODOLOGIA .....	3
I.3 ESTADO DA ARTE .....	4
I.4 ESTRUTURA.....	4
<b>II A IMPORTÂNCIA DO TIPO</b> .....	<b>7</b>
II.1 TIPOLOGIA .....	8
II.2 TIPO .....	9
II.3 MODELO .....	11
II.4 ARQUÉTIPO .....	11
II.5 CONCLUSÃO.....	12
<b>III PÁTIO</b> .....	<b>15</b>
III.1 DEFINIÇÃO DE PÁTIO.....	16
III.2 O PÁTIO NOS PRIMEIROS ASSENTAMENTOS.....	19
III.3 CARACTERIZAR O PÁTIO .....	43
<b>IV CASA-PÁTIO</b> .....	<b>51</b>
IV.1 O ESPAÇO EXTERIOR COMO CENTRO E A CASA-PÁTIO .....	52
IV.2 DIFERENÇA ENTRE CASA-PÁTIO E CASA COM PÁTIO .....	53
IV.3 TIPO CASA-PÁTIO .....	56
IV.4 DIVERSIDADE NO USO DOS PÁTIOS .....	58
IV.5 A CASA-PÁTIO NAS CIVILIZAÇÕES .....	60
IV.6 ANÁLISE DO PÁTIO ENQUANTO INTEGRANTE DA CASA-PÁTIO .....	75
<b>V CASAS-PÁTIO A PARTIR DO SÉC. XX</b> .....	<b>79</b>
V.1 MOVIMENTO MODERNO.....	80
V.2 A RE-DESCOBERTA E A RE-INTERPRETAÇÃO DE UMA DIMENSÃO DOMÉSTICA DO EXTERIOR.....	82
V.3 EXPLICAÇÃO SOBRE A ANÁLISE.....	92
V.4 SISTEMATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO, EXPOSIÇÃO DE DADOS .....	160
V.5 ANÁLISE PROPOSTA .....	163
V.6 A ESSÊNCIA DA CASA-PÁTIO .....	169
<b>VI RELATÓRIO DE PROJECTO</b> .....	<b>173</b>
VI.1 PROPOSTA URBANA.....	174
VII.2 PÁTIO E CASA-PÁTIO.....	179
<b>VII CONCLUSÃO</b> .....	<b>186</b>
VII.1 QUESTÕES PERTINENTES SOBRE O TEMA CASA-PÁTIO .....	188



# AGRADECIMENTOS

Ao professor Hugo Farias, pelo acompanhamento. Pela paciência, dedicação, responsabilidade e interesse com que se debruçou, comigo, sobre este trabalho.

À Mãe e ao P.L., pelo apoio incondicional.

Ao Tó, pelas nossas mãos.

Aos bons amigos, que me acompanharam, apoiaram e ajudaram em todas as fases.

À Margarida. À Catarina.

À Daniela, por acreditar, sempre.



*“Creio que as severas amputações que um artista tem que suportar para se tornar único, são uma enorme limitação. Ele reduz-se a uma mera parte, nas suas tentativas para suprimir as suas condições, as suas confusões e os seus conflitos. Quanto a mim, não me importo – sou mais do que um. Sou frequentemente o oposto, sou por vezes o outro”*

**PANCHO GUEDES**



# I INTRODUÇÃO

## **I.1 TEMA**

A presente dissertação tem como objecto de estudo a abordagem da importância dos espaços exteriores de carácter privado na habitação tendo em conta o conceito de pátio e a casa-pátio.

O tema principal de análise incide sobre o estudo da possibilidade de enquadrar o lugar do pátio como espaço habitado nos edifícios habitacionais que se desenvolvem em altura e que se apresentam como um volume de grandes dimensões.

Os pátios das casas-pátio, são espaços exteriores de tanta importância quanto os restantes espaços interiores, e podem adquirir diferentes caracteres, dependendo da forma como se posicionam em relação ao resto da casa. É sobre esta definição dos espaços, de carácter prático e simbólico, que se imprimem as características e os desenhos destes lugares.

O interior e o exterior, o dentro e o fora, enquanto conceitos de índole comparativa, neste caso, só aparentemente pertencerão a mundos opostos, pois encontram na casa-pátio a forma unificadora que abraça os binómios e que os projeta para uma forma completa, capaz de construir cidade e de se reinventar a cada momento.

## I.2 OBJETIVOS

O objetivo do trabalho é entender de que maneira a casa-pátio conserva uma série de características importantes, cruciais, para o desenvolvimento de uma investigação sobre a domesticidade dos espaços exteriores particulares da casa.

Perante a recorrência sistemática ao tipo casa-pátio, por todas as civilizações, - recorrência esta transversal ao tempo e à história -, é justificada a importância da investigação sobre este tema, que incide desde os primeiros assentamentos do Homem, até ao modelos construídos atualmente.

É, na análise sistemática sobre os temas que envolvem o pátio e a casa-pátio, na busca da essência dos arquétipos, que se procuram as respostas necessárias para a elaboração de um sistema de princípios, que será a base sólida do desenvolvimento do projecto de um edifício habitacional de grande densidade, que se desenvolve em altura.

## I.3 METODOLOGIA

A determinação e o desenvolvimento de uma estratégia de projecto, não se sustenta somente no trabalho *in situ* de análise e aproximação ao lugar, nem numa abordagem exclusivamente prática e engenhosa em relação ao enunciado, nem na aplicação de uma estratégia puramente teórica sem razões válidas para existir.

A estratégia de projecto, e o seu desenvolvimento, devem compreender diferentes modos de abordagem para que o projecto seja sustentado da melhor forma.

Esta dissertação é explícita quando à importância dada ao desenvolvimento paralelo de uma investigação teórica exaustiva e da investigação prática de projecto.

A investigação teórica relativamente ao tema de enfoque escolhido, fornece pistas essenciais ao desenvolvimento do projecto prático que, do mesmo modo, suscita questões que alimentam e delinham a pesquisa teórica.

A dissertação organiza-se em modo de análise sucessiva de casos de estudo e respetivas conclusões, enquanto que a parte prática se desenvolve à base do trabalho em maquete que apoia o processo em desenho.

### I.3 ESTADO DA ARTE

A bibliografia utilizada na exploração do tema divide-se em quatro campos.

Relativamente à temática do pátio e a sua utilização no decorrer da história da urbanidade, a obra de Schoenauer (1981), intitulada *6000 Years of Housing*, oferece um relato extenso da história da habitação a nível mundial, desde habitações préurbanas até à cidade contemporânea, relacionando os campos da Arquitectura, História e Antropologia. Na presente dissertação o estudo desta obra foca-se na habitação urbana oriental e na Antiguidade clássica.

A obra de Werner Blaser (1999), *Pátios: 5000 Anos de Evolução*, selecciona e descreve vários sistemas espaciais com recorrência ao pátio desde a Antiguidade oriental até às obras emblemáticas do século XX.

No mesmo âmbito, a obra *La Arquitectura del Patio*, oferece a interpretação de Antón Capitel (2005) do uso do pátio e suas conotações em vários períodos históricos, sendo que na presente investigação foi de principal interesse a sua análise do modo como arquitectos modernos reinterpretaram este elemento tradicional.

O estudo da reinterpretação do uso do pátio no século XX concentrou-se na obra de Gonzalo Díaz Recasen (1992) *Recurrencia y herencia del patio en el Movimiento moderno*, que faz uma exposição completa sobre a forma como os arquitectos do Movimento Moderno se apropriaram do tipo casa-pátio, recorrendo à sua essência, e apoiando-se na ideia primária de delimitação e apropriação de um lugar para formular as suas propostas.

### I.4 ESTRUTURA

A presente dissertação organiza-se em seis capítulos, sendo o primeiro, uma breve introdução acerca do desenvolvimento dos temas abordados.

No segundo capítulo, reconhece-se a importância da tipologia, do estudo dos tipos, e define-se tipologia, tipo, modelo e arquétipo com o objetivo de clarificar o significado de cada conceito e ser incisivo quanto à importância de cada um na história e no estudo da Arquitectura.

O terceiro capítulo constitui a primeira abordagem concreta ao tema do Pátio.

Explanam-se e analisam-se as definições de pátio, presentes em vários dicionários e enciclopédias, concluindo que, em todas as definições é possível perceber a ligação intrínseca que se estabelece entre o pátio e a casa (o espaço doméstico).

Os casos de estudo apresentam-se pela primeira vez no terceiro capítulo e incidem sobre os exemplos de habitações dos primeiros assentamentos humanos. Importa entender de que forma surge o pátio, as suas características e a importância deste espaço no contexto da habitação, que, nas formas mais primitivas, é exclusivamente fruto do reflexo do quotidiano da vida do homem.

Termina este capítulo com a sistematização da informação recolhida a partir da observação dos casos de estudo, caracterizando-se o pátio como: espaço exterior apropriado; espaço exterior limitado e espaço exterior a céu aberto.

No quarto capítulo entende-se a relação entre interior e exterior, dentro e fora, e a forma como estes binómios opostos estão intimamente ligados à organização da casa e dos seus usos. O pátio e a casa estabelecem uma relação íntima e complementar em que o espaço exterior é tão essencial como o interior.

Expõe-se neste capítulo casos de estudo que permitem percorrer os temas fulcrais que estão na base da disseminação do pátio por todo o mundo, como entidade integrante do tipo casa-pátio. Os exemplos apresentados são modelos representativos do tipo casa-pátio e através da sua análise percorrem-se os principais temas, transversais à tipologia.

Apresenta-se também uma análise que se debruça sobre a relação que a casa e o pátio estabelecem, relativamente à vida doméstica da casa no seu todo.

O quinto capítulo dedica-se à análise do tipo casa-pátio, enquanto estratégia projectual, aplicada a partir do século XX, e sobretudo ao estudo dos modelos construídos a partir dessa época até aos dias de hoje.

O entendimento sobre o olhar que o movimento moderno provocou relativamente ao pátio e à casa-pátio, demonstrou-se fundamental para a compreensão da sua essência. Estes princípios fundamentais surgem estudados e sistematizados a partir de uma crítica que visa entender o pátio como um elemento intemporal.

Destacando cinco grupos – “Do terraço ao pátio”; “Pátio encerra um lugar fechado”; “Pátio encerra um lugar aberto”; “O pátio como sistema de composição”

e “Pátio como átrio” – procede-se ao enquadramento dos casos de estudo nos referidos grupos. Por fim, é apresentada uma tabela que aponta para um sistema de análise relativo aos modelos casa-pátio propondo a observação dos casos cruzando a informação sobre a localização o pátio na casa, relativamente à entrada, e a natureza dos limites da casa-pátio.

A reflexão sobre essência da casa-pátio apresenta-se como um resumo da importância dos temas abordados ao longo de dissertação, que focam em qualquer contexto a importante existência do pátio. São referidos os princípios fundamentais deste espaço, como lugar, e a forma absoluta de como existe presente na vida de cada sociedade, à sua maneira, de forma indispensável e intemporal.

No capítulo seis, Relatório de Projecto, é enquadrado de forma sucinta o projecto prático desenvolvido em paralelo com a dissertação teórica. Interessa localizar o projecto geograficamente e entender as problemáticas sociais e culturais da área da intervenção. Encontradas as questões fulcrais de enquadramento do projecto, é descrita a forma como o em paralelo se foi desenvolvendo um raciocínio teórico e prático que se complementa e justifica.

O capítulo da conclusão sintetiza as principais ilações às quais se pode chegar na leitura da presente dissertação e a algumas questões pertinentes que se levantaram, resultado de uma exaustiva investigação sobre os temas em questão, relativos ao pátio e casa-pátio.

## **II A IMPORTÂNCIA DO TIPO**

## II.1 TIPOLOGIA

Devido à sua clareza e atualidade, desde Quatremère de Quincy e da publicação do *Dictionaire Historique de L'architecture*<sup>1</sup>, que a história da arquitetura se refere ao termo tipologia apoiando-se na sua ideia formulada de uma arquitetura tipológica.

*"[Tipologia é uma] abordagem que isola os atributos da coerência arquitetônica, identificando-os como características, com a finalidade de compará-los com atributos igualmente abstraídos de outros contextos e de definir as suas similaridades e diferenças."*<sup>2</sup>

Desta forma, é entendida como a compreensão da abstração dos atributos formais do princípio denominado *tipo*, este que, por sua vez, descreve o que há de comum numa série de diferentes *modelos* construídos, historicamente contextualizados.

A tipologia, como ciência do tipo, debruça-se sobre os padrões e modelos com o objetivo de reduzir percepções a certos padrões, geometrias regulares ou harmonias. A sistematização das percepções que ocorrem a partir de certas características e princípios recorrentes, constituem um elemento fundamental da capacidade humana de perceber e comunicar, não sendo importante apenas para a ciência, mas também para o processo cognitivo do homem.

---

<sup>1</sup> QUINCY, Quatremère de, *Encyclopédie méthodique d'Architecture*, Paris, 1825

<sup>2</sup> PETERS, Paulhans - *Casas unifamiliares con patio*, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1969, p.9. Cita extraída de:  
<sup>2</sup> PETERS, Paulhans - *Casas unifamiliares con patio*, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1969, p.9. Cita extraída de:

BRAUNECK, Per; PFEIFER, Günter - *Casas con Pátio / Casas-pátio*, Barcelona, Gustavo Gili, 2009, p.9, tradução livre da autora

Em relação à abordagem tipológica em arquitectura, esta apresenta duas componentes: *analítica* e *conceptual*.

A analítica, refere-se ao processo histórico da Arquitectura, como explica Aldo Rossi: *“se o elemento típico, ou simplesmente o tipo, é uma constante, então é possível reencontrá-lo em todos os factos arquitectónicos. É, pois, também, um elemento cultural e como tal pode ser encontrado nos diversos factos arquitectónicos; a tipologia, converte-se, assim, amplamente no momento analítico da Arquitectura.”*<sup>3</sup>

A componente *conceptual*, decorre do processo imaginativo e operativo da Arquitectura, que, assumindo a tipologia como uma visão sistemática e sintética, inclui as possibilidades de constituir, tanto um raciocínio criativo que transporte a ação para uma perspetiva que se coloca além da imitação, sugerindo novas interpretações, ou pelo contrário, fazendo da tipologia uma ferramenta da crítica arquitetónica comparativa, tendo a imitação como princípio.

## II.2 TIPO

A definição de Quatremère de Quincy relativamente ao tipo, segundo o qual *“a palavra tipo não representa tanto a imagem de algo que se há-de copiar ou imitar, mas a ideia de um elemento, que há-de ele mesmo servir de regra ao modelo”*, entende que o tipo carrega nele um valor pré existente. Afirmar assim, que, *“para tudo é preciso um antecedente;... nada provém do nada... Todas as invenções humanas preservam sempre de forma clara o seu princípio elementar”*<sup>4</sup>.

Aldo Rossi subscreve a distinção entre tipo e modelo feita por Quatremère de Quincy, ao associar o tipo às regras mais do que às formas básicas da Arquitectura, e acrescenta que o tipo é sempre constituído por elementos compositivos irreduzíveis, uma espécie de elementos fundamentais desta disciplina. O tipo é *“algo permanente e complexo, um enunciado lógico que precede a forma e que a constitui”*<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> ROSSI, Aldo – *A Arquitectura da Cidade*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1982, p.79

<sup>4</sup> QUINCY, Quatremère de, *Encyclopédie méthodique d'Architecture*, Paris, 1825, Cita extraída de: ROSSI, Aldo – *A Arquitectura da Cidade*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1982, p.67

<sup>5</sup> ROSSI, Aldo – *A Arquitectura da Cidade*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1982, p.78

O tipo persegue, acima de tudo, as qualidades essenciais para que tenha uma aplicabilidade útil na prática da Arquitectura, só assim pode garantir a sua repetição sucessiva, a sua evolução e por fim a sua existência. Esse valor, que se diz preexistente, e que se será sempre um misto de características formais e significados simbólicos associados, que se traduzem em regras, é determinante para que seu fundamento base seja sistematizado na teoria.

Como princípio da Arquitectura<sup>6</sup>, para além desta questão formal e funcional, a existência do tipo *“torna-se indiscutível quando o seu uso na prática e na teoria arquitectónicas corresponde às exigências ideológicas, operativas e até religiosas de uma determinada condição histórica e cultural.”*<sup>7</sup>

Assim, o tipo, que é o reflexo do seu princípio original, encontra a sua razão de ser tanto associado a uma função, como inerente a um valor e um simbolismo que são expressos na sua forma arquitetónica.

Este simbolismo pode existir ainda antes da criação do tipo, pode nascer da criação do tipo determinando-o, ou, por outro lado, pode surgir pelo uso constante associado a uma função intrínseca ao tipo.

É esta possibilidade imensa em relação à origem de cada tipo, à possibilidade de se posicionar de inúmeras maneiras perante o tema da forma e do simbolismo, é esta disponibilidade própria da tipologia em sistematizar as regras do tipo, que lhe permitem deter o papel de transmissor social, isto é, ele é em cada caso, o reflexo da sociedade que o produziu. E será a cada modelo, o reflexo da comunidade que dele se apropriou.

A aparição de um novo tipo não surge da noite para o dia, é sim o produto de uma série de experiências acumuladas e comprovadas. Profundamente ligado aos aspectos que incidem na transformação: a técnica, a função ou os significados, *“o desejo de um novo tipo está latente na sociedade que o suporta e o produz.”*<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Como se refere Rossi ao tipo, admitindo que, apesar de se poder transformar e evoluir no tempo, o tipo “sempre se impôs ao sentimento e à razão, como princípio da arquitectura”. ROSSI, Aldo – *A Arquitectura da Cidade*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1982, p.80

<sup>7</sup> PIRES, Amílcar de Gil e, “Os Conceitos de Tipo e de Modelo em Arquitectura” in <http://ciaud.faa.utl.pt/res/paper/CONC-TIPO-MODELO.pdf>

<sup>8</sup> DÍAZ RECASENS, Gonzalo. *Recurrencia y herencia del patio en el Movimiento Moderno*, Universidad de Sevilla, Sevilla 1992, p.32, tradução livre da autora

## II.3 MODELO

Quantremère De Quincy, no seu Dictionaire Historique de L'architecture (Paris, 1983), na sua distinção clara entre “tipo” e “modelo”, definiu “tipo” como a “ideia genérica, platónica, arquetípica”, como a “forma básica da arquitectura, e “modelo” como *“aquilo que se pode repetir com rigor, como um carimbo que possui uma série de caracteres recorrentes”*<sup>9</sup>

Assim, o modelo, segundo Giulio Argan:

*“é um objecto que deve repetir-se tal como é; o tipo é, pelo contrário, um objecto em função do qual se pode conceber obras que não se assemelhem nada entre si. No modelo tudo é dado e preciso; no tipo tudo é mais ou menos vago”*<sup>10</sup>.

## II.4 ARQUÉTIPO

A herança dos arquétipos, como primazia das primeiras experiências arquitectónicas da história, constitui um depósito de vivências herdadas.

É pelos arquétipos que se encontram certas formas constantes e coletivas, inclusive algumas que remontam aos tempos da origem dos homens. Estes conservam-se vivos, ainda que às vezes aletargado na mente arcaica que todos temos no fundo do subconsciente.

Os arquétipos, coletivos e inconscientes, são cultural e geneticamente formas associadas, de tal modo que se tornaram um fenómeno relativamente homogéneo para todos. Presos à memória coletiva, são referências exímias e constroem uma base teórica essencial à evolução.

*“A clara similaridade nas origens mais primitivas das culturas pode fazer verosímil a experiência de certos arquétipos, para que sirvam de ponto de arranque nas trajetórias diversas das culturas e das suas respetivas arquiteturas”*<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> MONTANER, Josep Maria, *A Modernidade Superada – Arquitectura, Arte e Pensamento do Séc. XX*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 2001, p.110

<sup>10</sup> ARGAN, Giulio Carlo, *Tipologia, Simbolismo, Allegorismo delle Forme Architectoniche* in Bollettino del Centro Internazionale di Studi di Architettura Andrea Palladio, nº1, Vicenza, 1969, p.20 in PIRES, Amílcar de Gil e, “Os Conceitos de Tipo e de Modelo em Arquitectura” in <http://ciaud.fa.utl.pt/res/paper/CONC-TIPO-MODELO.pdf>

<sup>11</sup> RECASENS, Gonzalo Díaz. *Recurrencia y herencia del patio en el Movimiento Moderno*, p.33, tradução livre da autora

## II.5 CONCLUSÃO

Tipologia é a ciência que debruça a sua investigação sobre a origem e a evolução dos tipos. O tipo é um conjunto de regras sistematizadas que têm a sua origem tanto a partir de lógicas formais (da forma das coisas), como, de igual importância, de razões simbólicas (do significado das coisas). O modelo, por sua vez, é um objecto edificado que se identifica com determinado tipo. O arquétipo é um modelo enraizado no subconsciente coletivo e que detém um papel marcante na história do Homem.

No entender de Gonzalo Díaz-Y. Recasens:

*“o tipo arquitectónicos, como em todo o instante dos desejos humanos, debate-se, entre a réplica e a variação; entre o desejo por voltar aos esquemas conhecidos e os desejos de mudança na adaptação à nova realidade através de invenções. Não obstante, ao supor que o tipo arquitetónico não é uma invenção pessoal, mas que está suportado por toda a sociedade, este tem um limite de tolerância, de variações relativamente baixo, já que estas variações são comumente aceites por um grande espectro da sociedade que o sustem e o produzem; Assim, o tipo não só é a cristalização de uma sociedade, como a simboliza.”<sup>12</sup>*

Esta relação íntima que o tipo estabelece tanto com a física do lugar, como com a cultura, com a religião, com os valores e hábitos de cada sociedade, adaptando-se e reinventando-se sempre que a história o interpela, revelam a sua capacidade de, efetivamente, atribuir carácter a uma obra. Fazer a obra falante, com capacidade de expressar os valores institucionais que a originaram. Segundo Boullée, *“dar carácter a uma obra, significa empregar de maneira justa todos os meios mais idóneos para não provocar outra sensação, para além daquela que é característica do próprio sujeito.”<sup>13</sup>*

A evolução é uma ideia à qual o significado de tipo se vincula, na medida em que a sua existência depende de uma constante atualização e ajuste, e se relaciona com o tempo como entidade onde se fixam constantemente as novas obras construídas e a formulação de novos pensamentos. Esta evolução (na medida em que é um processo decisivo mas muito lento), depende unicamente do homem e dos seus sistemas organizativos, os quais sujeitam constantemente o tipo à pressão do

---

<sup>12</sup> RECASENS, Gonzalo Díaz. - Op. Cit., p.33, tradução livre da autora

<sup>13</sup> RECASENS, Gonzalo Díaz. - Op. Cit., p.21, tradução livre da autora

entendimento e da interpretação que fazem em relação àquilo que ele é e representa.

Existe um sistema que relaciona o que o tipo *representa* e aquilo que ele *é*, e é na constante mudança de perspectiva de uma ou de outra ideia (nunca das duas ao mesmo tempo) que o tipo vai sofrendo constantes atualizações e descrevendo o seu percurso:

*“Os esquemas das coisas suportam o dilema existencial entre significar e ser. Aquilo que uma coisa significa, e que afinal é a parte das crenças sociais, não é mais importante para a sociedade do que a coisa é. Expressão e forma, existência e essência são igualmente interessantes já que socialmente é o mesmo, até que o filósofo, o artista e o poeta, na sua necessária actitude crítica, as separe para provocar e colaborar nas alterações e mudanças da existência social.”<sup>14</sup>*

---

<sup>14</sup> RECASENS, Gonzalo Díaz. – *Op. Cit.*, p.31, tradução livre da autora



## **III PÁTIO**

### III.1 DEFINIÇÃO DE PÁTIO

No Dicionário da Língua Portuguesa<sup>15</sup>, o pátio é definido como: *“recinto descoberto, no interior de uma casa; terreno murado contíguo à casa; vestíbulo; átrio (...)”*

Em *Vocabulário arquitectónico ilustrado*<sup>16</sup>, o pátio é definido como um *“(...) espaço fechado com paredes ou galerias que, em casas ou outros edifícios, se deixa exposto; espaço situado entre as linhas das árvores e o fim ou margem de um campo.”*

Em *A Dictionary of Architecture*<sup>17</sup>, é descrito como *“(...) uma área aberta encerrada por paredes ou edifícios, tal como um espaço deixado a descoberto para admissão de luz e ar(...)”*.

Associada a esta definição são mencionados os pátios de entrada ou áreas internas de grandes edifícios ou palácios e os claustros – *“(...) pátio fechado, anexado a uma igreja monástica ou colegial, que consiste numa galeria coberta muitas vezes a Sul da nave e a Oeste do transepto, em torno de uma área aberta (...)”*.

*“É a delimitação primária de um recinto, aquele acto de cercar um lugar, delimitar e apropriar-se dele, um dos meios mais ancestrais desde onde podemos entender o pátio.”<sup>18</sup>*

---

<sup>15</sup> Dicionário da Língua Portuguesa, 8ª edição revista e actualizada, Porto Editora 1999

<sup>16</sup> MARTINEZ, V., *Vocabulário arquitectónico ilustrado*, México: Secretaría de Asentamientos Humanos Y Obras Públicas, 1980

<sup>17</sup> CURL, J. (1937) *A Dictionary of Architecture*, Oxford: Oxford University Press, 1999, tradução livre da autora

<sup>18</sup> RECASENS, Gonzalo Díaz. *Recurrencia y herencia del patio en el Movimiento Moderno*, p.69, tradução livre da autora

Corominas Joan, em o Breve Dicionario Etimologico De La Lengua Castellana, relata que:

*“PATIO, 1495, Probte. do oc. Pàtu, 1140, pàti, “lugar de pasto comum”, “terreno baldio”, e este tom. do lat. Pactus, -us, “convénio”, “arrendamento”, que tomou o sentido de “pasto arrendado”, passando de aí a “terreno baldio” e logo a “espaço sem edificar atras ou no interior de um edifício”; o sentido de “solar sem edificar”, “terreno baldio”, é também próprio do cat. pati, Séc.XIII, “pátio”, que deve ter servido de intermediário para castelhano, onde é vocábulo mais tardiamente (em Castilha dizia-se curral com este sentido)”.*

Os seus vínculos etimológicos indicam-nos a estreita relação que existe entre a parcela e o pátio. É nesse lugar de pasto comum, que mais tarde passa a pertencer a alguém por direito (por convénio ou arredamento), e que logo passa a ser “espaço sem edificar atras ou no interior de um edifício”, que nasce a ideia de pátio. Este é um dos primeiros mecanismos formais que permite transformar uma parte da natureza num “lugar”, onde o homem o reconhece como seu e se identifica com ele.

*“O lugar, que segundo Norberg-Shulz é a “concretização do espaço existencial do homem”<sup>19</sup>, faz do pátio o “patu” de maneira a responder à necessidade do homem em marcar e assinalar o terreno, para mostrar a sua possessão e reconhecimento de um espaço próprio”<sup>20</sup>.*

Recorrendo ao Pequeno Dicionário Latino-Português, numa aproximação etimológica ao termo pátio, entre as diversas origens possíveis, destacamos uma:

*“Pateo - 1. Recinto lajeado para que dá entrada a porta principal de algumas casas; terreno murado anexo a um edifício; recinto descoberto no interior de um edifício ou rodeado por outros edifícios; vestíbulo.*

*Pateo, do verbo latino: Patēo, ěs, ui, ěre, v. int., significa: estar aberto, exposto; estender-se; abrir-se; estar descoberto; manifestar-se; ser evidente.”<sup>21</sup>*

---

<sup>19</sup> NORBERG-SCHULZ, Chr. *Existencia, Espacio y Arquitectura*, Ed. Blume, Barcelona, 1975

<sup>20</sup> RECASENS, Gonzalo Díaz. *Recurrencia y herencia del patio en el Movimiento Moderno*, p.69, tradução livre da autora

<sup>21</sup> Pequeno Dicionário Latino-Português. São Paulo, Companhia Editorial Nacional, 3ª ed., 1950. p. 1324

A partir do significado do verbo latino *Patēo*, Luiz Augusto dos Reis-Alves<sup>22</sup> no seu artigo “*O que é o pátio interno? – parte 1*”<sup>23</sup> defende que o pátio apresenta uma posição passiva e uma posição ativa em relação aos acontecimentos com os quais está implicado.

Os atos de expor, abrir e descobrir-se fazem-se presentes no espaço do pátio. O pátio ao estar aberto, exposto, sugere a ideia de relacionamento, de interação com a natureza, com o clima e com tudo o que o envolve.

Encontrando-se, através dos seus limites, acessível à chuva, ao sol, aos ventos, às pessoas, relaciona-se com o movimento, a inquietude, o cheio, o vazio, ou seja, está numa posição passiva aos acontecimentos.

Também assume essa característica quando está aliado ao facto de se estender, de se abrir e de estar descoberto. Este abrir-se refere-se à acessibilidade, ao estar suscetível. O pátio é um lugar limitado, que se desvenda. Quando existe, é o lugar de alguém, intimamente associado à ideia de casa e de espaço doméstico. É sempre um lugar acessível, nem que seja pelo caminho delineado até à casa à qual se justapõe.

As ideias de manifestar-se e ser evidente, em oposição, mostram-se como uma postura *ativa* perante o mundo. O pátio como delimitação de um lugar, faz-se ser visto, notado, e adquire uma razão de ser. Este lugar existe e é evidente na relação com os espaços da sua envolvente.

No texto “*la casa patio – una forma del hábito*”, Philip Weiss Salas, aborda os limites do pátio, realçando o valor primordial dos dois planos horizontais entre os quais o pátio permanece:

*“O pátio é um espaço constituído essencialmente por duas superfícies horizontais: a inferior como chão e a superior como céu aberto, e por uma serie de superfícies verticais que o delimitam e que normalmente o encerram. A definição esquemática deste espaço faz referência a características que se identificam com certo estado do ente pátio na sua condição originária como tipo.”*<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> Luiz Augusto dos Reis-Alves, arquiteto e urbanista, mestre em arquitetura na área de Conforto Ambiental (PROARQ/FAU/UFRJ), doutorando em arquitetura (PROARQ/FAU/UFRJ) e pesquisador da EAT/GRECO (Ecole d'Architecture de Toulouse / Groupe de Recherche Environnement Conception / França)

<sup>23</sup> [www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.063/436](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.063/436)

<sup>24</sup> BAHAMÓN, Alejandro; Ana María Alvarez. *Casas Patio: casas por tipologia*, Ed. Parramón Arquitectura y Diseño, Barcelona 2009 p.4, tradução livre da autora

Em conclusão, todas as definições remetem o significado de pátio para uma ideia de espaço limitado (ou mais que isso, um espaço possuído, vigiado e ao cuidado de alguém). Por estes limites entendem-se os limites horizontais, o céu, a terra e os limites verticais, que pode ser um só, ou vários, e que pode ser de várias naturezas. Assim o pátio é sem dúvida um espaço exterior que se conforma na relação dele próprio com o homem. É na variação de carácter e de carga simbólica destes limites que se vão diferenciar os pátios, a sua natureza e a sua relação com a habitação à qual estão vinculados.

Em todas as definições é possível perceber a ligação intrínseca que estabelece com o espaço da casa, fazendo parte da sua composição ou existindo simplesmente adjacente, de apoio às tarefas domésticas.

*“O pátio é um espaço do interior doméstico.”<sup>25</sup>*

## III.2 O PÁTIO NOS PRIMEIROS ASSENTAMENTOS

Segundo a apresentação dos acontecimentos que Norbert Schoenauer descreve no seu livro *6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente*<sup>26</sup>, é possível identificar e destacar os exemplos que se debruçam sobre o tema do pátio e através deles e da sua posição cronológica montar um raciocínio acerca da origem deste tema na habitação.

A expressão mais simples de um espaço aberto cercado, era a dos povos recolectores e caçadores primitivos. Os baMbuti, povo que habita a vasta região de Ituri em África, levanta ainda os seus acampamentos em clareiras na floresta, perto de um riacho, construindo vivendas efémeras ou cabanas perto dos extremos que definem um grande espaço aberto comunitário.

Os *cheyennes*, índios das pradarias norteamericas, caçadores peritos, formavam acampamentos transitórios colocando as suas tendas numa composição circular, cujas entradas olham para o centro do espaço aberto; a parte traseira das ditas vivendas encontra-se protegida por uma cerca de espinhos.

---

<sup>25</sup> RAMOS, Rui Jorge Garcia, *A CASA- Arquitectura e Projecto Doméstico na Primeira Metade do Século XX Português*, FAUP publicações, Porto, 2010, p.570

<sup>26</sup> SCHOENAUER, Norbert. *6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente*. Barcelona, Gustavo Gili, 1984

Algumas tribos contemporâneas seminômadas pastores, como os *masai*, localizam as suas cabanas na periferia de um terreno circular. O espaço do *kraal* masai, rodeado por uma alta grade de espinhos, tem no centro desta estrutura de cerramento um caminho para o gado, que o protege contra os animais selvagens.

Agrupamentos de vivendas ao redor de um pátio são muito frequentes nas comunidades que possuem uma economia agrícola. A habitação semipermanente *mesakin quisar*, é um dos protótipos mais representativos, assim como também outros agrupamentos que se encontram no continente africano.

*“O desenvolvimento da agricultura e a domesticação de animais representou uma evolução gradual na história do mundo e o efeito que produziu essa revolução na história do homem foi tão profundo como o da Revolução Industrial. Os agricultores que controlaram diretamente plantas e animais domesticados desenvolveram uma noção clara de propriedade e a sua posse.”<sup>27</sup>*

A evolução na forma das habitações descritas, cada uma delas representando uma sociedade com antecedentes socioeconômicos particulares, ilustra, de alguma maneira, a origem da casa pátio.

No entanto esta sequência exemplifica o desenvolvimento da casa-pátio desde um só ponto de partida: o processo evolutivo de adição, no qual um certo número de elementos construídos se justapõe ao redor de um espaço central aberto.

Este processo de adição não constitui no entanto a origem do conceito de pátio no caso das habitações comunitárias de grande tamanho. Por exemplo, os yanomamó, habitantes da selva do rio Orinoco que praticam a cultura rotativa, apresentam um processo evolutivo da casa pátio, que não é aditivo. Quando a tribo é ainda relativamente pequena, acolhe-se em habitações circulares comunitárias com um buraco no centro, para a exaustam dos fumos do fogo, chamadas *shabono*. Assim que o número de integrantes da tribo aumenta e se esgota o potencial dos seus campos, abandonam o edifício antigo e limpam outra zona maior. Constroem um novo edifício circular maior que o anterior, mas devido à limitada capacidade de ampliação deste tipo de estruturas a forma construída evolui até construir um arco no qual o orifício para os fumos de transformou num pátio.

---

<sup>27</sup> **SCHOENAUER**, Norbert. *6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente*. Barcelona, Gustavo Gili, 1984. P.71, tradução livre da autora

Assim, nos exemplos que se seguem, estão plasmadas as diversas razões que levaram o homem a definir um pátio, um espaço aberto contíguo à casa, que serve de apoio ao espaço interior doméstico. Este espaço que se pode configurar por um processo de adição ou por um processo evolutivo<sup>28</sup> da casa, assume por fim, em qualquer um dos casos, o papel preponderante e a sua forma une-se à casa de forma indissociável devido ao apoio indispensável que presta à vida no homem, no seu quotidiano e na sua forma de vida.

### **III.2.1 CASOS DE ESTUDO**

. BAMBUTI

. YANOMAMÓ

. MASAI

. MESAKINES QUISAR

. GODON

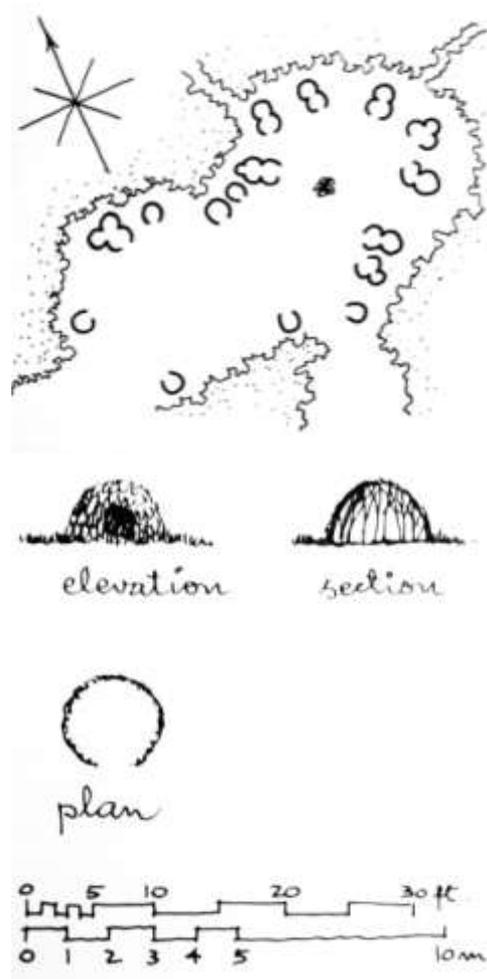
. JACAL MEJICANO

. PUEBLO

. CASA DE LAVOURA ESLOVACA

---

<sup>28</sup> Processo de dilatação de um espaço construído que vai progressivamente ganhando a dimensão necessária para o surgimento de um espaço exterior no seu interior.



**Fig. 1** - Planta esquemática de um acampamento de bambuti, povo que habita a vasta região de Ituri em Africa, desenho de SCHOENAUER, Norbert. *6.000 years of housing*. New York, Norton and Company, 2000, p.19

**Fig. 2** - Esquemas de alçado, corte e planta de um acampamento de bambuti, povo que habita a vasta região de Ituri em Africa, desenho de SCHOENAUER, Norbert. *6.000 years of housing*. New York, Norton and Company, 2000, p.20

**Fig. 3** - Desenho que ilustra um acampamento de bambuti, povo que habita a vasta região de Ituri em Africa, desenho de SCHOENAUER, Norbert. *6.000 years of housing*. New York, Norton and Company, 2000, p.21

## **baMbuti**

Os BaMbuti, habitantes da Floresta Ituri, em África, vivem em cabanas efémeras por si construídas.

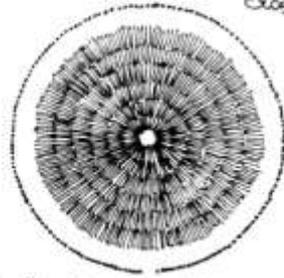
A Floresta Ituri, é uma enorme floresta, densa, escura e inóspita, à qual os baMbuti chamam floresta *Ndura*, que significa no seu dialeto, o mundo inteiro.

Normalmente esta tribo constrói as suas cabanas numa clareira que se encontre junto a um curso de água, posicionando-as nos extremos da clareira, o mais perto possível das árvores do seu perímetro.

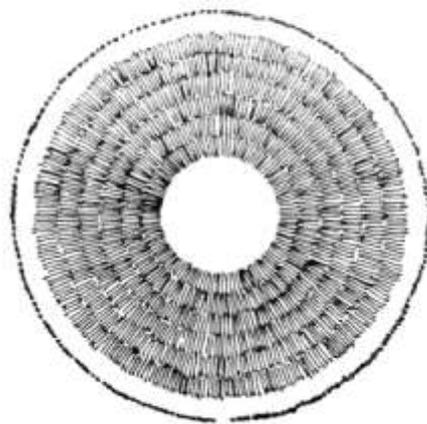
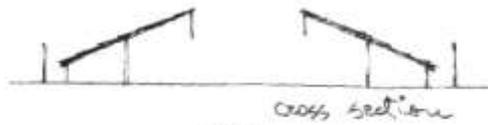
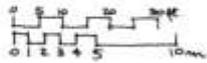
Dependendo do número de cabanas construídas, formam-se vários espaços circulares comuns. O fogo é feito fora da cabana, à entrada, excetuo nos dias chuvosos, em que é feito dentro da cabana.

As entradas das habitações orientam-se em diferentes direções dependendo das relações familiares ou de amizade que se estabelecem entre os ocupantes das cabanas vizinhas, mas nunca se direcionam no sentido da floresta, voltando-se sempre para dentro da clareira.

Assim, o espaço apropriado pela tribo é demarcado por um limite natural, por uma linha de árvores que separa a floresta da clareira, e pela linha de água do riacho.



roof plan - stage 1



roof plan - stage 2

Fig. 4 - Corte e Planta (estágio 1) do shabono dos yanomamó, habitantes da selva do rio Orinoco, desenho de SCHOENAUER, Norbert. 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984. P.34

Fig. 5 - Corte e Planta (estágio 2) do shabono dos yanomamó, habitantes da selva do rio Orinoco, desenho de SCHOENAUER, Norbert. 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984. P.34

## **yanomamó**

Os índios yanomamó, que habitam junto ao rio Orinoco, no sul da Venezuela, praticam a agricultura rotativa.

Esta comunidade vive numa casa circular comum, que se chama *shabono*.

Quando o *shabono* está completo, mostrando-se pequeno demais para a comunidade, ou quando os campos já não apresentam condições ideais para o cultivo, os yanomamó abandonam a sua casa e abrem uma nova clareira. Limpam e arranjam um lugar perto de um potencial pedaço de terra e constroem uma nova casa com as dimensões adequadas ao número de habitantes da comunidade.

A casa não apresenta divisões de carácter físico no seu interior, mas está constantemente subentendida a área que corresponde a cada elemento da comunidade. Cada um constrói a sua parte do conjunto, e fá-lo com a madeira que a natureza desse lugar disponibiliza.

A construção da cabana pode efetuar-se por partes, até atingir a ocupação máxima do perímetro determinado pelo buraco central.

O máximo do proveito da área à volta da cabana, que inicialmente se materializa num só buraco onde se fazia um fogo, passa assim a ser um pátio comum, um espaço exterior de carácter doméstico. O fogo está presente no centro da casa com o objetivo de beneficiar de igual forma todas as famílias com o seu calor.

A evolução do *shabono*, marcada pela construção consecutiva de casas que se adaptam às condições da comunidade, determinando através do seu tamanho, o tamanho do buraco central que lhe corresponde, é um exemplo importante para a análise das razões primárias que levaram ao surgimento de um espaço exterior doméstico no interior da casa.

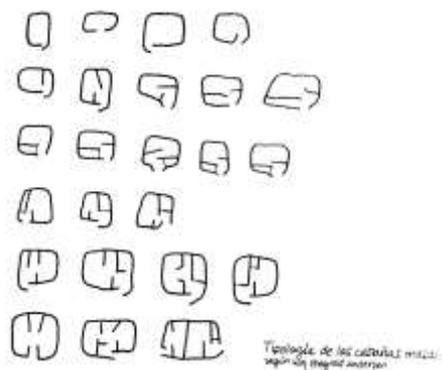
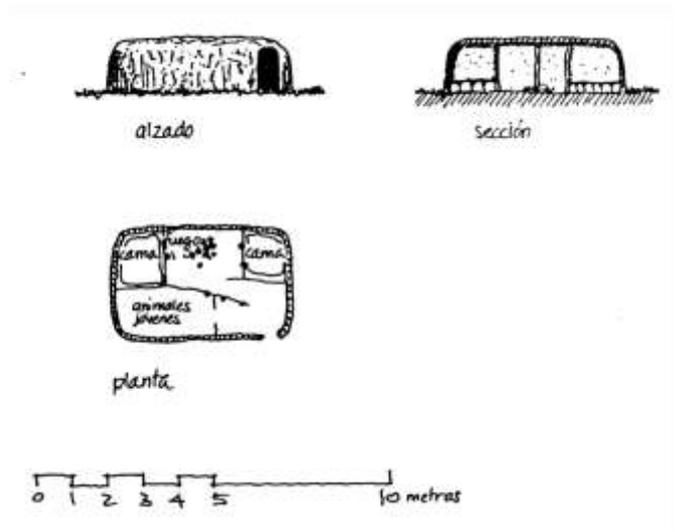


Fig. 6 – Alçado, corte e planta – a Cabana masai, desenho de Kaj Blegrad Andersen. SCHOENAUER, Norbert. 6.000 years of housing. New York, Norton and Company, 2000, p.65

Fig. 7 – Tipologia das cabanas masai, desenho de Kaj Blegrad Andersen. SCHOENAUER, Norbert. 6.000 years of housing. New York, Norton and Company, 2000, p.66

Fig. 8 – Representação de Kraal masai, desenho de Kaj Blegrad Andersen. SCHOENAUER, Norbert. 6.000 years of housing. New York, Norton and Company, 2000, p.66

## **masai**

Os *bomba*, refúgios das tribos masai, que habitam nos prados do Quênia e Tanzânia, são vivendas estacionais.

Pequenos grupos de famílias masai viajam segundo as estações do ano e pastoreiam gado de forma cíclica, seguindo as chuvas e a existência de pastos. Esta dedicação ao gado tornou-os peritos no cruzamento entre espécies, convertendo-os nos pastores mais ricos de África.

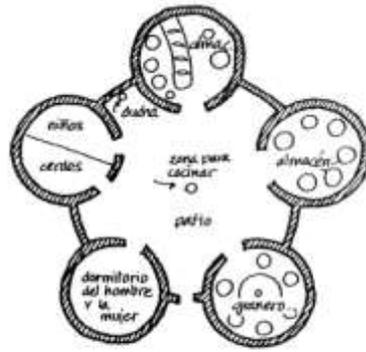
A vivenda dos masai, *bomba*, é um kral em forma de aro circular com altas cercas de espinhos onde, adjacente a esta cerca protetora, se constroem varias cabanas.

Assim, a conformação das casas masai com a cerca de espinhos delimitam e constroem um recinto, privado, e a sua função é de proteger, cuidar, vigiar (ideia de posse) o seu gado que durante a noite é conduzido até ao espaço central do kraal, onde fica protegido dos animais selvagens.

O fogo, nesta tribo, ainda se faz dentro da habitação. O interior, iluminado unicamente através de uma delgada porta, está dividido em duas áreas de uso específico. O muro separa o curral para animais jovens, da zona de vida doméstica onde duas camas se dispõem em ambos os lados do fogaréu.



alzado



planta



Vivienda mesakin quisar,  
según Oscar Joz



Grupo de viviendas mesakin quisar

**Fig. 9** - Alzado e Planta de uma casa Mesakin Quisar, povo que ocupa o Sudão, desenho de SCHOENAUER, Norbert. 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p.75

**Fig. 10** - Grupo de casas Mesakin Quisar, desenho de SCHOENAUER, Norbert. 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p.76

## **mesakines quisar**

Os mesakines quisar, grupo “nuba” do Sudão, habitam em grupos de cabanas redondas que tipificam a vivenda semipermanente multi-unitária.

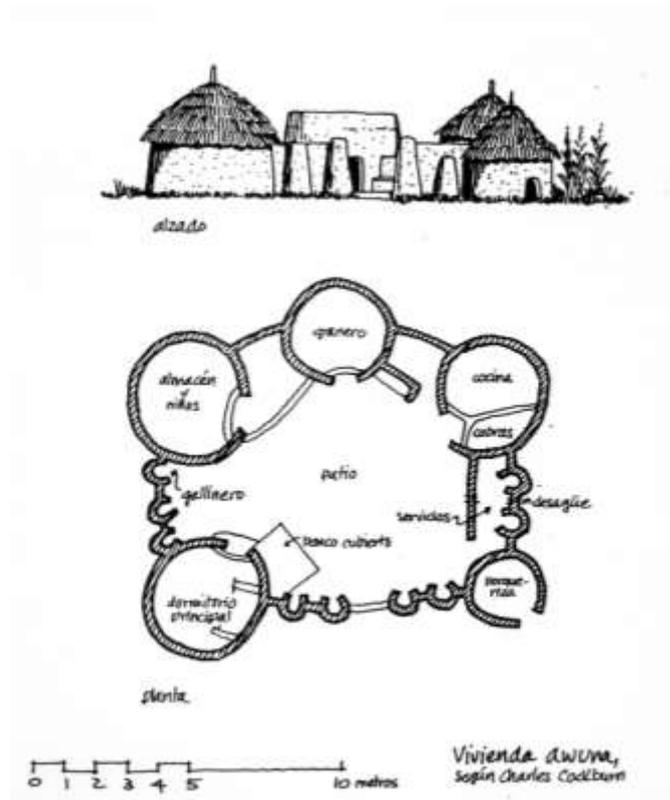
A actividade principal dos mesakines é o cultivo do seu alimento básico, o *durra*, uma espécie de milho-miúdo.

A típica vivenda mesakin consiste em cinco ou seis cabanas de pedra redondas, sem janelas, organizadas à volta de um pátio interior.

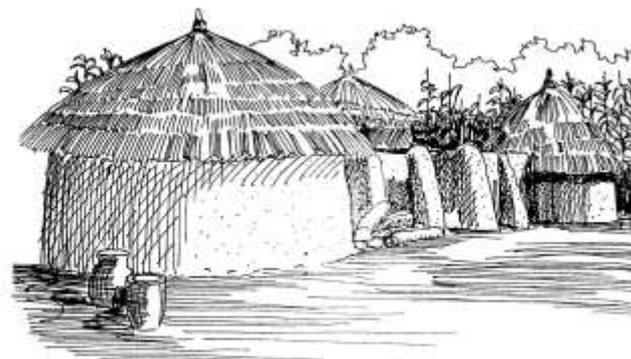
O pátio deste agrupamento circular é o espaço principal da vivenda masakin, e é onde se leva a cabo a maioria das actividades sociais. É neste pátio privado, semicoberto, que funciona como zona social da casa, onde geralmente está a cozinha familiar e o fogaréu formado por três pedras arredondadas que suportam as vasilhas e as panelas ao seu redor.

O pátio funciona também como distribuidor da casa, já que é a partir dele que se acede a todas as cabanas que se distribuem ao longo do seu perímetro.

O teto do pátio é uma estrutura de ervas e ramas, em forma de pérgola. Visto ser nesta zona central que se faz o fogo, o teto é semiaberto para que possa expelir o fumo. Como também a água entra pelos espaços abertos, a base prepara-se cuidadosamente para que drene facilmente a água da chuva desde o pátio interior ao exterior.



Vivienda Awuna, según Charles Coulburn



Vivienda patio Awuna

Fig. 11 - Alçado de uma casa Awuna, grupo que habita no Ghana e Alto Volta, desenho de SCHOENAUER, Norbert. 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p.77

Fig. 12 - Planta de uma casa Awuna, desenho de SCHOENAUER, Norbert. 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p.77

Fig. 13 - Casa pátio Awuna, desenho de SCHOENAUER, Norbert. 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p.78

## **awuna**

Vivenda pato awuna – os awuna (o-fra-fra) - é o típico exemplo africano de vivenda circular agrupada das tribos que habitam as regiões do Gana e o Alto Volta.

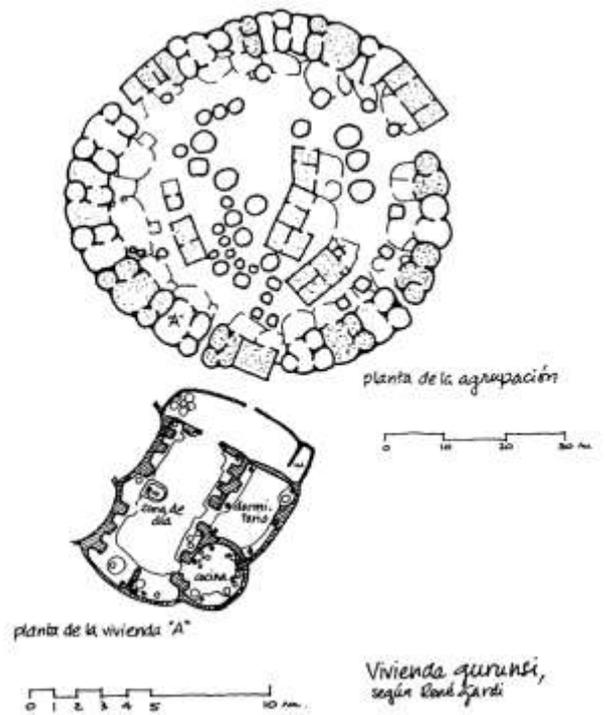
Cada vivenda é formada por um agrupamento de cabanas circulares que se viram para um pátio central e cercada por um muro ovalado que contém o gado. Dentro do recinto central existem também elementos construídos especificamente para guardar as aves domésticas, como os ninhos de forma cónica.

A cozinha (o fogo) está encerrada numa das cabanas da vivenda, e o pátio, totalmente aberto para o céu, está especialmente desenhado para receber as águas das chuvas e drená-las até às zonas das casas de banho. O pátio tem um ligeiro desnível, de forma a que a água da chuva drene através de um canal que passa por baixo da parede exterior adjacente à área do banho e saia da zona doméstica.

O pátio das habitações awuana é usado principalmente como espaço social e distribuidor da casa, e é notório um cuidado especial na construção de elementos que promovem a estadia nesse lugar.

A secção do pátio que se usa como torrador está cercada por um muro baixo de 30cm que serve como banco, construído especialmente com esse intuito, tal como os bancos baixos moldados na parede que rodeia a cozinha

É interessante como, para além da importância dos muros que são limites mas que têm dimensões para, também, serem bancos, começa-se a perceber a importância dos espaços de permanência, exteriores cobertos, quando o teto de palha do dormitório principal é construído de forma a estender-se mais para lá do muro, obtendo-se assim um espaço exterior coberto perto da entrada do agrupamento.



**Fig. 14** - Planta de una casa Gurunsi e do seu agrupamento, grupo que habita na região do Alto Volta, desenho de SCHOENAUER, Norbert. 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p.79

**Fig. 15** - Agrupamento de casas Gurunsi e árvore baobab, desenho de SCHOENAUER, Norbert. 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p.80

## **gurunsis**

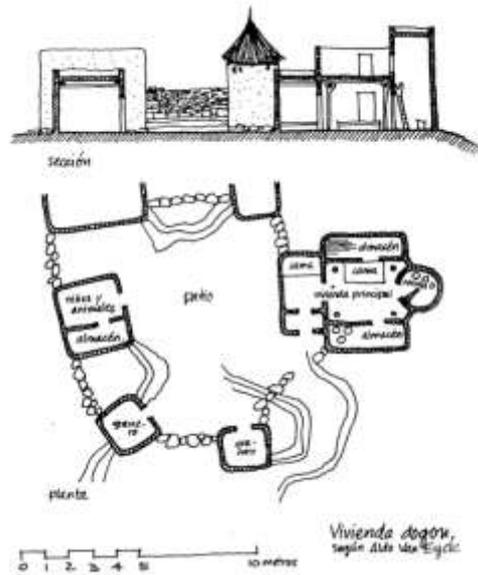
Os gurundis habitam também na região do Alto Volta, mas contrastando com os seus vizinhos, os awuwas, estes vivem em grandes complexos multifamiliares.

As casas individuais ocupam a periferia do complexo e encerram um grande pátio. É neste vazio, em torno do qual o agrupamento se organiza, que se encontram a vivenda do chefe da família, numerosas despensas, celeiros e estábulos, atribuindo um grande valor a este espaço central.

Não menos importantes são os pátios privados de cada casa, espaços abertos definidos por muros de diferentes alturas para garantir a privacidade. Uma das esquinas do pátio particular usa-se como cozinha auxiliar e a outra zona como zona de lavagens. Este pequeno pátio cercado que configura a entrada de cada vivenda, e o terraço da cobertura, são espaços importantes para a vida do usuário que passa a maior parte do tempo ao ar livre.

A cobertura plana que se converte em plataforma dormitório durante as noites quentes, outras vezes é usada como secadouro ou, inclusivamente, em algumas ocasiões, como galinheiro.

Desde o exterior, o complexo parece uma fortaleza, já que as vivendas da periferia não têm janelas. A entrada principal deste grande conjunto está localizada perto de uma árvore, “boabab”, e tal como as entradas secundárias, permanece fechada durante a noite.



**Fig. 16** - Planta e alçado de uma casa Dogon, grupo que habita na região do Mali, desenho de SCHOENAUER, Norbert. 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p.81

**Fig. 17** - Povoado Dogon tipo Meseta, desenho de SCHOENAUER, Norbert. 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p.83

**Fig. 18** - Povoado Dogon tipo Riscoi, desenho de SCHOENAUER, Norbert. 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p.82

## **dogon**

Os dogon vivem em aldeias formadas por comunidades compactas perto dos penhascos do planalto de Bandiagara, no Mali, em África.

Ao contrário das vivendas mesakines, que se encontram dispersas pela paisagem, os agrupamentos dogon constroem-se juntos uns aos outros até formar assentamentos. As vivendas dogon agrupam-se constituindo uma comunidade que não é unicamente formada por casais da mesma família. Esta faceta coletiva da vida dos dogon explica a natureza compacta das suas comunidades.

O pátio destas vivendas é um espaço social, principal para toda a família, onde esta se reúne e permanece. Para além de espaço social é o espaço onde se concentram os serviços: zona de cozinha, oficina e curral para animais domésticos durante a estação seca.

O pátio é o espaço distribuidor da casa, apesar de alguns compartimentos estarem unidos numa só edificação. A cabana principal é um complexo habitacional que comporta uma ante-sala, quarto familiar, despensa e cozinha que se utilizam durante a estação das chuvas.

Por cima da cobertura da cozinha é recorrente a existência de um terraço. Um dos pontos mais importantes das grandes vilas é a praça pública, para a qual se viram esses terraços.

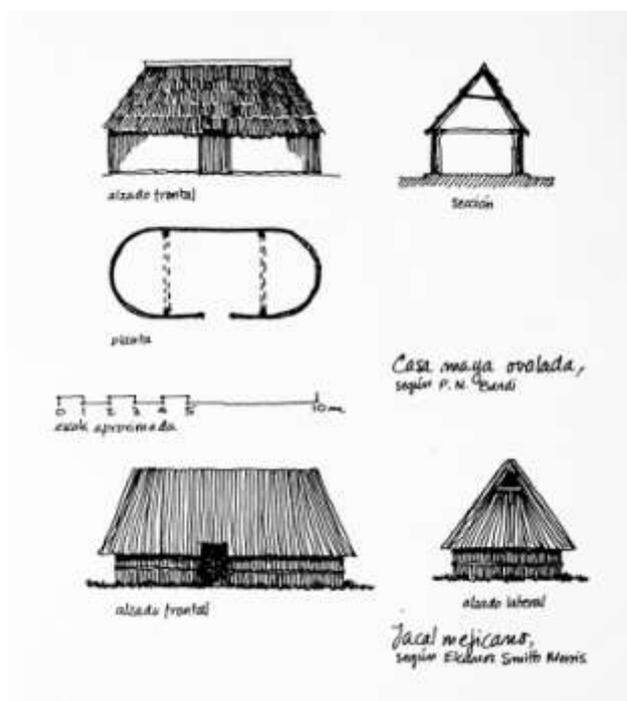
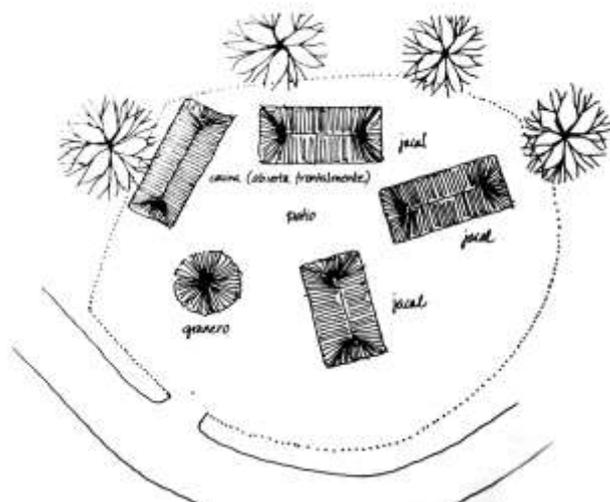


Fig. 19 - Agrupamento Jacal Mexicano, grupo que habita nas planícies semidesérticas do Arizona e Novo México, desenho de SCHOENAUER, Norbert. 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984. P.85

## **jacal mejicano**

O jacal, vivenda similar à casa ovalar maia, encontra-se no sul do México, e os seus habitantes são agricultores primitivos descendentes das tribos indígenas.

Geralmente o jacal forma parte de um agrupamento de vivendas, que se distribuem de um modo pouco formalizado, rodeadas por uma cerca feita de talos de milho.

O jacal que serve de dormitório tem uma forma retangular e a única abertura que apresenta é uma porta de entrada que estabelece a relação interior-exterior necessária. Apesar de não ter janelas o sistema construtivo da vivenda garante a ventilação do espaço. É construída com talos de milho atados com atilhos e o espaço entre os talos permite que passe o ar através da cabana. A jacal da cozinha é semelhante às cabanas que servem de dormitórios, mas tem um ou mais lados abertos para o pátio.

Perto do centro do conjunto há um celeiro circular que também participa na formalização de um espaço interior para onde todas as cabanas se viram, o pátio.



**Fig. 20** – Alçado, planta e desenho de uma casa de lavoura eslovaca. Desenhos de Ladislav Foltgn. SCHOENAUER, Norbert. 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p.81

## **pueblo**

O *pueblo* é um exemplo da vivenda coletiva e semipermanente, habitado pelas tribos índias hopi, zuni, acoma e outras, que vivem nas planícies semidesérticas do Arizona e Novo México.

As vivendas colectivas dos índios *pueblos* são compostas por numerosas habitações, às vezes centenas.

Todos os compartimentos formam uma grande estrutura homogênia em forma de arquibancada que geralmente tem de três a cinco pisos. Cada cobertura está recuada em relação à que se encontra por baixo dela, transformando todo o complexo num sistema de terraços que culmina, na cota mais baixa, no encerramento de uma ou mais praças.

Se do centro da praça o *pueblo* é visto geralmente em forma de arquibancada, desde o exterior, o complexo, aparece como o muro de uma fortificação.

O *pueblo* é uma estrutura de assentamento evolutiva, que possui o espaço necessário tanto para diminuir como para aumentar o número de habitantes. Como resultado da construção de unidades adicionais e a demolição de outras secções, o volume e a sua forma mudam periodicamente.

Tradicionalmente, as paredes exteriores não têm porta, só pequenas janelas. Para aceder às habitações há uma abertura na cobertura através da qual se desce até ao interior, por uma escada de madeira.

Nos terraços da cobertura os habitantes sentam-se, dormem, secam a colheita e também os usam como palcos para observar as cerimónias religiosas e danças que se levam a cabo na praça.

Assim, o *pueblo*, vive o espaço exterior a partir dos seus terraços, ou pátios, visto serem lugares de carácter íntimo e de serviço, parte do espaço interior doméstico projetado para fora, organiza-se em volta de uma praça, um grande pátio de carácter social.



Fig. 21 – Alçado, planta e desenho de uma casa de lavoura eslovaca. Desenhos de Ladislav Foltg. SCHOENAUER, Norbert. 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p.81

## **casa de lavoura eslovaca**

A granja eslovaca é um exemplo de vivenda rural com pátio. Este constitui uma característica intrínseca da maioria das vivendas de agricultores que praticam a economia agrícola de excedentes.

Este pátio, pelo qual se realiza a entrada na casa, está configurado pela vivenda (sempre que possível orientada a sul) e por outro edifício paralelo que serve como celeiro, estábulos e armazéns. Uma grade coberta no lado que dá até à rua, a casa de banho e outra cerca na parte de trás, completam o encerramento do pátio.

É a partir deste pátio que se estabelece o primeiro contacto com espaço doméstico da casa. É a partir dele que se faz a distribuição para os diferentes compartimentos que definem este conjunto, sejam eles de carácter mais íntimo (relacionados com o programa da habitação) ou de carácter mais público (relacionados com espaços de trabalho).

### III.2.2 CONCLUSÃO

Paulhans Peters, autor do livro *Casas unifamiliares*, resume os fatores que despoletaram a necessidade de conformação do pátio nos primeiros assentamentos desta forma:

*“Desde a defesa contra intrusos ao abrigo das condições climatéricas, existiram motivos que levaram as primitivas colónias humanas a encontrar formas de casas em que os diferentes espaços se agrupam em redor de um pequeno pátio, que era simultaneamente zona de distribuição, lugar de permanência e muitas vezes inclusive cozinha.”<sup>29</sup>*

Parece uma afirmação plausível se entendermos por *“defesa contra intrusos”*, a referência ao espaço exterior como lugar privado e seguro, onde se podem guardar todos os bens, como o gado; e se *“ao abrigo das condições climatéricas”*, se referir à relação com as condições climatéricas, ou de forma mais clara, à relação com os fenómenos físicos e naturais. Em relação à existência de *“motivos que levaram as primitivas colonias humanas a encontrar formas de casas em que os distintos espaços se agrupam em redor de um pequeno pátio, que era simultaneamente zona de distribuição, lugar de permanência e muitas vezes inclusive cozinha”*, é plausível esta afirmação, principalmente quando mencionamos o sistema casa-pátio como um tipo particularmente adequado à construção de cidade compacta. Referimo-nos, neste caso, ao pátio como um espaço de grande importância social relativamente ao tema da privacidade, espaço doméstico exterior e articulador de vizinhança.

---

<sup>29</sup> PETERS, Paulhans. *Casas unifamiliares con patio*, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1969. p.7, tradução livre da autora

### **III.3 CARACTERIZAR O PÁTIO**

Em resumo, o pátio é: espaço exterior agregado à casa, limitado e a céu aberto.

Sem nos debruçarmos sobre a função do pátio, em relação à casa, de apoio à casa, tal como a sua definição propõe, focamos a análise na relação do homem com o pátio, na forma como o homem com ele coexiste em relação a este, o que dele e nele percebe.

Iremos analisar a forma como o homem se sente no pátio e em relação a ele, como é que o constrói e que tipo de limites usa para o conceber. Partiremos do princípio que o pátio, numa relação pátio-homem, é como o reflexo de uma posição que o homem assume em relação ao mundo, em relação aos três limites: a terra como limite horizontal inferior, os limites laterais e o céu como limite horizontal superior.

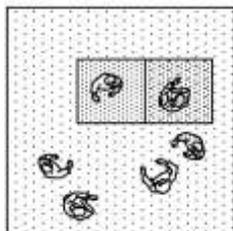
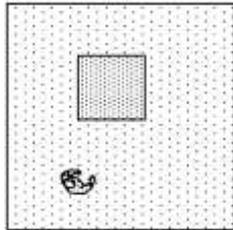
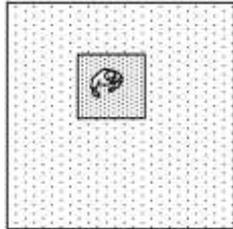


Fig. 22 – Esquema do espaço exterior apropriado enquanto espaço possuído. Desenho feito pela autora.

Fig. 23 - Esquema do espaço exterior apropriado enquanto espaço vigiado. Desenho feito pela autora.

Fig. 24 - Esquema do espaço exterior apropriado enquanto espaço privado. Desenho feito pela autora.

### III.3.1 ESPAÇO EXTERIOR APROPRIADO

Relação com o limite inferior - a terra -

- **Enquanto espaço possuído**

Relação entre o homem e o lugar

POSIÇÃO (do homem) INTEGRANTE (DENTRO) (no mundo existe um lugar, e o homem possui esse lugar. O homem é o lugar na medida em que é dele. Pertence e por isso “É”. O homem, em termos esquemáticos está dentro do lugar porque qualquer área é dele, e “é” ele).

- **Enquanto espaço vigiado**

Relação entre o homem e o mundo

POSIÇÃO (do homem) EXTERIOR (a palavra vigiar pressupõe a existência de dois sítios, dois pontos, dois lugares. O lugar vigiado e o sítio onde estão os olhos de quem vigia. Estes olhos podem estar em qualquer outra parte do mundo, só têm de existir).

- **Enquanto espaço privado**

Relação entre o homem e os outros homens, relativamente ao lugar

POSIÇÃO (do homem) LIMITE (relação de poder que os homens declaram e deixam bastante claro aos outros. O limite circunscreve o lugar e não deixa margem para dúvidas).

Espaço que é de alguém, que por ser de alguém, correspondente a alguém, e é automaticamente diferente dos outros espaços.

O homem reconhece-o como seu. Espaço pensado, cuidado. O proprietário tem responsabilidades sociais em relação a ele.

Quando falamos do espaço privado falamos da área em si, ainda não falamos de limites mas sim do espaço existente, que se localiza em determinado sitio, com determinadas coordenadas.

Espaço enquanto lugar. Determinado pelo homem. Esta é uma decisão e julgamento do homem por isso é um espaço determinado em relação ao homem. Pedaco de terra. Plano, duas dimensões.

### **II.3.2 ESPAÇO EXTERIOR LIMITADO**

Relação com os limites verticais - a cerca -

- **Espaço com determinadas dimensões (potenciais dimensões para algo)**
  
- **Espaço com determinadas características devido aos seus limites, devido à existência de limites (incluindo respostas a características climatéricas)**
  
- **Espaço com determinadas características não só devido à existência de limites mas devido à natureza (carácter) desses limites**

Espaço fisicamente limitado. Quando falamos do pátio, a partir do primeiro momento em que o limite se desenha no chão, o espaço que era até então exterior passa a ser interior. O espaço vira-se para dentro, mas pode projetar-se para o interior ou para o exterior dependendo das características dos limites.

As distâncias entre os elementos delimitadores do espaço provocam relações. Estas dimensões permitem determinado acontecimento dentro do constrangimento. Os limites vão caracterizar o espaço. Vão determinar a sua interpretação e utilização.

## LIMITES

**Linha** - Os limites naturais constituídos pelas árvores (da clareira) e pelo riacho são determinados por uma linha imaginária que delimita de forma incerta um lugar. Este limite está constantemente a transformar-se e está completamente fora do alcance do homem controlar a sua posição.

**Muro** – Os limites construídos que alternam entre habitações e muros (qualquer que seja a sua natureza) delimitam o lugar do pátio. O muro é uma entidade capaz de ser alterada sem pôr em causa a existência das partes, isto é, o muro pôde crescer aumentando assim a área do pátio, sem que deixe de ser muro e sem que o pátio deixe de ser pátio.

**Volume habitado** – A casa é o limite do pátio. Sempre que o pátio é construído exclusivamente por volumes habitados, isto é, a partir do momento em que se habita o limite este não pode ser alterado sem por a sua própria natureza em causa. Nestes casos, se há necessidade de aumentar ou diminuir a área do pátio, está implícito na resolução do problema a construção de uma nova (outra) casa.

### II.3.3 ESPAÇO EXTERIOR A CÉU ABERTO

Relação com o limite superior - o céu -

- **Luz** (Luz como elemento essencial na vida do homem. Tomada de consciência em relação à passagem do tempo, aos dias e as noites, as estações do ano.)
- **Olhar em direção ao céu** (referências - o sol, a lua e as estrelas.)
- **Conotação religiosa, espiritual** (céu – abóbada celeste, o infinito, o desconhecido, as crenças.)
- **Exposto à chuva** (relação com os fatores físicos, a chuva que cai com a força da gravidade.)
- **Saída direta do fumo** (relação com os fatores físicos, fumo que sai devido às propriedades do ar quente que sobe e cria uma corrente)
- **Espaço ao ar livre, relação com a natureza** (o homem que precisa de se manter em contacto com a natureza e com o ar livre.)

O pátio recebe a luz do dia. Este lugar limitado “vira-se” para todos os pontos cardeais por estar virado para o céu. Pode ser até um lugar exterior sem referências para além do sol, da lua, das estrelas.

A relação dele com a chuva e com o fogo (fumo) é puramente física, de natureza científica. A chuva cai perpendicular ao seu plano do chão, e o fumo sobe no mesmo sentido com direção contrária, da terra para o céu.

É uma ligação básica que remete para todas aquelas simples perguntas para as quais ninguém tem a resposta. O céu representa o desconhecido, o inalcançável. No pátio, pode-se estar onde se quiser, imaginar todos os cenários ultrapassando os limites do próprio céu.



## **IV CASA-PÁTIO**

## IV.1 O ESPAÇO EXTERIOR COMO CENTRO E A CASA-PÁTIO

*“A abertura da casa sobre o exterior implica que sejam observados não só os dispositivos de articulação e transição entre estar dentro e estar fora da casa mas também reconhecer que a sua utilização na construção do espaço doméstico vai produzir diversos entendimentos dessa relação.”<sup>30</sup>*

Não interessa só analisar os limites físicos que separam o interior e o exterior, que determinam o estar dentro e o estar fora. O conceito de espaço “interior” e “exterior” existe enquanto classificação de um determinado espaço em relação a outro. Afinal, um espaço exterior pode estar “dentro”, fazer parte de um espaço qualificado como interior num outro sistema comparativo.

Por exemplo: podemos nos considerar dentro de casa quando estamos no pátio. É legítimo dizer que estamos no interior da casa, mesmo estando num espaço exterior, porque a relação que se estabelecer neste caso compara a rua e a casa. No pátio, alguém só pode afirmar que está “fora de casa”, quando a relação que se estabelece relaciona os elementos constituintes da própria casa. Assim, a casa comporta em si (na sua unidade), a sua área exterior e a sua área interior, a sensação de estar “dentro” e estar “fora”, apesar da casa ser sempre um espaço

---

<sup>30</sup> RAMOS, Rui Jorge Garcia, *A CASA- Arquitectura e Projecto Doméstico na Primeira Metade do Século XX Português*, p.568

interior, como abrigo, como suporte primário da vida do homem que o protege do exterior desconhecido e constrói um lugar que é seu, e que se torna a projeção do seu interior seguro.

*“A importância do exterior pode ser determinante na organização do interior da casa, transformando-se no seu centro conceptual e formal. Nesta situação, a casa passa a ser determinada por um exercício intenso, de abertura do espaço interior sobre o exterior envolvente. Nele serão tomadas as diversas decisivas formas de valorização, da envolvente natural e construída, e o processo como a casa as vai articular.”<sup>31</sup>*

Desta forma, o entendimento sobre o que é interior ou exterior, dentro ou fora, está intimamente ligado à organização da casa e dos seus usos. Está dependente da maneira como a dinâmica doméstica do interior se apropria do espaço exterior, estendendo-se de forma mais ou menos proeminente, ou por outro lado, do modo como o espaço exterior da casa invade o interior tirando partido dele.

*“Uma das formas que melhor reflete esta articulação é a que é desenvolvida desde o tipo casa-pátio. A conceptualização desta ideia de espaço exterior como centro da organização da casa culmina ou maximiza este processo de relação entre interior e exterior; toda a casa é voltada para um espaço fora dela que passa a ser uma parte indissociável.”<sup>32</sup>*

## IV.2 DIFERENÇA ENTRE CASA-PÁTIO E CASA COM PÁTIO

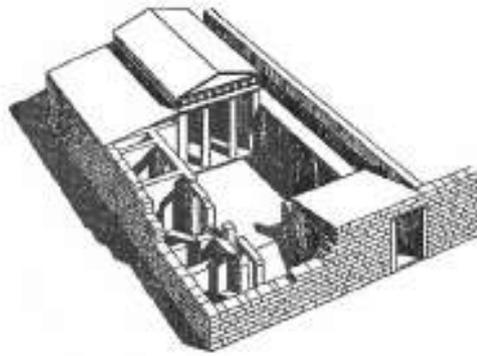
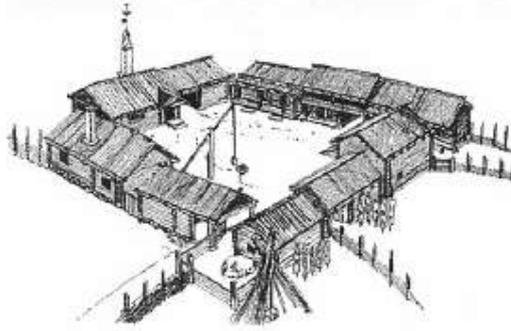
*“São muitas as casas e edifícios nas nossas cidades nos quais encontramos o pátio como um meio habitual de organizar a sua forma. Este, ao particularizar-se num lugar e com os determinantes de uma cultura, adotou diferentes papéis na Arquitectura e caberia pensar que, pela sua diversidade, o pátio é antes uma predisposição ao assentamento que um tipo bem definido”<sup>33</sup>.*

---

<sup>31</sup> RAMOS, Rui Jorge Garcia, *Op. Cit.*, p.568

<sup>32</sup> RAMOS, Rui Jorge Garcia, *Op. Cit.*, p.569

<sup>33</sup> LLECHA, Joan ; Carles Martí; Jordi Ros; Xavier Ferrer; Núria Parés; Gemma Rolduà; Mònica Sánchez – *DPA 13 PATIO Y CASA*, Ed. Departament de Projectes Arquitectònics. UPC, Barcelona, 1997, p.6, tradução livre da autora



**Fig. 25** - Granja em Carélia, Rússia, registada por Johannes Spalt e Werner Blaser, em Pátios – 5000 años de evolución desde la antigüedad hasta nuestros días, ed. Gustavo Gilli, Barcelona, 1997, p.8

**Fig. 26** - Casa XXIII de Priene, Grécia, séc. IV a.C., registada por Antón Capitel, em La Arquitectura del Pátio, ed. Gustavo Gilli, Barcelona, 2005, p.13

Nuno Arenga revela na sua tese, *O saguão na habitação urbana – o interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear*, que:

*“Parecem existir duas vertentes diversas no reconhecimento da tipologia da casa-pátio:*

*a) Aquela que inclui as construções e os agrupamentos de construções em torno de um pátio, independentemente da ordem e coerência formal do conjunto (Fig.26);*

*b) Aquela que considera, num sentido mais estrito, a organização de uma construção única em torno de um pátio, enquanto sistema unitário de organização formal e espacial, centrado na definição e na presença nuclear desse pátio, como elemento compositivo fundamental (Fig.27).*

*A primeira vertente debruça-se principalmente sobre a arquitectura vernacular, fornecendo as pistas essenciais das diferentes genealogias da casa-pátio, e revelando a sua universalidade e temporalidade.*

*A segunda vertente incide principalmente sobre a arquitectura erudita, e sobre a investigação do pátio como entidade fundadora de uma ideia de arquitectura, capaz de definir um sistema de organização formal e espacial.”<sup>34</sup>*

Como vimos no primeiro capítulo, a origem do pátio ocorreu como reflexo da necessidade do homem em conformar um lugar exterior, junto da casa, que fosse privado. Assim este espaço exterior complementava o espaço interior, onde por razões de ordem prática não era possível executar todas as tarefas domésticas. A partir desta lógica, a casa e o pátio passam a constituir, juntos, um princípio (um conjunto de regras), um tipo de habitação. Por fim, suas características intrínsecas revelaram grandes potencialidades, não só de ordem prática mas também simbólica.

Assim, a casa “aprendeu” a usufruir do pátio das mais variadas formas, convertendo-o num termo genérico que pode referir-se a situações formais muito distintas num amplo reportório de soluções históricas.

A experiência no desenho de vivendas abre um espectro enorme de possibilidades em relação às múltiplas formas de disposição do pátio, e da sua importância como recurso na qualificação do habitar.

---

<sup>34</sup> REIS, Nuno Arenga, *O saguão na habitação urbana – o interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear*, tese para a obtenção do grau de Doutor em arquitectura, FAUTL, Lisboa, 2009. P.30

Por isso, é importante distinguir a *casa-pátio* de *casa com pátio*: Existem casas que fazem um uso relevante e importante deste lugar. Como um jogo de espaços cheios e vazios que servem não só para recolher a luz e o ar livre necessários para as áreas interiores, mas também se dispõem como lugares de permanência ou com atributos formais e organizativos, determinantes para a dinâmica da casa.

Ou, por outro lado, casas em que por costume se chama “pátio” à parte sem ocupar, na zona anterior ou posterior do lote.

Na casa com pátio, os atributos que as características do pátio conferem a um espaço, são só um valor relativo, adquirido pela sua relação com os outros elementos da composição do edifício. O pátio da casa-pátio comporta-se em sintonia com todos os componentes da edificação, e em conjunto conquistam o hábito da casa.

Com isto se quer realçar o *“amplo uso do termo pátio e insistir em identificá-lo como peça fundamental da composição da casa”*<sup>35</sup>. Afastando-se da ideia de casa com pátio, a casa-pátio é *“um enunciado que se antepõe à forma”*<sup>36</sup>.

As palavras de Antón Capitel em *La arquitectura del Patio* reforçam e aclaram estas determinações:

*“O pátio não é só um elemento principal na história da arquitectura, desde a antiguidade até à idade moderna, como todos sabemos; é também a base de um verdadeiro sistema de composição, o suporte de um modo de projetar tão universal como variado. [...] O pátio como modo de habitar, como sistema, pode definir-se como um tipo, se se quiser, ainda quando é algo mais que isso: é um arquétipo sistemático e versátil, capaz de albergar uma grande quantidade de usos, formas, tamanhos, estilos e características diferentes. [...] este arquétipo [...] foi, e é ainda, entendido como um sistema de composição, ou como um método de projecto, se se prefere dizer-lo assim”*<sup>37</sup>.

### IV.3 TIPO CASA-PÁTIO

Definir a casa-pátio como um tipo arquitectónico torna-se necessário para identificar os elementos e a serie de relações que se estabelecem entre estes.

---

<sup>35</sup> BAHAMÓN, Alejandro; Ana María Alvarez. *Casas Patio: casas por tipología*, p.6, tradução livre da autora

<sup>36</sup> RECASENS, Gonzalo Díaz. *Recurrencia y herencia del patio en el Movimiento Moderno*, p.34, tradução livre da autora

<sup>37</sup> CAPITEL, Antón –*La Arquitectura Del Pátio*, ed. Gustavo Gill, Barcelona, 2005. P.6, tradução livre da autora

Assim, a definição de tipologia proposta por Carlos Martín em *Las variaciones de la identidad*, que descreve a noção de tipo desde uma perspetiva estrutural, é indispensável no contexto da investigação:

*“O tipo arquitectónico é um conceito que descreve uma estrutura formal [...] um princípio ordenador segundo o qual uma serie de elementos, comandados por precisas relações, adquirem uma determinada estrutura.”*<sup>38</sup>

Os elementos que definem um tipo de edificado, entendem-se a partir da experiência histórica da tipologia. No caso do tipo casa-pátio, o pátio é a peça chave na construção de um olhar crítico, que se debruça sobre uma panóplia de edifícios e identifica os pontos em comum a partir da sua estrutura organizativa e da sua identidade.

O tipo casa-pátio, que surge do “casamento” entre a casa e o pátio, é referido por Philip Weiss Salas como:

*“uma forma edificada que se organiza em torno de um espaço vazio, e em que toda a construção das relações que permitem o habitar se estabelecem através deste ou em relação a este.”*<sup>39</sup>

Este espaço vazio, como se refere ao pátio o autor, é a concretização de um lugar, como realça Antonio Monestiroli:

*“[o pátio], este é o lugar da casa, é a sua forma e a sua decoração o que se identifica com a própria ideia de casa [...] O sentido deste tipo edificatório é o mais antigo e profundo que se pode encontrar na história da arquitectura: está no acto de delimitar um lugar. Ainda assim a partir de um certo momento esse limite converte-se em construção formal do próprio lugar para reconhecimento dele próprio como lugar particular”*<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> **MARTÍ ARÍS**, Carlos, *Las variaciones de identidad*, Ediciones del Serbal, -barcelona, 1993, p.103 in **BAHAMÓN**, Alejandro; Ana María Alvarez. *Casas Patio: casas por tipología*, Ed. Parramón Arquitectura y Diseño, Barcelona 2009, p.4, tradução livre da autora

<sup>39</sup> **BAHAMÓN**, Alejandro; Ana María Alvarez. *Casas Patio: casas por tipología*, p.5, tradução livre da autora

<sup>40</sup> **MONESTIROLI**, Antonio, *La Arquitectura de la realidad*, Ediciones del Serbal, Barcelona, 1993, p.56-57, tradução livre da autora

A função e o significado que assume este espaço nas diferentes culturas atribui-lhe um carácter definitivo:

*“A arquitectura, a qual uma das suas funções básicas é a de dar abrigo a pessoas e grupos humanos, desenvolveu segundo cada cultura, cada lugar, cada tempo, diferentes maneiras de organizar o espaço construído e o espaço livre, o “interior” e o “exterior”. Para além das necessidades físicas relacionadas com a geografia –o clima, o frio e o calor, a chuva-, da disponibilidade de materiais de construção ou de tecnologias, para além de tudo isso, a arquitectura foi sensível a circunstâncias psicológicas e culturais mais subtis como a segurança e a tranquilidade, às diferentes maneiras de conceber o espaço e a relação que com ele estabelece o homem de cada civilização.”<sup>41</sup>*

#### IV.4 DIVERSIDADE NO USO DOS PÁTIOS

Uma das características do tipo casa-pátio é a possibilidade de ser um espaço originado pelas características objetivas dos assentamentos de onde se gera.

*“Essa condição do pátio como ferramenta para relacionar a arquitectura com o lugar e dispor do meio para que a arquitectura acomode as necessidades do habitar, é apenas o dado inicial que corrobora a identificação do tipo.”<sup>42</sup>*

A casa-pátio tem origem nas culturas mais antigas, materializada na sua forma de ocupar um território como assentamento urbano, surgindo como uma sucessão de construções justapostas que conformam quarteirões e ruas.

Este tipo de organização, pela relação estreita com a rua e a exigência de criar privacidade, prevê a necessidade de gerar um espaço aberto próprio para iluminar e ventilar a edificação. É fundamental o facto do pátio permitir ampliar o perímetro da casa e por consequência o seu contacto com o espaço exterior. Trata-se da apropriação de uma parcela de vazio, de todo o espaço sobrance para enriquecer o espaço interior, sendo bem claro que este vazio, que se quer manter privado ao olhar de estranhos, é oferecido à casa e forma parte do sue espaço privado.

---

<sup>41</sup> LLECHA, Joan ; Carles Martí; Jordi Ros; Xavier Ferrer; Núria Parés; Gemma Rolduà; Mònica Sánchez – DPA 13 PATIO Y CASA, p.6, tradução livre da autora

<sup>42</sup> BAHAMÓN, Alejandro; Ana María Alvarez. *Casas Patio: casas por tipologia*, p.4, tradução livre da autora

*“O pátio, não pelo seu tamanho nem pela sua posição frequentemente centralizada, senão porque provavelmente foi o gérmen de muitos edifícios, adota múltiplas formas e papéis na arquitectura e o que de comum podíamos encontrar em todos é a sua capacidade de se apropriar de um solo e constituir um lugar”<sup>43</sup>*

A casa-pátio surge como estratégia e reflexo do lugar, das questões físicas e climatéricas, de onde é implantada, mas também é espelho dos valores e sistemas social, político e religioso da sociedade que a constrói. Neste sentido toma partido de varias posições, podendo unificar num só gesto as questões práticas e simbólicas mais sensíveis de qualquer comunidade.

Apesar da arquitectura ocidental ter uma carga simbólica mais reduzida que outras culturas, o pátio pode ser um espaço especialmente simbólico que conecta o mundo privado do ser humano com outras instâncias transcendentais como a natureza, o céu e o cosmos.

*“Uma referência ancestral do pátio podíamos encontrá-la no seu valor como um espaço interior, uma arquitectura encerrada, iluminada e ventilada zenitalmente, que do mesmo modo que uma janela aberta ao céu põe em contacto o homem com o incomensurável; um espaço com forte carácter simbólico, não contaminado pelo terreno, em torno do qual se estrutura a casa”<sup>44</sup>*

Assim, tal como existem pátios dispostos como uma representação do universo, com um espírito cerimonial e simbólico, existem outros em que têm lugar as atividades domésticas quotidianas. Alguns pátios estão concebidos somente para serem percebidos pelos sentidos e cobrem as atividades diárias, outros que, pelo contrário, pelas características dos elementos que os conformam convidam à realização de diferentes atividades. Pátios que, por um lado, estão previstos para serem observados e usufruídos desde o seu perímetro e outros que, pelo contrário, convidam a serem apropriados. Pátios que impõem um uso formalizado e outros abertos a um sem número de possibilidades de ocupação.

---

<sup>43</sup> LLECHA, Joan ; Carles Martí; Jordi Ros; Xavier Ferrer; Núria Parés; Gemma Rolduà; Mònica Sánchez – *DPA 13 PATIO Y CASA*, p.6-7, tradução livre da autora

<sup>44</sup> LLECHA, Joan ; Carles Martí; Jordi Ros; Xavier Ferrer; Núria Parés; Gemma Rolduà; Mònica Sánchez – *Op.Cit.* p.8, tradução livre da autora

## IV.5 A CASA-PÁTIO NAS CIVILIZAÇÕES

Antón Capitel, na introdução a “La Arquitectura del Patio”, atribui ao pátio uma importância fundamental na história da Arquitectura, desde a antiguidade clássica à idade moderna, afirmando mesmo que:

*“a organização em torno de pátios constitui um sistema compositivo, tão importante para usos e culturas diversas, que pode identificar-se, em alguns períodos e civilizações, com a arquitectura, ela própria”.*<sup>45</sup>

A casa-pátio como tipo habitacional encontra referências tão antigas como a própria origem da atividade urbana. Como prematura forma espacial, ainda que geralmente esteja vinculada a determinadas regiões, desenvolveu-se em todos os séculos e por todo o mundo.

Das grandes civilizações egípcia, mesopotâmica e hindustânica, vários foram os registos de núcleos urbanos em que se identifica claramente esta tipologia habitacional. Mas as referências a este modelo não se esgotam nas grandes civilizações pré-clássicas, transpondo-se para as clássicas, para a islâmica, até aos dias de hoje.

A casa-pátio é comum em toda a Europa, China, no Médio-Oriente, no Norte de África, no Vale do Nilo, assim como na África Ocidental e na América Latina.

A sua presença na Europa é reconhecida no sul mediterrânico, em assentamentos urbanos, com uma formalização idêntica aos casos relativos ao Norte de África e ao Médio Oriente; No Norte da Europa, na Europa Central e Oriental, em casas rurais, frequentemente organizadas em torno de um pátio, definido pelos edifícios – a casa, o celeiro e o estábulo – e elementos de contenção e acessos – muros, cercas e portões.

A casa-pátio impõe-se assim, fruto da panóplia incontestável de modelos disseminados por todo o mundo, como um dos tipos mais persistentes, demonstrando um carácter universal, intemporal e transcivilizacional.

---

<sup>45</sup> CAPITEL, Antón – *La Arquitectura Del Pátio*, ed. Gustavo Gill, Barcelona, 2005. P.27, tradução livre da autora

## IV.5.1 CASOS DE ESTUDO

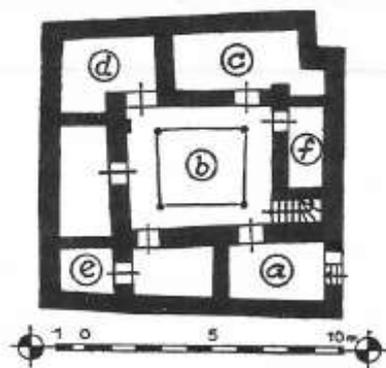
A razão do pátio interno não se restringe somente ao resultado de uma resposta de ordem prática, como solução climática, numa identificação estratégica em relação ao meio envolvente.

Além desta função, o pátio foi o lugar fundamental da moradia, o centro da vida doméstica. Como átrio romano foi o lugar de entrada e onde os visitantes podiam apreciar o altar da família anfitriã; como peristilo grego serviu como palco ao altar do deus olímpico supremo; como pátio-jardim chinês foi o reflexo da hierarquia social chinesa e concepção cósmica segundo as suas crenças religiosas.

Desta forma é importante percorrer os temas fulcrais que estão na base da disseminação do pátio, como entidade integrante do tipo casa-pátio.

Os exemplos que se seguem são modelos representativos do tipo casa-pátio, casos de estudo de comprovada importância na história da arquitectura, podendo ser considerados até, arquétipos, presentes no subconsciente coletivo como uma referência intemporal. Através da sua análise vamos percorrer os principais temas transversais à tipologia casa-pátio, abordando em cada caso apenas um tema de grande importância.

- CASA UR
- CASA ÁRABE
- CASA CHINESA
- CASA GREGA
- CASA ROMANA
- CASA MATMATA



**Fig. 27** - As casas de Larsa, segundo C. Leonard Woolley. Retirado de: SCHOENAUER, Norbert - *6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente*. Barcelona, Gustavo Gili, 1984. P.82

**Fig. 28** - Planta da Casa-pátio em Ur, Mesopotâmia, séc. III a.C., registada por Johannes Spalt e Werner Blaser, em *Pátios - 5000 Años de Evolucion Desde La Antigüedad Hasta Nuetros Dias*, ed Gustavo Gili. P.82

**Fig. 29** - Desenho perséptico da Casa-pátio em Ur, Mesopotâmia, séc. III a.C., registada por Johannes Spalt e Werner Blaser, em *Pátios - 5000 Años de Evolucion Desde La Antigüedad Hasta Nuetros Dias*, ed Gustavo Gili. P.82

## MESOPOTAMIA, CASA UR

O atrium e o impluvim: do fogo à água

Segundo Johnnes Spalt<sup>46</sup>, a palavra “atrium”, na sua forma original, designava o espaço nuclear e multifuncional da casa. Nesse espaço central, onde se fazia o fogo, o teto estava enegrecido, já que não havia nenhum buraco que permitisse a exaustão do fumo.

Numa etapa posterior verifica-se uma abertura no teto, abertura esta que inicialmente resolve uma questão prática, a extração de fumo, e que adquire um papel de extrema importância no centro do edificado. Este lugar central e introvertido, onde lhe falta a cobertura, permite a entrada de luz na casa, transformando o átrio no verdadeiro centro da vida doméstica.

Este espaço nuclear interior converte-se num espaço nuclear exterior, aberto para o céu através do qual os compartimentos envolventes passaram a receber luz e ventilação naturais, e através do qual passaram também a construir a principal relação interior-exterior da casa.

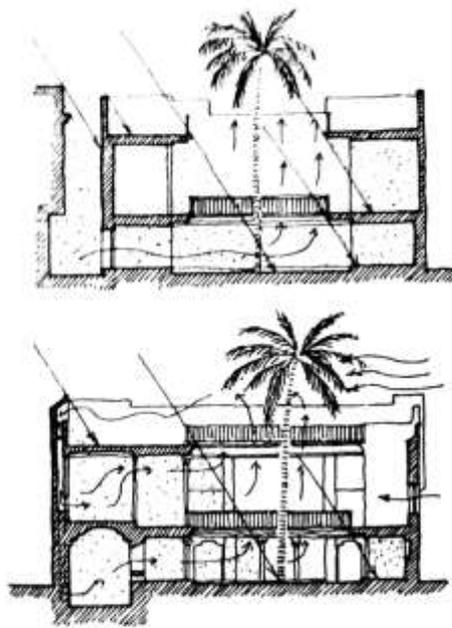
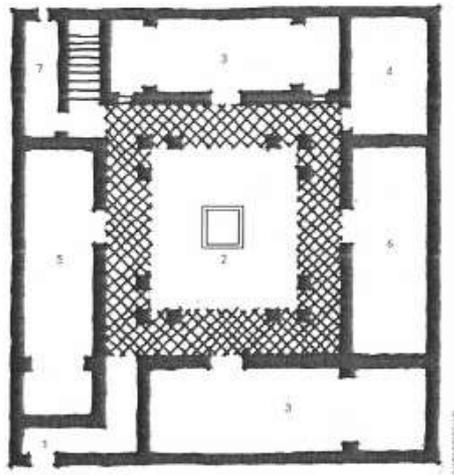
O átrio admite assim a forma de pátio, como sala a céu aberto.

Ao aumentar o papel representativo na casa urbana, o átrio transformou-se numa sala de receção com tanque, fonte e superfícies ajardinadas. É desde a abertura para o exterior que se processa o recolhimento da água pluvial, canalizada até ao tanque-reservatório.

Do “atrium” são, assim, familiares o “impluvium” romano, e também o “aljibe” (pátio com cisterna) árabe. Esta evolução marca a passagem do lugar do fogo, ao lugar da água, que acontece no centro da casa, no pátio, no centro do pátio.

---

<sup>46</sup> BLASER, Werner – *Patios – 5000 años de evolucion desde la antiguedad hasta nuestros dias*, ed. Gustavo Gill, Barcelona, 1997, tradução livre da autora



Control climático en  
las viviendas islámicas

**Fig. 30** - Planta de uma casa-pátio, em Marrocos, registada por Howard Davis, na *Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World*, Vol. 1, *Theories and Principles*, edited by Paul Olivier, ed. Cambridge University Press, 1997, p.633. in REIS, Nuno Arenga - *O saguão na habitação urbana – o interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear*, tese para a obtenção do grau de Doutor em arquitectura, FAUTL, Lisboa, 2009,

**Fig. 31** – Esquema relativo ao controlo climático nas viviendas islâmicas. Retirado de: SCHOENAUER, Norbert - *6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente*. Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p.138

## CASA ÁRABE

Soluções climatéricas

Na casa islâmico-árabe, o *sakan* ou *maskan* (palavras árabes que significam casa), é o centro da unidade básica social, a família.

*“A palavra sakan está relacionada com sakinah que significa paz e tranquilidade. O introvertido sakan, aberto para o céu, com a água como elemento refrescante, pacífico, a antítese deliberada do duro mundo público do trabalho, comércio e guerra, é o lugar desde onde a primitiva família árabe encontrava o seu sakinah”<sup>47</sup>.*

A casa urbana islâmica, reflexo da cultura que a fundou, apresenta sinais de privacidade máxima, proteção em relação aos estranhos e isolamento em relação ao barulho exterior da rua. Por outro lado, a sua organização e estrutura são também o reflexo das condições climáticas, que são potencialmente as mesmas em todo o mundo islâmico. A melhor resposta a tais condições é o conceito de pátio, tipo predominante nos climas quentes, em densidades urbanas nas quais as casa se encerram sobre si próprias.

A altura das paredes que envolvem estes pátios permitem criar zonas de sombras, protegidas do sol, durante uma parte do dia, instalando um gradiente de temperatura que permite o arrefecimento do ar no seu interior, aprisionando o ar fresco, durante a noite, e dificultando o seu aparecimento, ou a sua substituição por ar a temperaturas superiores, durante o dia.

---

<sup>47</sup> ISMAIL, Adel A., *Origin, Ideology and Physical Patterns of Arab Urbanization*, en *Eskistics*, febrero 1972 pp. 115. Cita extraída de: SCHOENAUER, Norbert. *6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente*. Barcelona, Gustavo Gili, 1984. P.138, tradução livre da autora

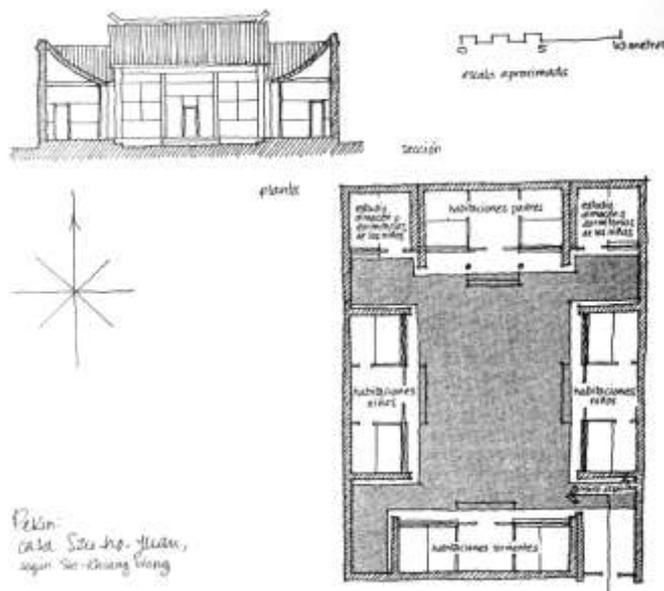
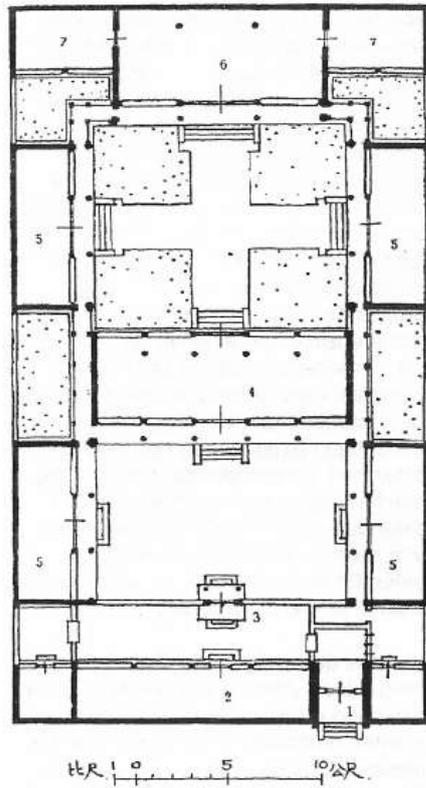


Fig. 32 – Casa Szu-ho-Juan, segundo Sie-Khiang Wong. Retirado de: SCHOENAUER, Norbert - 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p.205

Fig. 33 – Casa de dois pátios, segundo Andrew Boyd. Retirado de: SCHOENAUER, Norbert - 6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente. Barcelona, Gustavo Gili, 1984, p.207

## CASA-PÁTIO NA CHINA

Um lugar simbólico

O *ming-t'ang*, a casa tradicional chinesa, é um complexo simétrico que se implanta segundo as regras da geometria, acompanhando o eixo norte-sul.

Esta casa é um complexo habitacional formado por vários edifícios que rodeiam um espaço central, o pátio-jardim, denominado pelos chineses como *t'ien ching*.

O pátio é protegido dos efeitos climáticos negativos, nomeadamente os ventos frios vindos do norte e o forte calor proveniente do Sol, através da localização de um edifício principal paralelo ao lado norte do pátio e de outros protegendo as fachadas leste e oeste do mesmo.

Não podendo ser reduzida a sua importância somente os aspectos bioclimáticos, o pátio da casa chinesa representa toda a construção do universo, o *Cosmos*.

A conceção cosmológica apresenta no pátio as duas polaridades presentes no Universo: o *yin* e o *yang*. Segundo esse princípio se debruçam sobre os materiais, as cores e os elementos como a água, a pedra, as árvores e as flores.

*"[Para o autor Amos Rapoport<sup>48</sup>] é clara a influência da religião na forma, no plano, na organização espacial, na orientação de uma casa e justifica-se exemplificando que a ausência de casas circulares numa determinada região possa ser devida exclusivamente à necessidade de uma orientação cósmica, já que um casa circular não é por si só orientável"<sup>49</sup>*

A casa tradicional pequinesa apresentava diferentes zonas segundo seu critério de privacidade, e nas casas com vários pátios, cabe-lhes a eles a marcação do nível de penetração nos domínios mais íntimos e internos da casa.

*"Na casa chinesa, a chamada "parede de sombra" situada à frente da entrada – que devia conjurar os espíritos malignos – facilita a desejada intimidade, convertendo o pátio num oásis de tranquilidade"<sup>50</sup>*

---

<sup>48</sup> **RAPOPORT**, Amos, *Pour une Anthropologie de la Maison*, ed. Dunod, Paris, 1975

<sup>49</sup> **SILVEIRA**, Ângelo - *A Casa-Pátio de Goa*, ed. Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto, 1999, pág.57

<sup>50</sup> **BLASER**, Werner – *Patios – 5000 años de evolucion desde la antigüedad hasta nuestros días*, P.15, tradução livre da autora

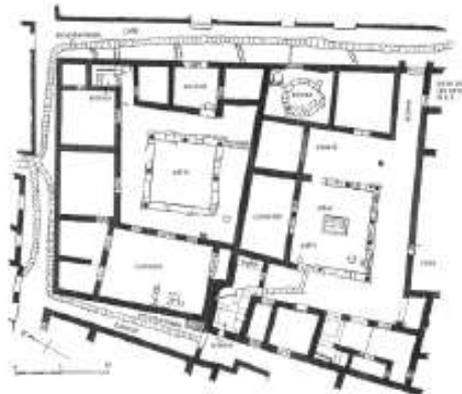
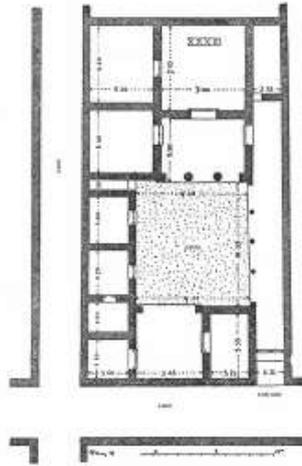
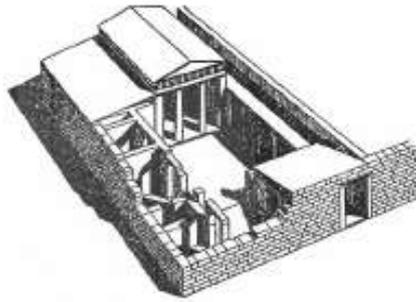


Fig. 34 - Casa XXIII Priene, Grécia, séc. IV a. C., registada por Antón Capitel, em La Arquitectura Del Pátio, ed. Gustavo Gilli, Barcelona, 2005, p. 13

Fig. 35 - Casas-pátio em Delos, Grécia, séc. III e II a C., registadas por Antón Capitel, em La Arquitectura Del Pátio, ed. Gustavo Gilli, Barcelona, 2005, p. 11

## CASA GREGA

A casa introvertida

As casas gregas primitivas, como uma insulae da cidade de Delos, são estruturas domésticas de origem *popular*.

Em relação às casas de uma insulae grega, na cidade de Delos (séc. II e II a.c.), Antón Capitel refere:

*“Note-se, em primeiro lugar, como as casas não têm outra abertura nos seus muros exteriores que não seja a porta, obtendo luz apenas pelo pátio. A casa deste tipo é em grande medida uma casa defensiva, e o pátio um mundo próprio, não só no sentido habitacional mas também no da segurança e no do isolamento. As casas sem janelas, vertidas unicamente para o interior dos seus pátios, são consideravelmente emotivas, pois representam o mais puro e definidor do sistema, deste tipo.”<sup>51</sup>*

A casa-pátio comporta consigo a virtude de se apropriar da área total do lote e virar-se para dentro de si mesma, detendo o pátio, numa situação extrema, todos os limites interior-exterior da casa. Assim, a casa introvertida detém o potencial máximo, como tipo primordial na construção de cidades compactas, de alta densidade.

---

<sup>51</sup> CAPITEL, Antón – *La Arquitectura Del Pátio*, ed. Gustavo Gill, Barcelona, 2005. P.10, tradução livre da autora

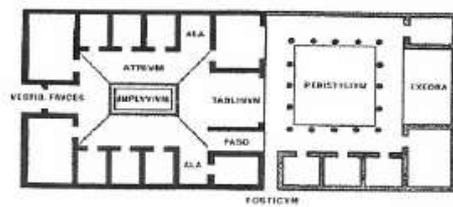
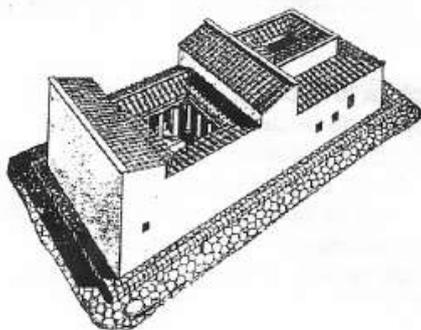
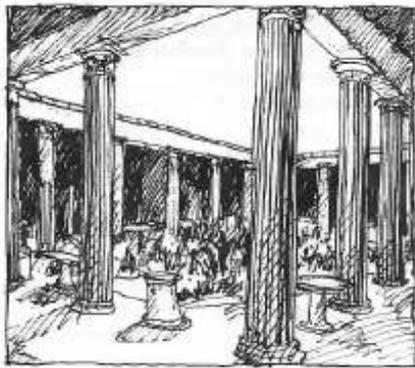


Fig. 36 - Peristylum de casa romana, desenhos de Johannes Spalt e Werner Blaser, em Pátios - 5000 años de evolución desde la antigüedad hasta nuestros dias, ed. Gustavo Gilli, Barcelona, 1997, p. 12.

Fig. 37 - Casas-pátio Werner Blaser, em Pátios - 5000 años de evolución desde la antigüedad hasta nuestros dias, ed. Gustavo Gilli, Barcelona, 1997, p. 12.

Fig. 38 - Axonometria, secção tipo e planta de casa romana com peristilo, registados por Johannes Spalt e Werner Blaser, em Pátios - 5000 años de evolución desde la antigüedad hasta nuestros dias, ed. Gustavo Gilli, Barcelona, 1997, p. 12.

## CASA ROMANA

O protagonismo do pátio – as casas-átrio

Vistas da rua, as *domus*, casas-átrio romanas, pareciam surpreendentemente pequenas e muito semelhantes. As fachadas simples e com muito poucas aberturas para a estreita rua, não faziam prever que, contrastando com a simplicidade exterior, o interior fosse magnífico, sumptuoso.

O átrio era pois um santuário da casa, mais que um lugar de receção, a ele se abriam as restantes dependências da casa. O seu carácter sacro não era incompatível com o profano e não existia nem silêncio nem recolhimento. A religião radicava nesta convivência quotidiana do sacro com o profano.

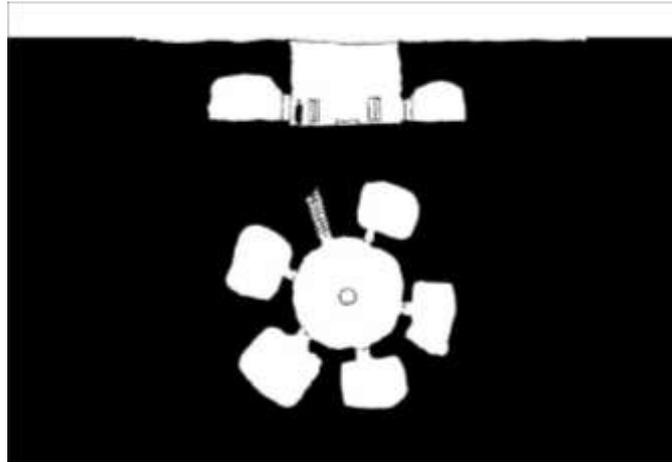
*“O romano vivia, comia e traficava no seu átrio [...] frequentemente no átrio existiam utensílios simbólicos de cozinha, relíquias dos tempos em que se cozinhava [...] e este actuava como chaminé”<sup>52</sup>.*

Ao *“atrium”*, ao qual era atribuída regularidade e rigor geométrico, se junta o *“peristylum”* – pátio igualmente regular, mas maior, mais nobre e mais representativo da casa, totalmente delimitado por colunas.

O *peristylum* configura uma espécie de galeria claustral que, na sua completude e perfeição formal, expressa o protagonismo deste espaço na fundação da casa. A fonte, os jardins, as colunas e o resto dos elementos intrínsecos à estrutura, constituição e organização da *domus* romana, expressam o protagonismo que estes pátios, espaços centrais abertos para o céu, detêm desde o momento da sua fundação.

---

<sup>52</sup> RECASENS, Gonzalo Díaz - *Recurrencia y herencia del patio en el Movimiento moderno*, p.51, tradução livre da autora



**Fig. 39** - Secção e planta de casa troglodita em Matmata, no Sul da Tunísia. Retirado de: REIS, Nuno Arenga - O saguão na habitação urbana – o interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear, tese para a obtenção do grau de Doutor em arquitectura, FAUTL, Lisboa, 2009.

**Fig. 40** - Fotografia do pátio de uma casa troglodita em Matmata, no Sul da Tunísia. Retirado de: REIS, Nuno Arenga - O saguão na habitação urbana – o interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear, tese para a obtenção do grau de Doutor em arquitectura, FAUTL, Lisboa, 2009.

## CASA MATMATA

O pátio como ideia fundadora de (uma) arquitectura

Na cidade do império romano, as casas térreas entre paredes medianeiras, dividem de forma irregular grandes quarteirões quadrangulares, também estes irregulares.

O pátio, na sua perfeição formal, organiza cada casa, e no conjunto, revela a sua condição como entidade consagrada, instituindo o seu carácter organizador mesmo em assentamentos urbanos irregulares e complexos.

A sua persistência, declara a importância deste espaço como entidade fundadora deste tipo de casa, ou até, como ideia fundadora de uma arquitectura em particular. Antón Capitel descreve-a da seguinte forma:

*“[...] o conjunto é uma figura irregular ocupada por uma espécie de magma de compartimentos, também irregular, na qual se recortam, nítidos, os pátios como formas perfeitas e autónomas. Esta figura representa muito expressivamente o sistema [claustral] e diz-nos que a importância da arquitectura, e da sua imagem, está nos pátios que se constituem assim, por completo, seus protagonistas.”<sup>53</sup>*

Existe um tipo primordial de casa-pátio – na localidade de Matmata, nas montanhas Jebel Demer, no sul da Tunísia – que se apresenta surpreendentemente, ainda hoje, como grau mínimo, elementar e quase imutável, da Arquitectura, e, mais especificamente, da arquitectura da casa-pátio.

O pátio, escavado no solo, ao qual são atribuídas quase todas as funções da casa, e à volta do qual se organizam os outros compartimentos, tem uma planta de forma circular ou quadrangular inscrita, e situa-se a 6 ou 7 metros de profundidade.

Este lugar, escavado na terra, exclusivamente virado para o céu, parece poder encerrar-se com uma folha de palmeira ou por uma porta em madeira.

Os compartimentos da casa são escavados, muitas vezes em dois pisos, em redor do pátio, a partir de aberturas também elas escavadas nas paredes deste espaço central e distributivo (Fig. 9). A relação entre a escavação nuclear e os compartimentos escavados em seu redor, é próxima daquela que se verifica existir entre o pátio e os restantes compartimentos na casa com “atrium”.

---

<sup>53</sup> CAPITEL, Antón – *La Arquitectura Del Pátio*, P.16, tradução livre da autora

Do ponto de vista térmico da construção, face às condições ambientais do seu contexto, o solo, no qual a casa é escavada, atua como massa térmica, atenuando as grandes amplitudes térmicas sentidas no exterior, à superfície.

*“A existência destas casas tem uma importância fundamental na demonstração do carácter elementar da organização espacial em torno de um vazio nuclear, a céu aberto. As casas de Matmata constituem um dos grandes exemplos da importância do pátio na constituição de uma ideia de arquitectura. E é também um importante exemplo da capacidade de sobrevivência desta ideia às limitações, circunstanciais, dos recursos materiais disponíveis para a sua construção. Em Matmata, o pátio parece ser simultaneamente um elemento fundador e redentor da casa [...] e é a elementaridade desta formalização que torna este exemplo surpreendente.”<sup>54</sup>*

---

<sup>54</sup> REIS, Nuno Arenga, *O saguão na habitação urbana – o interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear*, p37-38

## **IV.6 ANÁLISE DO PÁTIO ENQUANTO INTEGRANTE DA CASA-PÁTIO**

Esta análise debruça-se sobre a relação que a casa e o pátio estabelecem.

É uma análise do pátio, não em relação ao homem concretamente, mas em relação à vida doméstica da casa. É sensível à forma como a casa se organiza e se projeta no pátio como a continuação do espaço doméstico. A projeção do interior para o exterior na medida em que o pátio passa a adquirir determinadas características por estar ligado, relacionado, acedido, por determinado compartimento da casa.

O pátio pode surgir num contexto de organização de elementos de contenção espacial e acessos, cuja relação assenta mais em critérios funcionais, ou num contexto em que a existência do pátio surge por razões de ordem e coerência formal.

## IV.6.1 ELEMENTO GERADOR DA CASA PÁTIO

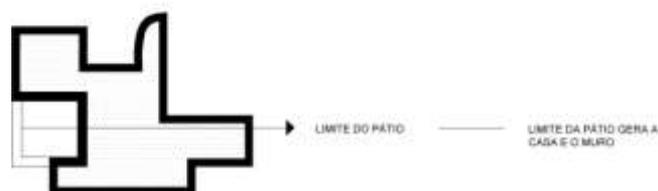


Fig. 41 - Representação esquemática da casa que gera o pátio: Casa e muro geram o pátio. Desenho feito pela autora.

Fig. 42 - Representação esquemática da casa que gera o pátio: Casa gera o pátio. Desenho feito pela autora.

Fig. 43 - Representação esquemática da casa que gera o pátio: Casa e muro geram o pátio. Desenho feito pela autora.

Fig. 44 - Representação esquemática do pátio que gera a casa: Limite do pátio gera a casa. Desenho feito pela autora.

Fig. 45 - Representação esquemática do pátio que gera a casa: Limite do pátio gera a casa e o muro. Desenho feito pela autora.

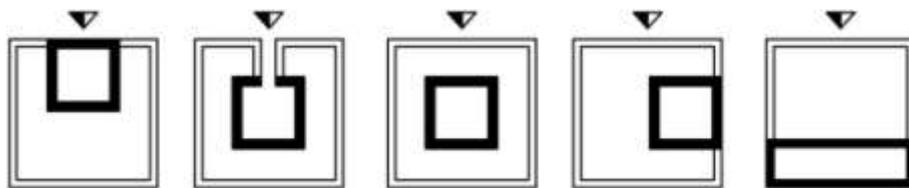
## IV.6.2 FUNÇÃO

- Espaço distribuidor, organizador
- Espaço de permanência
- Ventilação
- Fonte de luz natural

## IV.6.3 CARÁCTER

- Pátio de serviço
- Pátio íntimo
- Pátio social

## IV.6.4 POSIÇÃO - em relação à entrada da casa-



## IV.6.5 NÚMERO DE PÁTIOS E A SUA ÁREA EM RELAÇÃO À CASA

A possibilidade de inclusão de mais de um pátio permite que se faça a sua diferenciação, proporcionando diferentes caracteres e graus de abertura. Os pátios que podem ser, exclusivos para a iluminação, pátios ajardinados, pátio de

distribuição e pátios de acesso, como um sem número de outras possibilidades, podem existir em número, oferecendo à casa áreas exteriores que participam de forma variada na sua dinâmica, mas também, os pátios podem ter um tamanho proporcional à casa muito diferente, sendo igualmente importante

O tamanho do pátio e da casa, relacionados de formas estreita com o tamanho do lote onde estão inseridos, na medida em que, o mais usual é ocuparem a sua totalidade, também é um fator de análise importante principalmente quando se compara a percentagem de área ocupada.

#### **IV.6.6 IDENTIDADE**

- Forma (desenho)
- Modo como a casa se relaciona com o pátio, e vice-versa (de forma emotiva)
- Materialidade
- Se tem água
- Se tem fogo
- Se tem algum tipo de natureza

## **V** CASAS-PÁTIO A PARTIR DO SÉC. XX

## V.1 MOVIMENTO MODERNO

No início do Movimento Moderno, em que se procurava a rutura com a tradição histórica, recorre-se à origem e à razão de ser das formas remotas e ancestrais, em busca da essência da arquitectura, desembocando num progressivo reencontro com as raízes e formas herdadas.

Apesar do pátio não fazer parte do conjunto de dispositivos básicos da arquitectura moderna, a qual tende a desenvolver espaços fluidos e abertos, é da ideia de pátio, que é pelo contrário, um dispositivo fechado e introspetivo, *“que a arquitectura moderna desenvolve alguns dos aspectos mais marcantes da sua espacialidade, nomeadamente na arquitectura doméstica.”*<sup>55</sup>

O pátio acaba por se reconhecer como:

*“uma forma, lavrada pelo tempo, cúmulo de boas soluções, valores espaciais e intenções arquitectónicas, que por sua vez o terão enriquecido e impregnado de conteúdo.”*<sup>56</sup>

O Movimento Moderno, na sua revisão crítica dos elementos e edifícios históricos, recorreu à ideia de pátio por reconhecer, como primeiro acto de assentamento, a identificação do homem com um solo e a sua apropriação demarcando-o com uma cerca, carregando-o de conteúdo particular.

---

<sup>55</sup> RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A CASA- Arquitectura e Projecto Doméstico na Primeira Metade do Século XX Português*, P571

<sup>56</sup> RECASENS, Gonzalo Díaz - *Recurrencia y herencia del patio en el Movimiento moderno*, p.11, tradução livre da autora

Assim, despojado dos acréscimos e individualizações formais de qualquer cultura, o pátio, é portador da lógica primordial da sua forma.

*“Nele se reconhece o “eterno”, ou como dizia Mies “o imperecível”; na sua origem encontra-se a sua razão de ser, os fundamentos substanciais e permanentes do “assentar-se” num lugar.”<sup>57</sup>*

São estes dados fundamentais, que o homem fornece quando age de certo modo para fazer acontecer o pátio; as razões primárias que surgem das necessidades intrínsecas ao homem na sua relação com os outros e com a própria Terra; é a autonomia com que se comporta para cercar um lugar, ou abrir um buraco para entrar a luz, num acto independente de qualquer cultura a que pertença, descontaminado de qualquer significado tradicional; que vão motivar os arquitectos a explorar o tipo casa-pátio, a interpretá-lo, com o ânimo necessário para a sua reinvenção e contínua evolução.

Desde esta perspetiva, existem vários arquitectos que se debruçam sobre o objecto casa-pátio e que desenvolvem uma reflexão sobre a relação entre os dois elementos (casa e pátio).

Estas abordagens têm um ponto em comum:

*“(...) mostram que a incorporação do pátio na arquitectura moderna comporta sempre um certo grau de transgressão do arquétipo que, paradoxalmente, tende a revitalizá-lo. Podíamos dizer que o arquétipo se carrega de novo de sentido precisamente graças à transgressão.”<sup>58</sup>*

Fruto deste novo fôlego de interesse sobre o tema, surgem diversas hipóteses, e o conceito de pátio, que se afigurava ficar encerrado e bloqueado em modelos tão emblemáticos do passado, abre-se de novo, alargando o seu campo problemático e recuperando a sua energia potencial, ainda que, ao fazê-lo corra o risco de ver “desdesenhados” os seus próprios limites.

---

<sup>57</sup> LLECHA, Joan ; Carles Martí; Jordi Ros; Xavier Ferrer; Núria Parés; Gemma Rolduà; Mònica Sánchez – DPA 13 PATIO Y CASA, p.7, tradução livre da autora

<sup>58</sup> LLECHA, Joan ; Carles Martí; Jordi Ros; Xavier Ferrer; Núria Parés; Gemma Rolduà; Mònica Sánchez – DPA 13 PATIO Y CASA, in <http://revista.dpa.upc.edu/02%20ARCHIVO/DPA%2013/dpa13-issuu.html>, tradução livre da autora

Assim, em certas ocasiões, o pátio descentra-se em relação à casa, migra até à periferia e acaba mesmo rompendo o muro do recinto; ou, em outros casos, em vez de estar ligado à ventilação da casa, converte-se num prisma de luz que se insere nela para modelar o seu espaço interior; ou, às vezes inclusive, deixa de ser um espaço totalmente introvertido para abrir-se lateralmente ao mundo exterior, gerando uma situação híbrida entre terraço e pátio.

Estes resultados que aparentemente quebram com a lógica e o princípio das coisas são o resultado de um incessante trabalho de interpretação e criatividade que explora a essência da questão e nos incita a ver com outros olhos sem, de todo, sair da realidade do objecto em estudo. Esta é a estratégia empregue pelos arquitectos modernos ao confrontarem-se com os grandes temas da tradição.

## V.2 A RE-DESCOBERTA E A RE-INTERPRETAÇÃO DE UMA DIMENSÃO DOMÉSTICA DO EXTERIOR

### V.2.1 COURTYARD

Nuno Arenga na sua tese, *O saguão na habitação urbana – o interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear*, esclarece que:

*“Quando escreve sobre a tipologia que designa “courtyard”, Howard Davis afirma “courtyard buildings and building groups are among the most ubiquitous in the world, and occur in many culture and climates” e define “courtyard” como um espaço exterior com edificações, compartimentos ou elementos edificados, no seu perímetro, em forma e quantidade suficiente para lhe conferir definição, lembrando ainda que “courtyard” consiste no conjunto desse espaço exterior e dos elementos edificados que o envolvem, definindo-o.*<sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> Howard Davis, “Courtyards”, in *Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World, Volume 1 – Theories and Principles*, Cap. “Typologies”, subcap. “Plans”, edited by Paul Oliver, ed Cambridge University Press, 1997, p. 633 . Fazemos esta citação na língua original por nos parecer imprecisa a tradução para o português: “courtyard” tem um significado mais abrangente que “pátio” e “most ubiquitous” introduz um grau (comparativo) superlativo no conceito “ubíquo”, que pensamos não ter equivalente no português, in **REIS**, Nuno Arenga, *O saguão na habitação urbana – o interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear*

A definição de “Courtyard” reconhece-se na organização da casa, ou do conjunto de construções que incluem a casa e os seus anexos, em torno de um pátio. Esta só palavra encara de forma mais abrangente o espaço exterior da casa, mais do que, em português, se entende acerca da casa-pátio.

Em nenhum dicionário de Português, nem mesmo em enciclopédias de Arquitectura é referida a palavra ou conceito casa- pátio, apenas identificam o “pátio”. Qualquer raciocínio elaborado em relação à casa-pátio, parte, inevitavelmente, do conceito de pátio. Só por esse caminho chegamos, em arquitectura, ao tipo casa-pátio.

Em Inglês “courtyard” é uma definição capaz de abranger manifestações vernaculares e manifestações eruditas (encontra-se inscrita na Encyclopedia of Vernacular Architecture of the world)<sup>60</sup> e é, assim, uma forma de construção universal e intemporal.

Esta definição corresponde a uma leitura muito abrangente do fenómeno casa-pátio, que inclui pátios definidos por uma construção única ou por um conjunto de construções, independentes da unidade formal que possam estabelecer entre si. Inclui igualmente pátios com definição precisa do espaço exterior contido, e pátios com definição ambígua, não explícita, dos seus limites.

É esta questão dos limites, tão importante como temos visto ao longo das análises dos casos de estudo, que interessa perceber, pois ao considerarmos a casa-pátio como um tipo habitacional, e o pátio como uma câmara arquitectónicas sem o limite superior, “*recinto descoberto*”, “*terreno murado*”<sup>61</sup>, tomamos como princípio da nossa análise que o pátio surge primordialmente da delimitação de um recinto, no acto de cercar o lugar. Em inglês o termo foca o facto de, em conjunto, pátio e casa definirem um espaço exterior com edificações no seu perímetro, em forma e quantidade suficiente para lhe conferir definição. Esta definição não é clara e ao contrário da definição em português que sugere primeiramente a delimitação na dimensão física e material do acto, é suficientemente abstracta para sugerir que “o pátio talvez surja na descoberta de uma dimensão doméstica do exterior”.

O professor Décio Gonçalves (graduado em Engenharia mecânica e civil, Mestre e doutor em arquitectura e urbanismo pela FA-USP), afirma que:

---

<sup>60</sup> Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World, Volume 1 –Theories and Principles; Volume 2 e 3 – Cultures and Habitats, edited by Paul Oliver, ed. Cambridge University Press, 1997.

<sup>61</sup> Dicionário da Língua Portuguesa, 8ª edição revista e actualizada, Porto Editora 1999

*“O tema em si da “casa-pátio” é deveras instigante e [...] vieram-me à mente as emblemáticas “Usonian House” de Frank Lloyd. Predominantemente, na Jacob House da década de 40 do século passado. Wright aplica a meu ver, o conceito “casa-pátio” como uma tipologia básica, dando-lhe valor e graça... pareceu-me pertinente um olhar, ainda que de soslaio, sobre este autor de tamanha relevância para a Arquitectura Moderna, permeada pelo enfoque orgânico.”*

*António Baptista respondeu nos seguintes termos: “Concordo inteiramente consigo e muito especificamente na relação entre a casa-pátio e a casa orgânica, que podendo parecer à primeira vista conceitos relativamente distintos e talvez tendo sido assim nas primeiras casas-pátio, marcadas pela funcionalidade do abrigo quase básico, acabam talvez por constituir hoje em dia um caminho excelente no que toca ao potencial de agregação das casa-pátio e das casas-terraço em conjuntos muito densificados e urbanos. Aqui poderíamos retomar a questão de Wright e das suas casas honradamente suburbanas, onde provavelmente o pátio talvez surja na descoberta de uma dimensão doméstica do exterior, para a casa basicamente aberta ao jardim e à paisagem, e quem sabe numa influência da forte vivência japonesa do Mestre”<sup>62</sup>*

A abrangência do termo que define este espaço pouco definido quanto à dimensão física dos seus limites, abre uma nova visão e propõe que se questione o termo casa-pátio, já que qualquer “casa-pátio” é “courtyard”, mas, pelo contrário “courtyard” abrange mais possibilidades que a totalidade da “casa-pátio”.

## **V.2.2 WRIGHT E MIES**

A proposta que Wright e Mies fazem ao explorarem a “dimensão doméstica do exterior” transforma-se num tema importantíssimo que se repercute não só nas primeiras reflexões sobre a casa-pátio propostas no Movimento Moderno, mas ainda hoje na discussão sobre o tema.

---

<sup>62</sup> Infohabitar, Ano VI, nº 287 in <http://infohabitar.blogspot.pt/2010/02/o-limite-do-habitar-o-exposto-e-o.html>

A filosofia, que ao longo do séc. XIX prepara e cimenta as ideias e crenças do Movimento Moderno, questiona os termos do “natural” e do “artificial”.

Tanto para os elementos do meio físico como para os objectos de produção do homem, tudo parece convergir de um mesmo princípio evolutivo. Assumindo que o artificial tem o mesmo princípio existencial que “o natural”, já que o homem é parte da natureza, o que ele produz é tão natural como o meio a manipular.

Assim, o homem e a sua produção são parte integrante e igualmente participativa da evolução e transformação da natureza, e este sentimento, de que tudo chega a ser natural na medida em que a manipulação humana também tem este mesmo carácter, caminha no sentido de esbater as diferenças estabelecidas, desde outrora, entre a natureza e a fabricação humana.

A arquitectura, que assimila estes símbolos e acompanha esta maneira de pensar, esta ideia de princípio comum, constrói analogias e metáforas defendendo a comunhão entre os seus elementos e a natureza. Centrar-se na natureza como recurso, desde onde se quer fazer nascer, reiterando, por exemplo, a sua intenção de continuidade do espaço interior com a natureza.

*“A natureza é observada cientificamente, para desde ela poder extrair a ciência, as técnicas e em definitivo a sobrevivência e a vida de uma cultura.”<sup>63</sup>*

Frank Lloyd Wright trata de introduzir a natureza na casa despertando um olhar na horizontal até ao meio circundante, para que se estabeleça um laço entre a casa e a natureza e ambas se interpenetrem.

A arquitectura vincula-se ao meio e configura-se como uma parte de natureza. A veneração que alimenta a perseguição da arquitectura pela natureza, culmina na apropriação e a introdução de elementos naturais admitidos como seus desde o princípio. Assim, a casa assume que é a própria natureza minimamente delimitada e acondicionada.

As duas entidades,

*“Uma e outra procuram prolongar os seus caracteres, fundindo os muros, prolongando os pavimentos, abrindo os espaços e inventando múltiplos elementos que pretendem introduzir o meio físico na casa e a casa na terra.”<sup>64</sup>*

---

<sup>63</sup> **RECASENS**, Gonzalo Díaz - *Recurrencia y herencia del patio en el Movimiento moderno*, p.42, tradução livre da autora

Uma vez eliminadas as fronteiras que diferenciam o natural da elaboração do homem, o terraço apodera-se dessa ideia, e retoma o seu papel desde essa vontade em fundir o interior com o exterior do espaço construído.

O terraço posiciona o seu papel na arquitectura e reinventa-se tirando partido das suas qualidades e das suas potencialidades enquanto dispositivo. Este permite eliminar os muros delimitadores dos alçados, confiando um novo papel aos planos horizontais. O terraço é como um pedaço de terra que se levanta para criar um plano. Assim, permite estabelecer fisicamente a fascinação pela natureza proporcionando a visão horizontal, à terra, ao meio físico onde o homem busca a explicação das coisas.

A ideia de totalidade, presente na obra de Mies Van der Rohe, assenta no caso da casa Wolf, numa ideia de parcela aterrçada. Esta atitude globalizadora do arquitecto, a busca incessante pela unidade, manifesta-se neste caso no tratamento unificado de toda a parcela.

A casa localizada no cimo do terreno, edificação à qual se adapta e ajusta o resto da estrutura, configura-se em torno do primeiro terraço. A entidade “terraço” revela-se protagonista da totalidade do projecto que se desenvolve numa série contínua de planos aterrçados, balcões de plantações em terraços sucessivos.

*“A relação directa entre arquitectura e natureza tem a sua “ideia base” nas concepções de Martin Heidegger: a arquitectura estrutura-se numa ideia de lugar, porque os espaços habitados, antes de tudo são lugares.”<sup>65</sup>*

---

<sup>64</sup> RECASENS, Gonzalo Díaz – *Op. Cit.*, p.42, tradução livre da autora

<sup>65</sup> FERNANDES, Miguel Santiago - *Pancho Guedes: Metamorfozes Espaciais*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2007.p.18



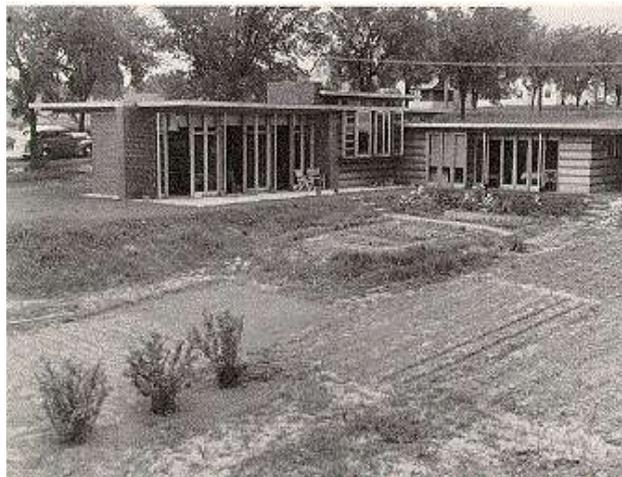
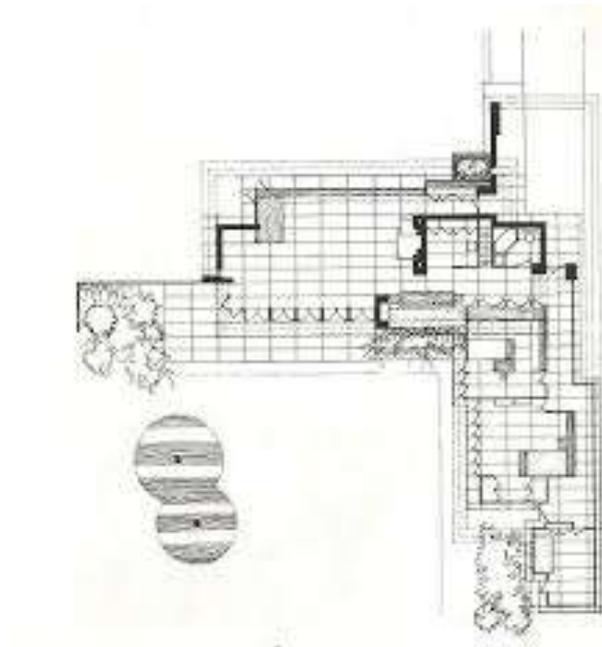
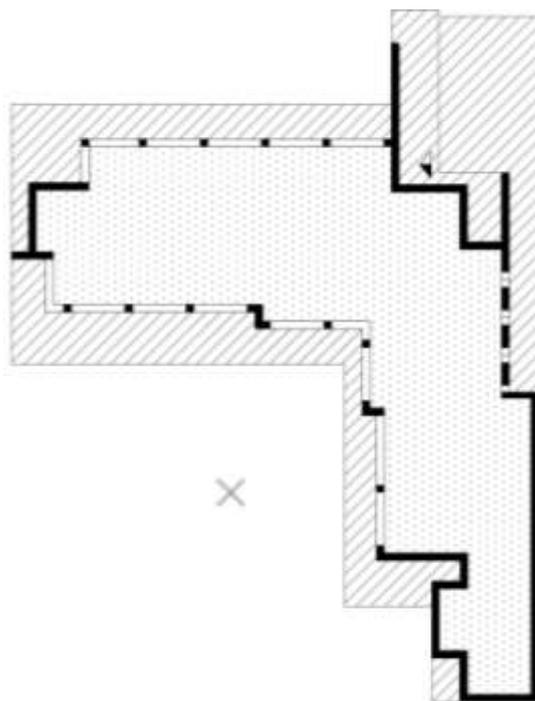


Fig. 46 – Planta da Casa Jacobs, de Frank Lloyd Wright. Retirado de: <http://www.studyblue.com/notes/note/n/lecture-12/deck/2975589>

Fig. 47 – Fotografia da casa e pátio da Casa Jacobs, de Frank Lloyd Wright. Retirado de: [http://xroads.virginia.edu/~class/am483\\_95/projects/wright/uson.html](http://xroads.virginia.edu/~class/am483_95/projects/wright/uson.html)

Fig. 48 - Fotografia da casa e pátio da Casa Jacobs, de Frank Lloyd Wright. Retirado de: <http://usonianvisitorscenter.blogspot.pt/2011/06/first-usonian-home.html>



**JACOBS HOUSE (USONIAN HOUSE) | WISCONSIN,  
E.U.A. | 1936 | FRANK LLOYD WRIGHT**

**FUNÇÃO-** permanência, ventilação, fonte de luz natural

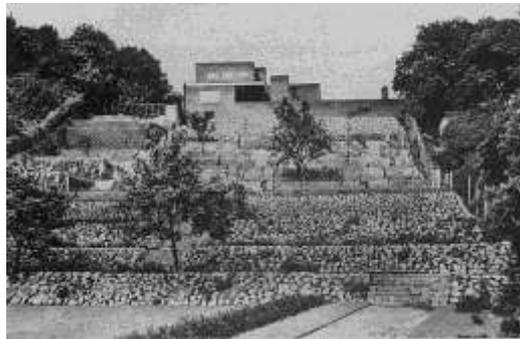
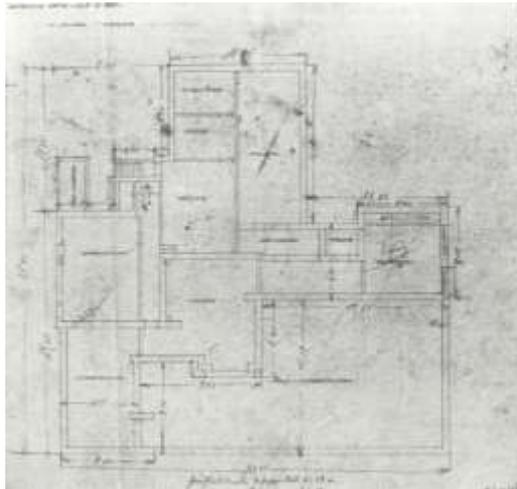
**CARÁCTER-** social

**POSIÇÃO (em relação à porta) -** no final da casa

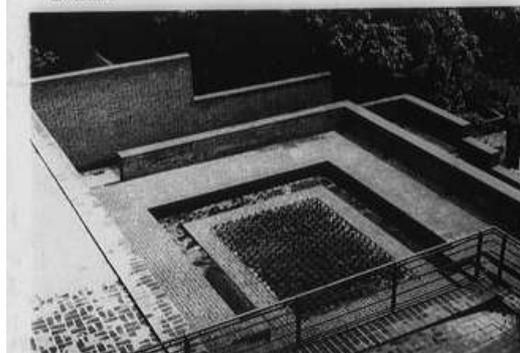
**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO-**

**IDENTIDADE-** este pátio, apesar de não ter limites definidos, é um espaço desenhado e estruturado, com vários níveis e materialidades diferentes. Ajardinado quase na sua totalidade, apresenta junto da casa, a uma cota mais alta, uma zona plana, de tijoleira.

Este espaço relaciona-se com parte social da casa, a qual se vira para ele através de grandes envidraçados.



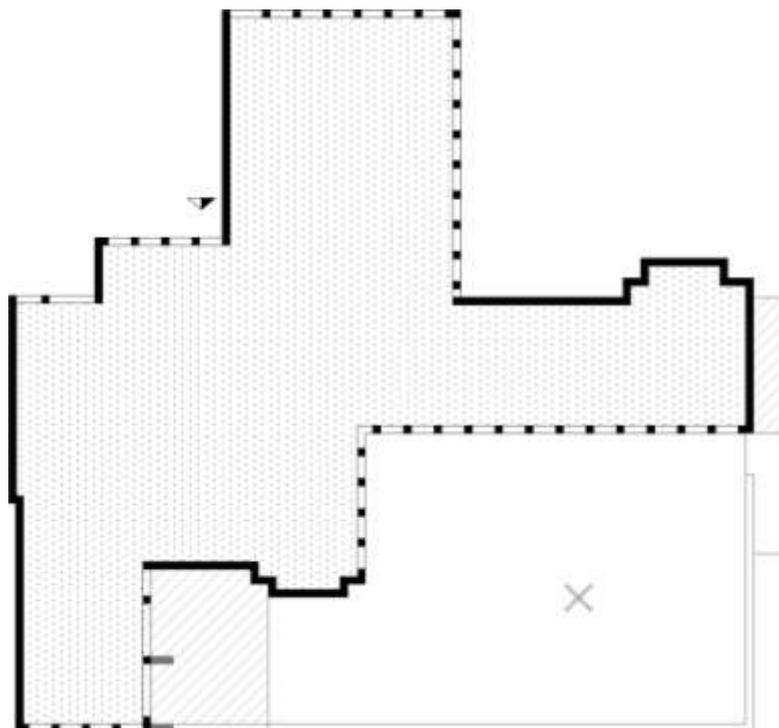
11. Wolf House, Guben, Germany, 1926. Terrace.  
12. Wolf House.



**Fig. 49** - Planta da Casa Erich Wolf, Guben, Mies van der Rohe, Guben. Fonte: <http://areeweb.polito.it/didattica/01CMD/catalog/024/1/html/ind.htm>

**Fig. 50** - Fotografia da Casa Erich Wolf, Guben, Mies van der Rohe, Guben. Fonte: <http://www.hiru.com/arte/ludwig-mies-van-der-rohe>

**Fig. 51** - Fotografias do Pátio da Casa Erich Wolf, Guben, Mies van der Rohe, Guben. Fonte: <http://areeweb.polito.it/didattica/01CMD/catalog/024/1/html/008.htm>



**CASA WOLF** | GUBIN, POLÓNIA | 1926 | MIES VAN DER ROHE

**FUNÇÃO**- permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CARÁCTER**- social

**POSIÇÃO (em relação à porta)** - no final da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO**-

Área do pátio: 239,26 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 646,26 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 37%

**IDENTIDADE**- A materialidade do pátio é da mesma natureza da totalidade exterior da casa. O pátio tem um canteiro central que se encontra a uma cota inferior do restante espaço do pátio.

O pátio relaciona-se com parte social da casa, existindo ainda uma pequena área exterior coberta, que estabelece a relação entre o interior e exterior da casa.

### V.3 EXPLICAÇÃO SOBRE A ANÁLISE

Se no primeiro capítulo a análise dos casos de estudo incidiu principalmente na demonstração da relação intrínseca que o aparecimento do pátio estabelece com os costumes de cada população e o seu comportamento na habitação;

E, se no segundo capítulo nos debruçámos sobre a análise de modelos fundamentais da história da arquitectura – e em particular da arquitectura da casa-pátio -, aclarando, através de cada um deles, a importância das variadas funções e significados inerentes a este tipo;

Neste capítulo, os casos de estudo elegidos, modelos do tipo casa-pátio projetados a partir do século XX, são apresentados no enquadramento de cinco paradigmas, resultado da abordagem, desenvolvida pelos representantes do Movimento Moderno, ao pátio, como arquétipo.

- DO TERRAÇO AO PÁTIO;
- O PÁTIO ENCERRA UM LUGAR FECHADO;
- O PÁTIO ENCERRA UM LUGAR ABERTO;
- PÁTIO COMO SISTEMA DE COMPOSIÇÃO;
- PÁTIO COMO ÁTRIO.

A abordagem a estas questões surge na tentativa de voltar a sentir a origem dos elementos da arquitectura, e encontrar no pátio os seus caracteres ancestrais.

*“(...) pode ler-se como um processo sucessivo em que o terraço, o espaço inicialmente externo, se vai incorporando ao núcleo central e estruturante da casa, para passar a ser um espaço interior que alcança a propor-se como o átrio romano, com toda a sua carga significativa”<sup>66</sup>*

---

<sup>66</sup> RECASENS, Gonzalo Díaz - *Recurrencia y herencia del patio en el Movimiento moderno*, p.41, tradução livre da autora

Estes cinco temas, cuja eleição se apoia no livro de Gonzalo Díaz Recasens-*Recurrencia y herencia del patio en el Movimiento Moderno*, continuam a ser pertinentes e a estimular a análise das obras segundo os seus princípios. Este facto deve-se à busca pelo essencial e primário, desenvolvida pelos autores dessa época, culminando numa sistematização e proposta de interpretação do pátio que é aplicável em qualquer lugar da história e em qualquer lugar do mundo.

*“O Movimento Moderno, nos seus inícios, trata de destruir os tipos herdados, separando os seus elementos, para que, uma vez desagregados nas suas partes voltar a reconstruí-los deste as suas razões primigénias”<sup>67</sup>*

É desta razão que surge a possibilidade de enquadrar em cada tema um grande número de obras pertinentes, por ordem cronológica, desde os inícios do século XX, até aos dias de hoje.

De cada obra são apresentadas uma série de fotografias e imagens pertinentes para a sua análise e um esquema da casa à escala 1:300, representando o carácter dos limites da casa - limite casa-pátio; limite pátio-exterior; limite casa-exterior - , procurando impulsionar um raciocínio sobre a casa-pátio e os seus limites.

O código de análise dos esquemas é o seguinte:

	<b>CASA</b>
	<b>PÁTIO</b>
	<b>PÁTIO COBERTO</b>
	<b>MURO BAIXO</b>
	<b>PAREDE COM GRANDES ABERTURAS</b>
	<b>PAREDE COM ALGUMAS ABERTURAS</b>
	<b>PAREDE COM POUCAS ABERTURAS</b>
	<b>PAREDE CEGA</b>
	<b>PAREDE DE ABERTURA REGULAVEL</b>

<sup>67</sup> LLECHA, Joan ; Carles Martí; Jordi Ros; Xavier Ferrer; Núria Parés; Gemma Rolduà; Mònica Sánchez – *DPA 13 PATIO Y CASA*, p.6, tradução livre da autora

O resultado da análise destas figuras encontrar-se-á, no final do capítulo, organizado numa tabela de duas entradas, que relaciona a posição do pátio em relação à casa e à sua entrada, e a qualidade dos limites da mesma (que varia entre: aberto, fechado e regulável).

Para além das figuras, é apresentada uma descrição dos pátios, organizada segundo os itens de análise sistematizados no final do capítulo CASA-PÁTIO, prosseguindo os dados de identificação do projecto (nome da casa, localização geográfica, ano de execução, Arquitecto ou atelier responsável).

### V.3.1 DO TERRAÇO AO PÁTIO

O terraço que, por Wright, adquire um papel protagonista e central na busca pela eliminação da fronteira entre a arquitectura e a natureza, representa, de certo modo, uma maneira de pensar, uma filosofia que faz da natureza o fundamento donde se extraem as leis e se constrói o novo sistema de crenças sociais.

A razão da sua sistemática aparição prende-se no facto de incorporar e ser expressão da atenção ao meio físico, razão suficiente para se constituir *“num dos principais paradigmas do “espírito da época””*<sup>68</sup>.

O “espírito da época” vive à margem das forças sobrenaturais que são acientíficas, já que não são observáveis, não são mensuráveis, não são “usáveis”. Desta forma, contrapondo à abertura zenital, à visão e esperança depositada no céu que o átrio romano, em modo de templo doméstico, permite, o terraço, como meio de incorporar a natureza e a arquitectura, permite estabelecer novas relações, como a visão horizontal do meio natural, a partir das quais se constrói o novo sistema de crenças científicas.

O pátio que olha o céu, correspondendo a uma cultura mediterrânea e a um dos seus princípios ancestrais, olha-o porque encontra nele a explicação da sua existência. É na continuação desse raciocínio que a sua entidade vai ser posta em causa e até, ser substituída pelo terraço, isto porque é na observação, estudo e manipulação do meio natural, que nesta época se procurava a ciência, o progresso da razão e a cultura.

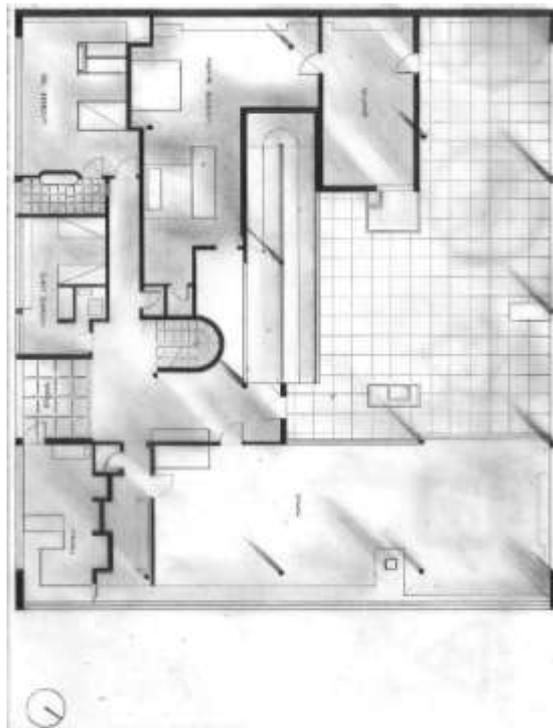
---

<sup>68</sup> RECASENS, Gonzalo Díaz - *Recurrencia y herencia del patio en el Movimiento moderno*, p.41, tradução livre da autora

O pátio, com a sua capacidade intrínseca de se adaptar aos paradigmas da sociedade; o pátio que sempre manteve o seu valor como peça principal da casa, recupera o seu lugar quando a casa se eleva e se sobrepõe ao meio físico com pilotis.

É nessa condição que o pátio se permite olhar a terra, como se de um terraço se tratasse. Elevando-se da terra, acompanhando o movimento da casa, o pátio permanece um lugar fundamental. Este desvinculo marca o momento em que quebra a sua relação direta com a natureza, passa a formar parte unicamente da casa, e como esta, de certo modo indiferente ao lugar.

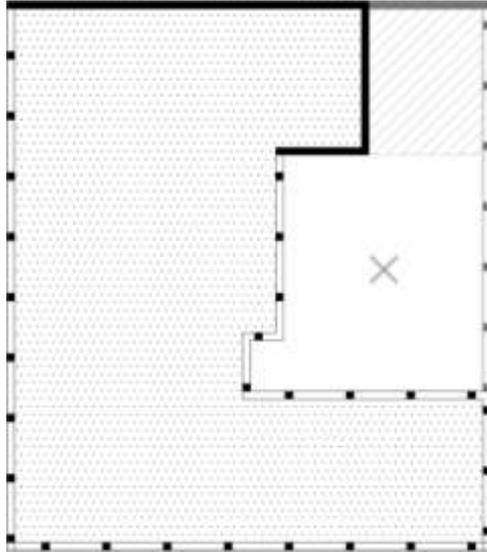
Deste modo, ou o terraço perde a sua função de espaço de serviço e ganha um carácter doméstico, participando de forma ativa na vida da casa, tornando-se um espaço de permanência; ou o pátio se apropria de algumas características do terraço, posicionando-se a um nível superior ao nível do piso térreo, migrando até à fachada e abrindo-se para a envolvente.



**Fig. 52** - Planta da Villa Savoye, Poissy, Le Corbusier. Fonte: [http://quieromica.blogspot.pt/2011\\_06\\_01\\_archive.html](http://quieromica.blogspot.pt/2011_06_01_archive.html)

**Fig. 53** - Villa Savoye, Poissy, Le Corbusier. Fonte: <http://www.designcontext.net/en/8-1-phase-of-denial-or-refusal-conservative-restoration/>

**Fig. 54** - Sala de estar da Villa Savoye, Poissy, Le Corbusier. Fonte: <http://hanser.ceat.okstate.edu/6083/Corbusier/Villa%20Savoye%20&%20Villa%20Besnus.htm>



## **VILLA SAVOYE | POSSEY, FRANÇA | 1928 | LE CORBUSIER**

**FUNÇÃO** – permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CARÁCTER** - social

**POSIÇÃO** (em relação à entrada) – no piso superior, no final da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO pátio** –

Área do pátio: 102,71 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 415,89 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 25%

**IDENTIDADE** – Pátio de forma quadrangular, com uma pequena área coberta. Concretiza-se num dos seus lados através de uma rampa de acesso ao terraço da casa.

Apresenta uma ligação visual proeminente em relação ao grande espaço de estar, coletivo, da casa, do qual parece ser uma extensão.

Tem um acesso direto ao quarto de maiores dimensões. Como uma passagem secreta, pode aceder-se discretamente ao pátio através desse compartimento.

Presença de alguns canteiros com pequenos arbustos.

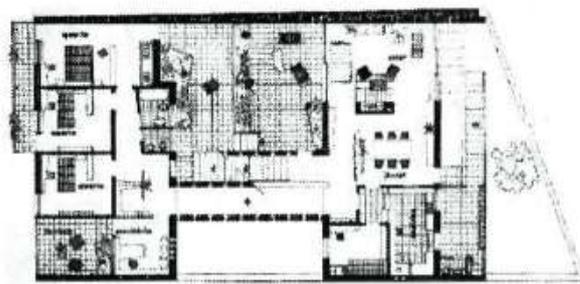
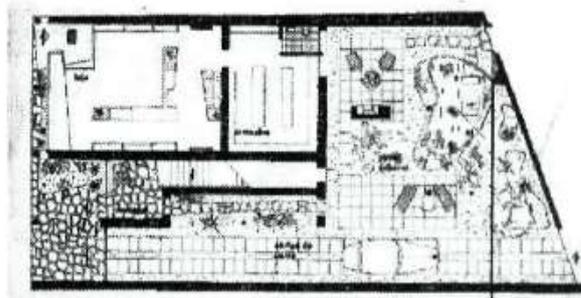
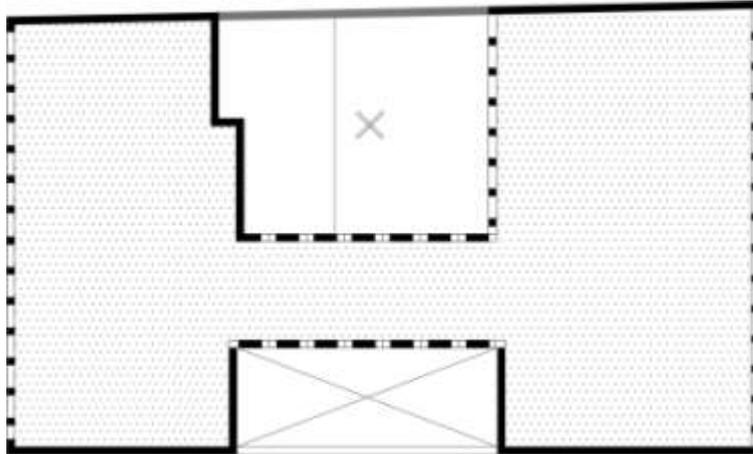


Fig. 55 - Casa em Loulé, planta piso 1 e 2, Gomes da Costa, 1953. Fonte: RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A CASA- Arquitectura e Projecto Doméstico na Primeira Metade do Século XX Português*, FAUP publicações, Porto, 2010, p. 572

Fig. 56 - Casa em Loulé, fachada principiál, Gomes da Costa, 1953. Fonte: RAMOS, Rui Jorge Garcia - *A CASA- Arquitectura e Projecto Doméstico na Primeira Metade do Século XX Português*, FAUP publicações, Porto, 2010, p. 572



## **CASA EM LOULÉ | LOULÉ, PORTUGAL | 1953 | GOMES DA COSTA**

**FUNÇÃO** – permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CARÁCTER** - íntimo e social

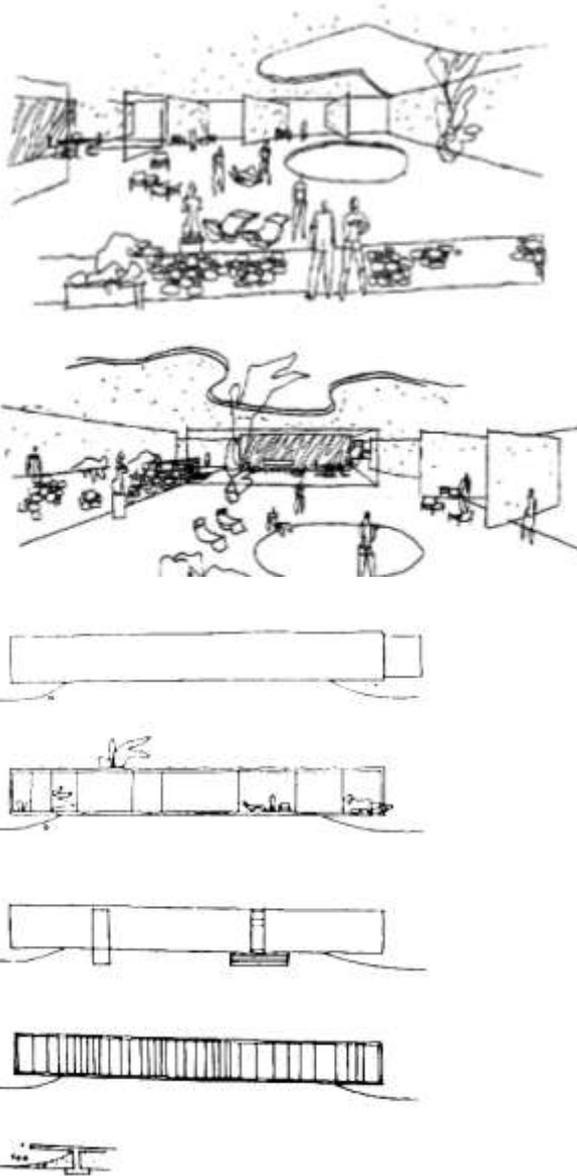
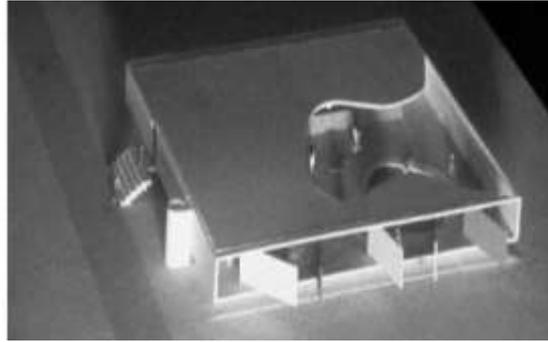
**POSIÇÃO** (em relação à entrada) - no piso superior, no final da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO pátio** –

Área do pátio: 127,59 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 526,46 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 24%

**IDENTIDADE** – O pátio tem uma forma retangular e é totalmente encerrado para o exterior.

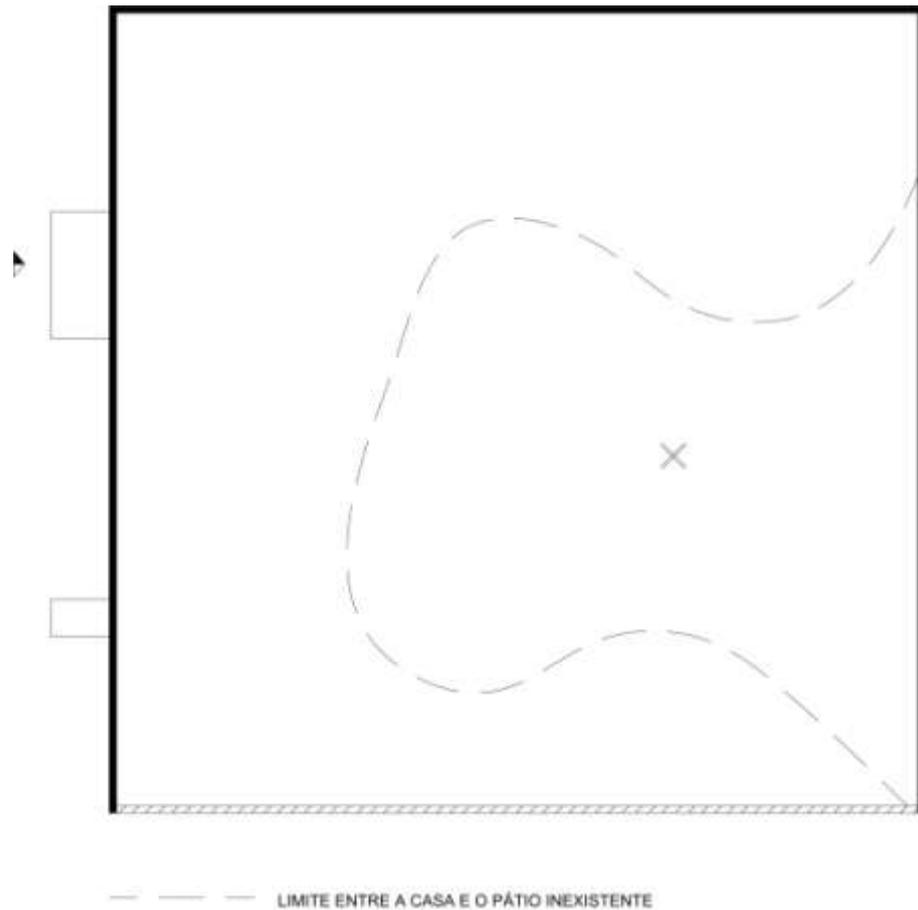
Nesta casa bi-nuclear o pátio está dividido em duas zonas, a cotas diferentes, por umas escadas e uma floreira. A plataforma superior está relacionada com o quarto grande da casa e a outra, a uma cota mais baixa, comporta-se como uma extensão da sala de estar.



**Fig. 57** - Registo em maquete da casa E. de Rothschild, Oscar Niemeyer, 1965. Fonte: <http://www.oscarniemeyer.com.br/obra/pro119>

**Fig. 58** - Desenhos da Casa E. de Rothschild, Oscar Niemeyer, 1965. Fonte: BOTEY, Josep Ma. - Oscar Niemeyer. Obras y proyectos, Gustavo Gilli, Barcelona, 2002, p. 36

**Fig. 59** - Alçados da Casa E. de Rothschild, Oscar Niemeyer, 1965. Fonte: BOTEY, Josep Ma. - Oscar Niemeyer. Obras y proyectos, Gustavo Gilli, Barcelona, 2002, p. 36



**CASA ROTHSCHILD | CESARÉIA, ISRAEL | 1965 | NIEMEYER**

**FUNÇÃO** – permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CARÁCTER** - social

**POSIÇÃO** (em relação à entrada) - no final da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO pátio** –

Área do pátio: 424,38 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 1225,45 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 35%

**IDENTIDADE** – O pátio tem uma forma orgânica, desenhada por uma curva livre que define a cobertura.

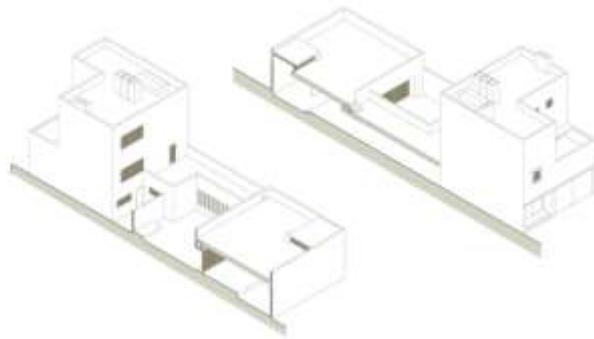
A sua relação com a casa é de total fluidez, não existindo limites físicos que os separem. É a abertura na cobertura que define o pátio.

O pátio abre-se para a rua através de uma fachada construída por painéis amovíveis que medeiam o contacto mais ou menos direto entre a casa e a rua.

O objetivo perseguido era o de criar um lugar de sombra e tranquilidade no ardente clima de Cesária, e o resultado foi uma casa simples e acolhedora na qual se acentua o contraste entre o exterior e o interior.

O pátio apresenta uma piscina e um jardim.

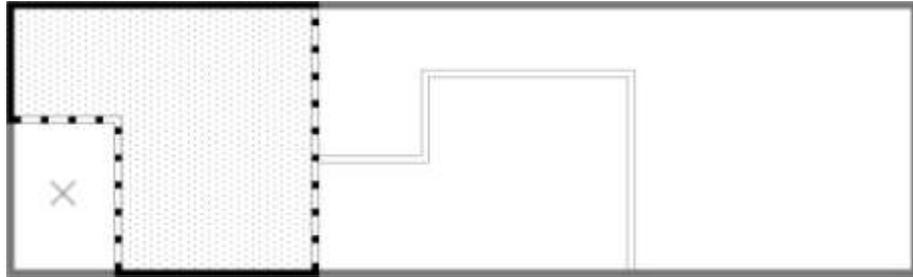




**Fig. 60** – Perspectiva axonométrica. Casa Giraldi, México, Barragan. Retirado em: <http://www.plataformaarquitectura.cl/2011/12/06/clasicos-de-arquitectura-casa-gilardi-luis-barragan/>

**Fig. 61** – Fotografia da Casa Giraldi, México, Barragan. Retirado em: <http://zahoriarch.blogspot.pt/2008/05/casa-gilardi-planos.html>

**Fig. 62** – Fotografia do pátio principal. Casa Giraldi, México, Barragan. Retirado em: <http://zahoriarch.blogspot.pt/2008/05/casa-gilardi-planos.html>



**CASA GIRALDI** | CIDADE DO MÉXICO, MÉXICO | 1976 | LUIS BARRAGAN

**FUNÇÃO** – permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CARÁCTER** – social

**POSIÇÃO** (em relação à entrada) – no piso superior, a meio da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO pátio** –

Área do pátio: 328,92 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 485,56 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 68%

**IDENTIDADE** – Pátio retangular, concretizado por muros cor-de-rosa.

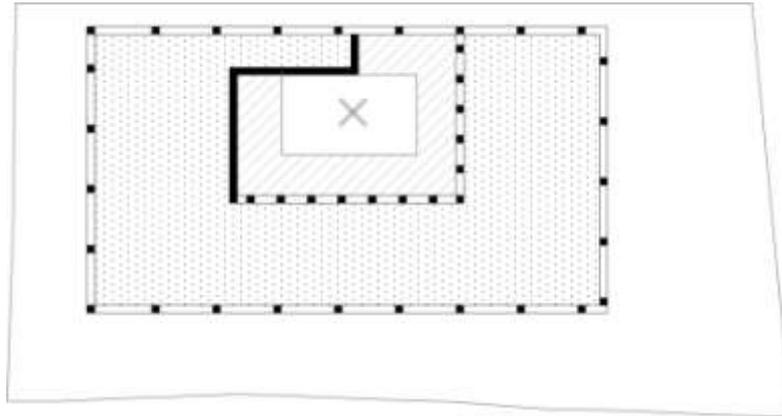
Estabelece contacto com as zonas comuns da casa articulando uma passagem da sala de refeições com sala de estar.



**Fig. 63** – Planta da casa em Pali Hill, de Studio Mumbai, Índia, 2008. Retirado em: <http://openbuildings.com/buildings/house-on-pali-hill-profile-43667/media/314526/show>

**Fig. 64** – Fotografia do pátio. Casa em Pali Hill, de Studio Mumbai, Índia, 2008. Retirado em: <http://www.thecoolist.com/house-on-pali-hill-by-studio-mumbai-architects/>

**Fig. 65** – A relação entre o pátio e a casa. Casa em Pali Hill, de Studio Mumbai, Índia, 2008. Retirado em: <http://www.thecoolist.com/house-on-pali-hill-by-studio-mumbai-architects/pali-hill-by-helene-binet-mombai-8/>



## **HOUSE ON PALI HILL | BANDRA, ÍNDIA | 2008 | STUDIO MUMBAI**

**FUNÇÃO**- distribuição, ventilação, fonte de luz natural

**CARÁCTER**- social

**POSIÇÃO** (em relação à entrada) - no piso superior, no final da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO –**

Área do pátio: 47,77 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 234,25 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 20%

**IDENTIDADE** – Pátio retangular que comporta um lance de escadas em dois dos seus limites.

Apresenta um lago na quase totalidade da área que ocupa.

O piso em madeira é prolongamento da materialidade do piso do resto da casa. A zona percorível é coberta.

### **V.3.2 PÁTIO ENCERRA UM LUGAR**

A ideia de casa-pátio como um lugar, surge desde a definição da parcela como a totalidade do objecto arquitetónico, apresentando-se o pátio, como um mecanismo formal delimitador, que encerra um lugar.

O princípio primordial desta ideia é a coerência de cada modelo, que se estrutura segundo uma ordem formal que está presente a todo o momento.

Todas as casas-pátio fazem do muro limite o elemento arquitetónico primordial, que permite apoderar-se de um lugar como com uma cerca, entendendo como pátio todo o espaço delimitado por ele. A partir desta ideia de recinto que articula espaço exterior e interior e o sem número de dispositivos-limite que concretizam os espaços, são sucessivas as reflexões de como controlar o meio para fazê-lo participar na casa.

Entre a construção de muros cegos e a configuração de apenas um recinto que se eleva do chão, existem um sem número de possibilidades e interpretações materializadas na manipulação dos limites entre a casa e o pátio, e o pátio e a rua, que podem encerrar mais ou menos o lugar, determinando a relação que a casa-pátio estabelece com a envolvente.

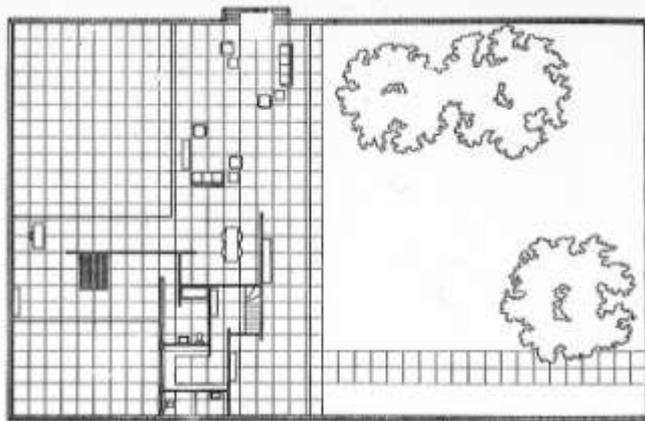
### **V.3.2(1) ENCERRA UM LUGAR FECHADO**

Há projetos que recorrem ao acto de murar um lugar como meio para conceber a casa introvertida em torno de um espaço aberto, o pátio. Perseguem reforçar o sentido unitário de uma forma completa, um objecto unitário que começa e acaba em si mesmo e que descansa na forma cercada, base na qual se funda a forma total da casa.

Nestas casas, onde os pátios e a casa configuram o mesmo espaço e em que o interior e exterior são um todo contínuo, sem diferenças, os elementos e objetos que se dispõem na parcela permitem adequa-la, sem que isto suponha fragmentar a ideia de um espaço unitário.

O muro geral, que encerra e delimita o lugar, que é a casa, implanta-se de tal forma que, também do exterior é difícil estabelecer as diferenças entre o pátio e a casa. O valor que adquire o muro de encerre, que no fundo desenha o alçado da casa, unifica todas as partes, como se de uma mesma coisa, como de um só espaço, se tratasse, identificando a casa-pátio com a ideia de lugar ela própria.

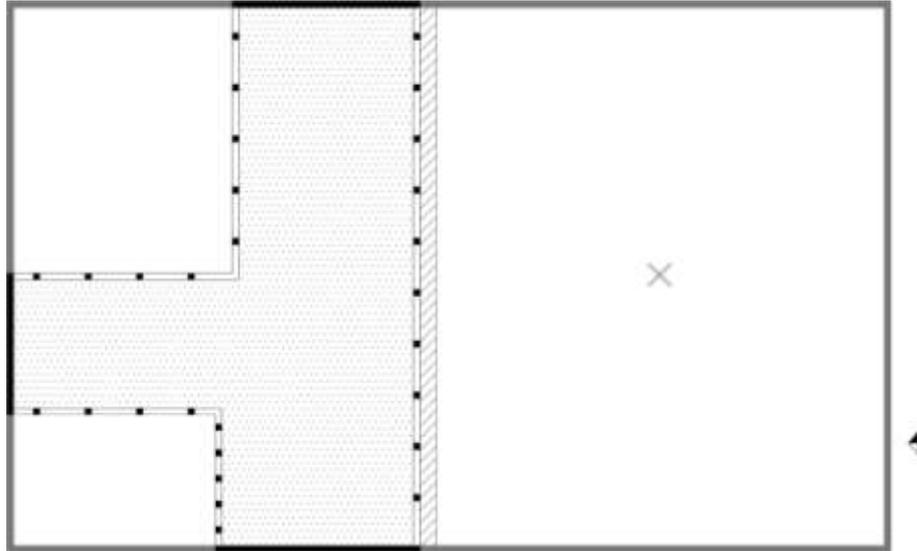
A parcela é a casa, e os elementos que sobre ela se dispõem: muros, chaminés, pilares, planos no solo ou de cobertura, não isentos das suas qualidades intrínsecas como trabalho manual do homem, frente à natureza, condicionam e ajudam a construir a unidade da casa-pátio.



**Fig. 66** - Planta da Casa com 3 pátios, Mies Van der Rohe. Retirado em: [http://ideasandforms.blogspot.pt/2010\\_05\\_01\\_archive.html](http://ideasandforms.blogspot.pt/2010_05_01_archive.html)

**Fig. 67** - Render da Casa com 3 pátios, Mies Van der Rohe. Retirado em: <http://gjhansson.blogspot.pt/2009/02/estudando-studying.html>

**Fig. 68** - Render da Casa com 3 pátios, Mies Van der Rohe. Retirado em: <http://gjhansson.blogspot.pt/2009/02/estudando-studying.html>



## **CASA COM 3 PÁTIOS | 1934 | MIES VAN DER ROHE**

**FUNÇÃO** – átrio, permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CARÁCTER** - social

**POSIÇÃO (em relação à entrada)**- no início da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO –**

Área do pátio: 709,67 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 1061,19 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 67%

**IDENTIDADE** – Encerrado por muros altos e com uma relação visual total em relação ao espaço interior da casa, este grande espaço é um lugar ajardinado onde se desenha um caminho até à entrada da casa e onde se plantam algumas árvores de grande porte.

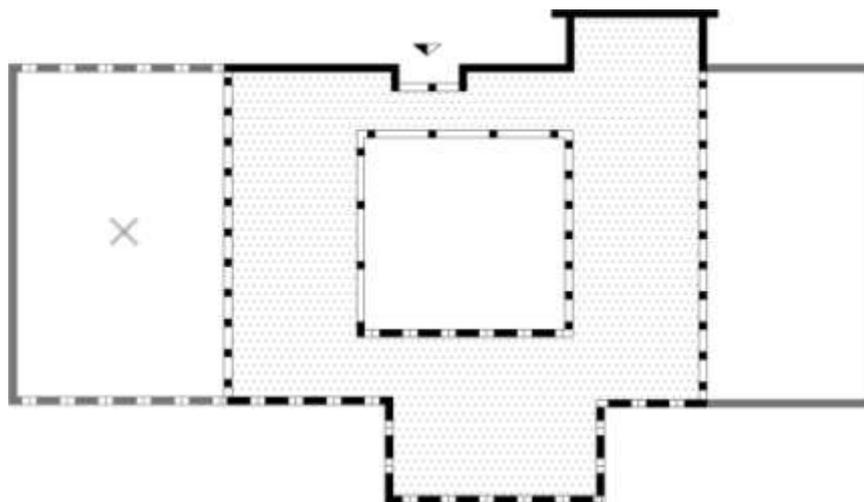


**Fig. 69** – Planta da Casa Sert, Cambridge, de Josep Lluís Sert. Retirado em: <http://teoriaymetodosb.blogspot.pt/2011/06/casa-sert-cambridge-massachusetts.html>

**Fig. 70** – Fotografia da relação estabelecida entre o pátio central da Casa Sert e o espaço interior colectivo, Cambridge, de Josep Lluís Sert. Retirado em: <http://teoriaymetodosb.blogspot.pt/2011/06/casa-sert-cambridge-massachusetts.html>

**Fig. 71** – Fotografia do pátio adjacente ao núcleo colectivo da Casa Sert, Cambridge, de Josep Lluís Sert. Retirado em: <http://teoriaymetodosb.blogspot.pt/2011/06/casa-sert-cambridge-massachusetts.html>

**Fig. 72** – Vista do pátio desde o interior da Casa Sert, Cambridge, de Josep Lluís Sert. Retirado em: <http://teoriaymetodosb.blogspot.pt/2011/06/casa-sert-cambridge-massachusetts.html>



**CASA SERT** | CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS | 1958 | JOSEP LLUIS SERT

**FUNÇÃO** - permanência, ventilação, fonte de luz natural

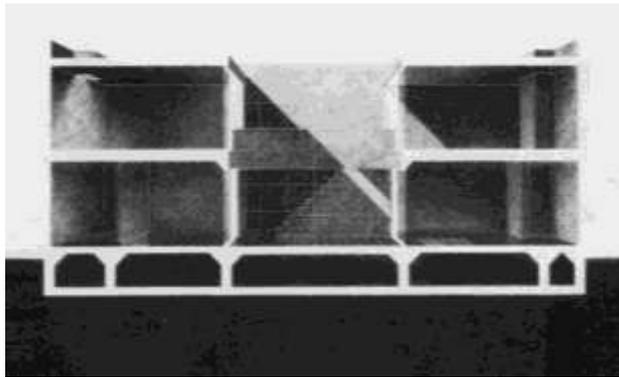
**CARÁCTER** - social

**POSIÇÃO (em relação à entrada)**- no início da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO –**

Área do pátio: 247,69 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 506,18 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 49%

**IDENTIDADE**- pátio delimitado por muros altos, sem nenhuma abertura para o exterior. Ajardinado, com arbustos ao fundo que estabelecem relação com a natureza do bosque envolvente. Relaciona-se com a zona social da casa e encontra-se um degrau a baixo da cota da casa.

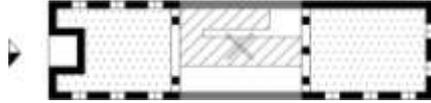


**Fig. 73** – Corte longitudinal da Casa Azuma, Japão, Tadao Ando. Retirado em: <http://www.jbdesign.it/idesignpro/azumahouse.html>

**Fig. 74** . Fotografia do pátio da Casa Azuma, Japão, Tadao Ando. Retirado em: <http://whatsaftermodern.tumblr.com/post/3490717349/ando-is-an-artist-of-light-he-captures-it-in>

**Fig. 75** – Escadas do pátio da Casa Azuma, Japão, Tadao Ando. Retirado em: <http://www.jbdesign.it/idesignpro/azumahouse.html>

**Fig. 76** – Fotografia do pátio da Casa Azuma, Japão, Tadao Ando. Retirado em: <http://joaoalvimcortes.tumblr.com/post/43717072445/row-house-azuma-house-by-tadao-ando>



## **CASA AZUMA | OSAKA, JAPAN | 1975-76 | TADAO ANDO**

**FUNÇÃO** - permanência, distribuição, ventilação, fonte de luz natural

**CARÁCTER** – social, de serviço

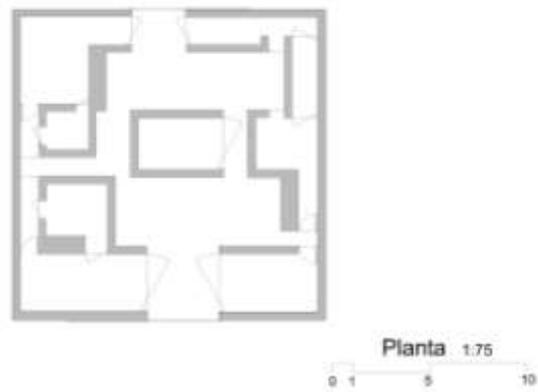
**POSIÇÃO (em relação à entrada)**- no centro da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO –**

Área do pátio: 16,075 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 59,56 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 27%

**IDENTIDADE** – este pátio é como um diamante de luz que atravessa a casa. É para ele que se vira a totalidade da área da casa e nele que cada divisão projeta as suas actividades.

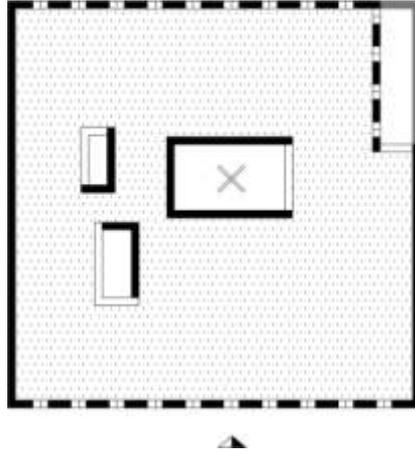
O pátio está ao nível do solo associado às zonas sociais da casa, mas é também nele que se desenrola uma escada (exterior) de acesso aos espaços privados do piso superior.



**Fig. 77** – Planta da Casa no Litoral Alentejano, Aires Mateus. Retirado em: <http://p2-1011.blogspot.pt/2011/04/entrega-final-casa-litoral-en-alentejo.html>

**Fig. 78** – Fotografia da entrada da Casa no Litoral Alentejano, Aires Mateus. Retirado em: <http://www.hogarismo.es/2011/08/05/arquitecto-aires-mateuscasa-en-el-litoral/>

**Fig. 79** – Fotografia que relaciona o pátio central da casa com o espaço de entrada que se abre para o exterior. Retirado em: <http://europaconcorsi.com/projects/203520-Casa-no-Litoral-Alentejano/images/3288602>



## **CASA NO LITORAL ALENTEJANO | PORTUGAL | 2000**

**| AIRES MATEUS**

**FUNÇÃO** - ventilação, fonte de luz natural

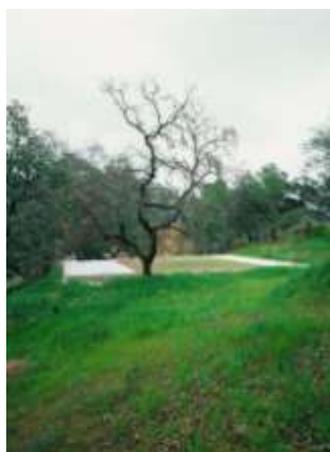
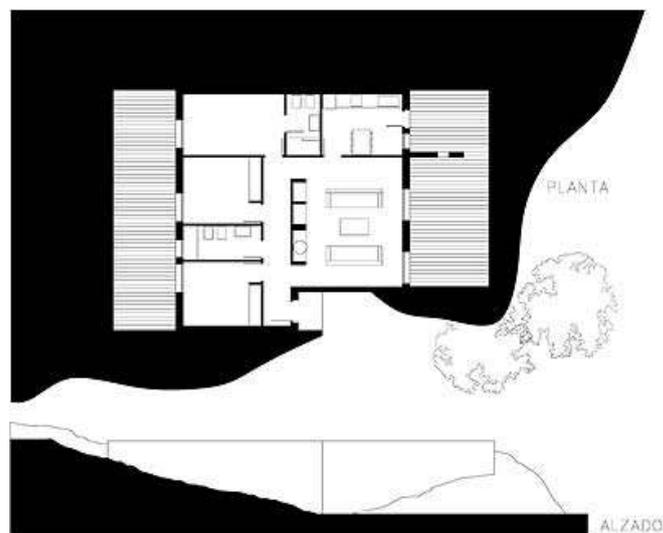
**CARÁCTER** - social

**POSIÇÃO (em relação à entrada)**- no centro da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO –**

Área do pátio: 29,33 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 261,82 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 11%

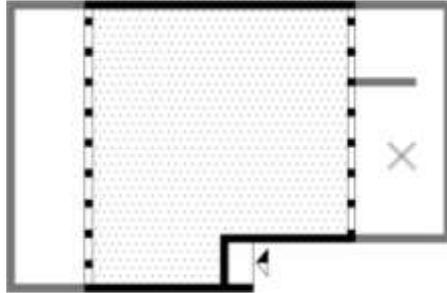
**IDENTIDADE** – de forma retangular, localiza-se no centro da casa. Branco, de pequenas dimensões apresenta uma só porta, envidraçada, de acesso, que ocupa a área total de um dos muros que o contém. O seu pavimento está repleto de claras pedras roliças, e tem plantado um arbusto.



**Fig. 80** – Planta e Alçado Sul da Casa na Serra Norte de Sevilha, Felipe Palomino. Retirado em: [http://www.felipepalomino.com/vivienda/vivienda02\\_g.html](http://www.felipepalomino.com/vivienda/vivienda02_g.html)

**Fig. 81** – Fotografia representativa da relação entre a topografia do lugar e o plano de cobertura da Casa na Serra Norte de Sevilha, Felipe Palomino. Retirado em: [http://www.plataformaarquitectura.cl/2012/05/17/casa-en-sierra-norte-de-sevilla-felipe-palomino-2/pablo\\_09/](http://www.plataformaarquitectura.cl/2012/05/17/casa-en-sierra-norte-de-sevilla-felipe-palomino-2/pablo_09/)

**Fig. 82** – Fotografia do pátio adjacente aos espaços interiores de uso colectivo. Retirado em: [http://www.felipepalomino.com/vivienda/vivienda02\\_i.html](http://www.felipepalomino.com/vivienda/vivienda02_i.html)



## **CASA NA SERRA NORTE DE SEVILHA | ESPANHA |** 2004 | FELIPE PALOMINO

**FUNÇÃO-** permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CHARACTER-** social, de serviço

**POSIÇÃO (em relação à entrada)-** no final da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO-**

Área do pátio: 61,83 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 187,04 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 33%

**IDENTIDADE-** o espaço do pátio está abaixo da cota da rua, encontrando-se enterrado como a maior parte do volume da casa. O muro branco, mais baixo que os do perímetro da casa, que separa a zona exterior correspondente à zona de estar, da zona exterior de serviço correspondente à cozinha, apresenta uma passagem e um buraco, construindo um cenário no pátio.

### **V.3.2(2) ENCERRA UM LUGAR ABERTO**

Complementar, em muitos casos, ao muro unitário que delimita o lugar da casa-pátio, é recorrente outro modo de a delimitar, criando uma plataforma que se eleva do solo.

Esta plataforma elevada sobre o terreno, como lugar onde assenta a vida doméstica, admite a possibilidade de conectar fisicamente ou através do olhar, o exterior. Este facto é basilar na conceção da casa, determinando desde o começo o carácter das relações que a casa vai estabelecer com o meio envolvente através da sua cerca. Esta cerca que agora se desmembra e se rompe, é, em todos os casos, inequivocamente projetada.

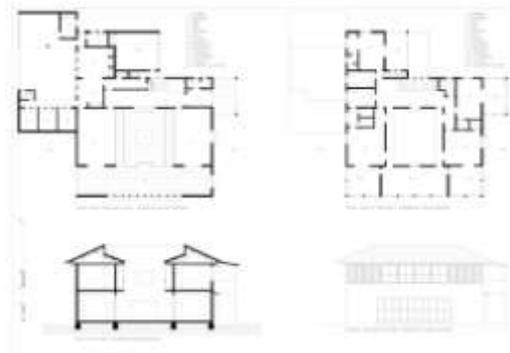
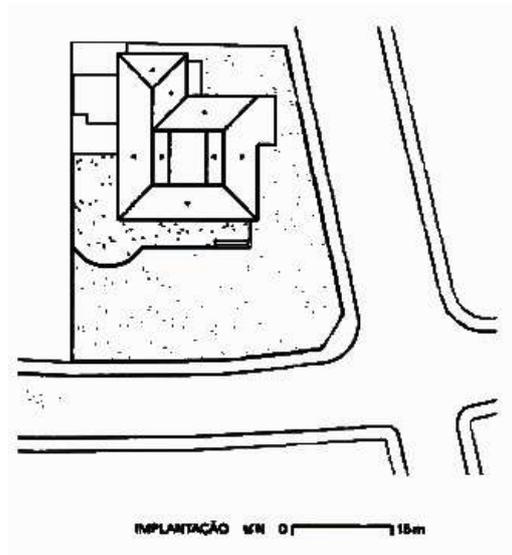
Casa, pátio e limites constituem uma unidade que se exprime na elevação de um só gesto. Esta ideia clássica de totalidade reflete sobre o sentido mais substancial e originário do embasamento. Preparar um solo baseando-o, e nele apoiar uma construção, que ao desprender-se dos seus fortes muros ficar “nua”, adquire o seu grande valor como um lugar que o homem preparou para se assentar e apropriar-se dele.

No alto do seu embasamento, independentemente da sua expressão mais ou menos proeminente, o habitante da casa vai estabelecer uma relação com o mundo exterior, com o objetivo de englobar a paisagem, e, se for o caso, a natureza, ao seu espaço. Este exterior e esta relação não são de pequena importância, muito pelo contrário. O segmento natural e artificial que é sobre-elevado pelo homem, faz parte de um interior no qual este se sente seguro e protegido, e é nessa condição que olha para fora da sua casa e usufrui tranquilamente da sua envolvente.

É este desenho de pódio ou plataforma, que põe o indivíduo em contacto com o meio e lhe permite tomar posseção do lugar. Do lugar físico onde se encontra a casa, e neste caso, visto que se estabelece uma relação visual com o exterior, a posseção do lugar em relação à envolvente.

Apesar desta relação de poder, quando se estabelece o contacto visual entre espaços, existe de certa forma um domínio mútuo, e alcança-se um elevado grau de afinidade e partilha.

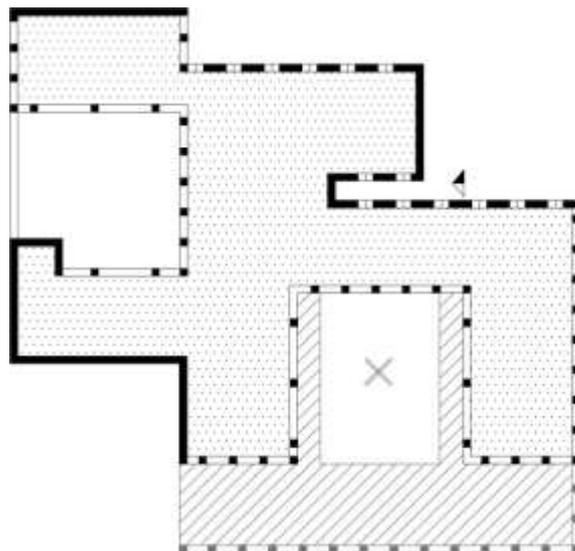




**Fig. 83** – Planta de implantação da Casa Hungria Machado, Lúcio Costa, Rio de Janeiro. Retirado em: <http://books.google.pt/books?id=qoB2hpS9IAMC&pg=PA68&lp=PA68&dq=casa+hungria+machado+rio+de+janeiro+lucio+costa&source=bl&ots=V6L8PhJB8x&sig=gvonX8unEHWytAIFK79YGwYnUqc&hl=pt-PT&sa=X&ei=djNGUoybEJPQ7AbKpYHYCg&ved=0CC0Q6AEwAA#v=onepage&q=casa%20hungria%20machado%20rio%20de%20janeiro%20lucio%20costa&f=false>

**Fig. 84** – Planta do piso térreo, planta do piso superior, corte longitudinal e alçado noroeste. Casa Hungria Machado, Lúcio Costa, Rio de Janeiro. Retirado em: <http://books.google.pt/books?id=qoB2hpS9IAMC&pg=PA68&lp=PA68&dq=casa+hungria+machado+rio+de+janeiro+lucio+costa&source=bl&ots=V6L8PhJB8x&sig=gvonX8unEHWytAIFK79YGwYnUqc&hl=pt-PT&sa=X&ei=djNGUoybEJPQ7AbKpYHYCg&ved=0CC0Q6AEwAA#v=onepage&q=casa%20hungria%20machado%20rio%20de%20janeiro%20lucio%20costa&f=false>

**Fig. 85** – Fotografia da fachada noroeste e relação com a envolvente. Retirado em: <http://casasbrasileiras.wordpress.com/2010/09/26/casa-hungria-machado-lucio-costa/>



**CASA HUNGRIA MACHADO | RIO DE JANEIRO, BRASIL |**  
1942 | LÚCIO COSTA

**FUNÇÃO** - permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CHARACTER** - social

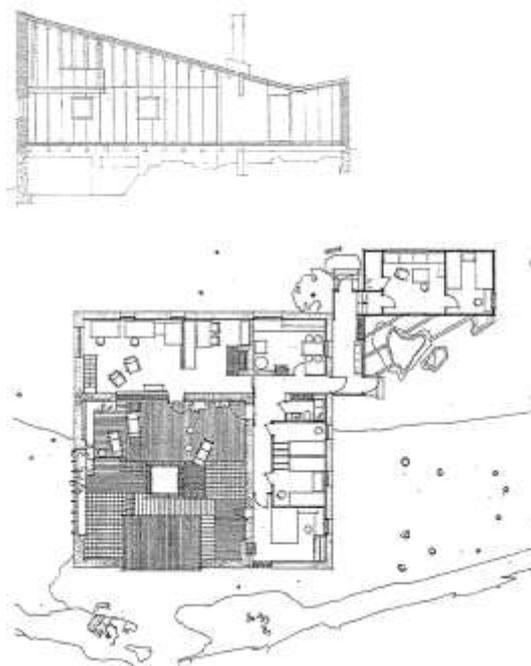
**POSIÇÃO** (em relação à entrada) - no início da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO pátio –**

Área do pátio: 132,42 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 366,10 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 36%

**IDENTIDADE** – O pátio da casa perlonga o seu espaço através de um percurso coberto até ao exterior da casa. Este espaço coberto, que pode abrir-se para o exterior de forma controlada, pode classificar-se como um pátio-varanda.

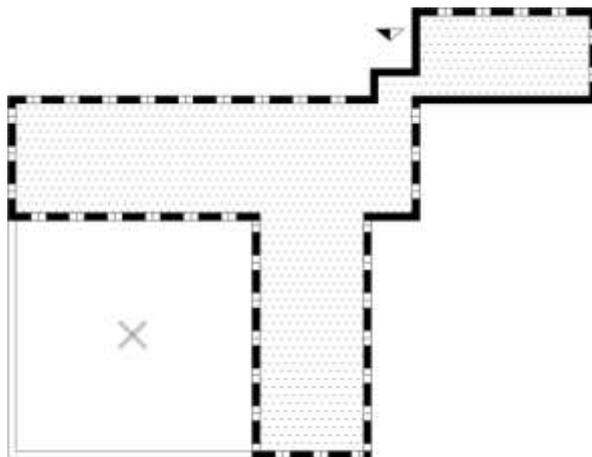
Assim este pátio de forma regular perlonga a sua área e a sua atmosfera até ao exterior, encontrando-se num momento de transição entre pátio e varanda da casa.



**Fig. 86** - Planta e corte da Casa Muuratsalo, Alvar Aalto, Finlândia. Retirado em: <http://www.zeroundiciu.it/2012/04/24/casa-sperimentale-a-muuratsalo/>

**Fig. 87** - Relação com a envolvente. Casa Muuratsalo, Alvar Aalto, Finlândia. <http://www.archdaily.com.br/50705/classicos-da-arquitetura-casa-experimental-muuratsalo-alvar-aalto/1331482382-1331005635-fin-pry-162-1000x666/>

**Fig. 88** - Fotografia do pátio da Casa Muuratsalo, Alvar Aalto, Finlândia. Retirado em: <http://www.zeroundiciu.it/2012/04/24/casa-sperimentale-a-muuratsalo/>



## **CASA EM MUURATSALO | FINLÂNDIA | 1953 | ALVARO AALTO**

**FUNÇÃO** - permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CHARACTER** - social

**POSIÇÃO** (em relação à entrada) - no final da casa

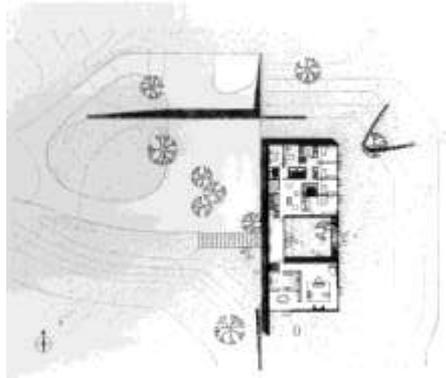
**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO pátio –**

Área do pátio: 85,40 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 245,37 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 35%

**IDENTIDADE** – Este espaço exterior que configura o pátio casa, é um lugar com pouca relação visual com o interior da casa, mas com uma relação bastante forte com a natureza envolvente.

Como uma plataforma que se eleva para observar o que o rodeia, o pátio para além de deter as cores da terra parece um espaço solitário e introspetivo. Quadrado na sua forma, comporta em si uma série de experiencias compositivas dos diferentes tijolos que parecem deter parte da sua identidade.

O espaço do fogo no centro remete para os arquétipos das casa-pátio em que o fogo no centro aquecia de igual forma toda a casa e reunia a família em seu redor.

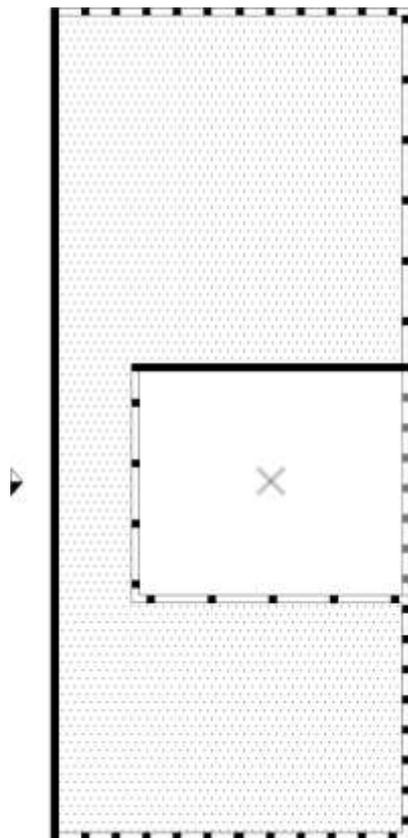


**Fig. 89** – Planta da Casa Hooper e implantação no lugar, de Marcel Breuer, Maryland, Estados Unidos. Retirado em: <http://enredadosenlweb.com/2012/11/casa-hooper-marcel-breuer/>

**Fig. 90** – Fotografia da Casa Hooper e relação com a envolvente. Marcel Breuer, Maryland, Estados Unidos. Retirado em: <http://enredadosenlweb.com/2012/11/casa-hooper-marcel-breuer/>

**Fig. 91** – Fotografia do pátio. Casa Hooper, de Marcel Breuer, Maryland, Estados Unidos. Retirado em: <http://enredadosenlweb.com/2012/11/casa-hooper-marcel-breuer/>

**Fig. 92** – Relação entre o pátio e o interior da casa. Marcel Breuer, Maryland, Estados Unidos. Retirado em: <http://enredadosenlweb.com/2012/11/casa-hooper-marcel-breuer/>



## **CASA HOOPER | MARYLAND, E.U.A. | 1956-1959 | MARCEL BREUER**

**FUNÇÃO** - permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CARACTER** - social

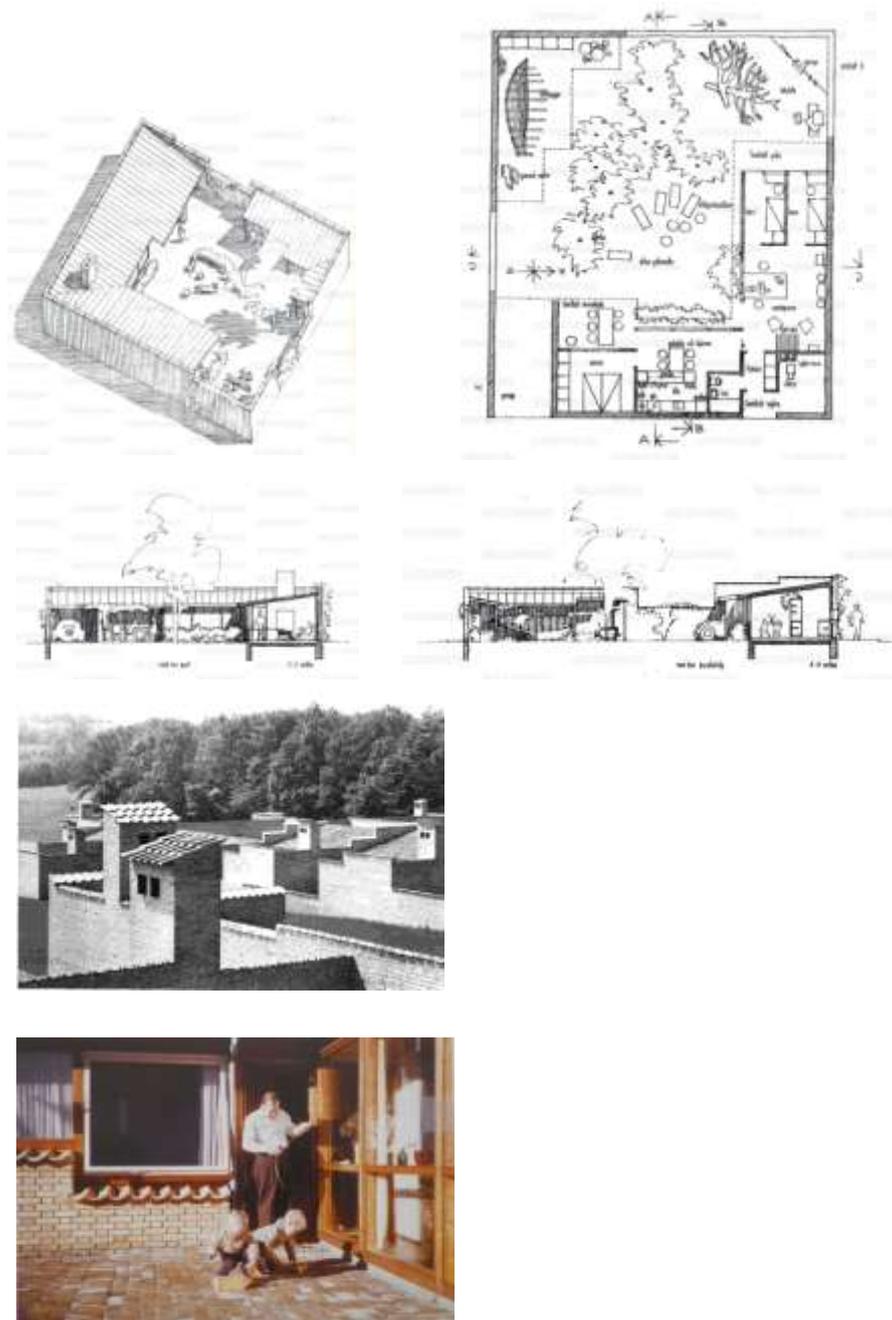
**POSIÇÃO (em relação à entrada)** - no início da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO pátio –**

Área do pátio: 91,98 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 466,27 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 20%

**IDENTIDADE** – O limite que estabelece a relação do pátio com o exterior tem uma abertura que emoldura a paisagem envolvente. Os muros que constituem os limites fechados são feitos de pedras de variadas formas e cores, às quais parecem estabelecer ligação com as cores da natureza envolvente.

Existe a presença de água e um jardim que completa a totalidade da área do pátio. A árvore presente parece fazer parte da lógica das árvores que estão no exterior da casa, como se o exterior invadisse o interior.



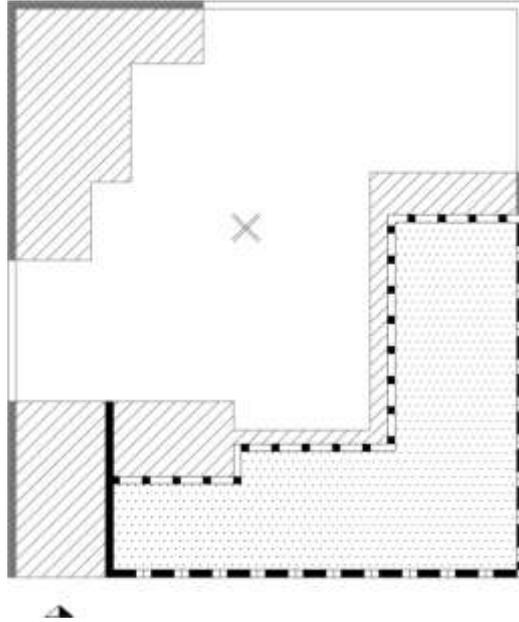
**Fig. 93** – Perspectiva axonométrica da Casa Kingo, Jorn Utzon, Dinamarca. Retirado em: <http://arquitectures234.blogspot.pt/2011/02/jorn-utzon-residencial-viii.html>

**Fig. 94** – Planta da Casa Kingo, Jorn Utzon, Dinamarca. Retirado em: <http://arquitectures234.blogspot.pt/2011/02/jorn-utzon-residencial-viii.html>

**Fig. 95** – Cortes da Casa Kingo, Jorn Utzon, Dinamarca. Retirado em: <http://arquitectures234.blogspot.pt/2011/02/jorn-utzon-residencial-viii.html>

**Fig. 96** – Aglomeração das Casas Kingo e relação com a paisagem. Retirado em: [http://www.danishteakclassics.com/wp-content/uploads/2010/11/Fredensborg\\_housing2.jpg](http://www.danishteakclassics.com/wp-content/uploads/2010/11/Fredensborg_housing2.jpg)

**Fig. 97** – Espaço de comunicação entre o pátio e o interior da casa. Casa Kingo, Jorn Utzon, Dinamarca. Retirado em: <http://arquitectures234.blogspot.pt/2011/02/jorn-utzon-residencial-viii.html>



## **CASA KINGO | ELSINORE, DINAMARCA | 1956-60 | JØRN UTZON**

**FUNÇÃO** – átrio, permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CHARACTER** – social, de serviço

**POSIÇÃO** (em relação à entrada) - a entrada é feita pelo pátio

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO** –

Área do pátio: 333,61 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 467,64 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 71%

**IDENTIDADE** – O pátio é coberto para concretizar a entrada e é também coberto no canto oposto à casa onde se conforma um espaço de oficina.

A casa e o pátio são construídos em materiais quentes e porosos, conferindo ao pátio um ambiente confortável e doméstico.

A casa não é totalmente transparente na sua relação com o pátio, mas estabelece uma ótima relação interior exterior, existindo também uma zona coberta de serviço, de apoio com espaço para uma mesa onde se podem realizar encontros e refeições.

Os limites, em alguns momentos, materializam-se na simples construção de muros baixos, estabelecendo-se assim uma relação física e visual com o exterior envolvente.

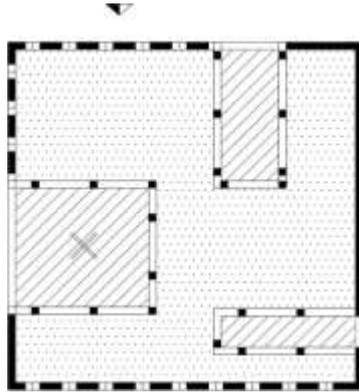


**Fig. 98** – Planta da Casa de fim-de-semana, Riu Nishizawa. Retirado em: [http://en.wikiarquitectura.com/index.php/File:Casa\\_de\\_fin\\_de\\_semana\\_Plano\\_2.jpg](http://en.wikiarquitectura.com/index.php/File:Casa_de_fin_de_semana_Plano_2.jpg)

**Fig. 99** – Fotografia representativa da implantação da casa e da sua relação com a paisagem envolvente. Casa de fim-de-semana, Riu Nishizawa. Retirado em: <http://veinsofglue.blogspot.pt>

**Fig. 100** – Relações entre os espaços interiores da casa e os seus pátios. Casa de fim-de-semana, Riu Nishizawa. Retirado em: <http://veinsofglue.blogspot.pt>

**Fig. 101** – A relação dos pátios com o exterior da casa. Casa de fim-de-semana, Riu Nishizawa. Retirado em: [http://en.wikiarquitectura.com/index.php/File:Casa\\_de\\_fin\\_de\\_semana\\_9.jpg](http://en.wikiarquitectura.com/index.php/File:Casa_de_fin_de_semana_9.jpg)



## **CASA DE FIM-DE-SEMANA | GUNMA, JAPÃO | 1997-98 |** **RIUE NISHIZAWA**

**FUNÇÃO** – ventilação, fonte de luz natural

**CHARACTER** – social, de serviço

**POSIÇÃO** (em relação à entrada) - no meio da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO –**

Área do pátio: 93,18 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 208,02 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 23%

**IDENTIDADE** – Os pátio desta casa, ao contrário de muito outros exemplos em que a casa se projeta para o exterior, é o exterior que invade o espaço interior. A materialidade do chão envolvente da casa perlonga-se pelos pátios, onde a vegetação existe também coerente com a envolvente.

Os pátios cobertos com uma estrutura de ripas, em forma de pérgola, permitem que a casa receba uma luz filtrada vinda do exterior.

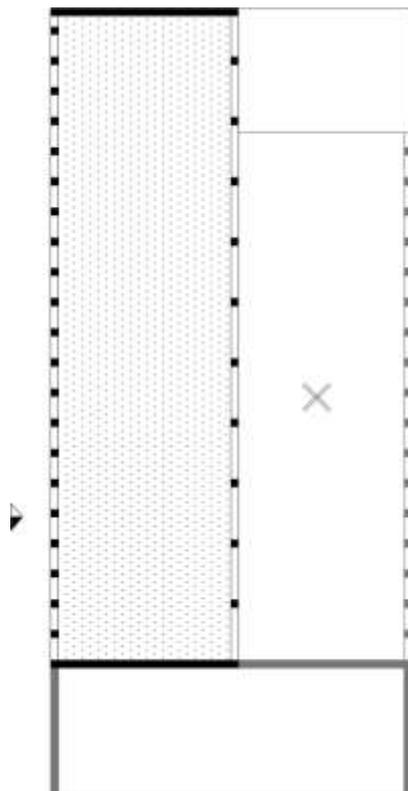
O espaço do pátio pode ser um espaço aberto para o bosque ou um lugar totalmente encerrado quando se fecham as grandes portas opacas que transformam a casa num espaço totalmente interior e introvertido.



**Fig. 102** – Planta do nível 1. Casa chilena, Smiljan Radic, Chile. Retirado em: <http://hicarquitectura.com/2013/07/smiljan-radic-casa-chilena-1-y-2/>

**Fig. 103** – O prolongamento do pátio para o interior da casa, através dos espaços de uso colectivo. Casa chilena, Smiljan Radic, Chile. Retirado em: <http://www.architecture-buildings.com/chilean-house-in-los-lirios-rancagua-chile-by-smiljan-radic/view-casa-chilena-sunlight-through-glass/>

**Fig. 104** – Espaço de recepção ao pátio da casa. Casa chilena, Smiljan Radic, Chile. Retirado em: <http://hicarquitectura.com/2013/07/smiljan-radic-casa-chilena-1-y-2/>



## **CASA CHILENA | CHILE | 2006 | SMILJAN RADIC**

**FUNÇÃO-** permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CARACTER-** social, de serviço

**POSIÇÃO (em relação à entrada) -** no final da casa

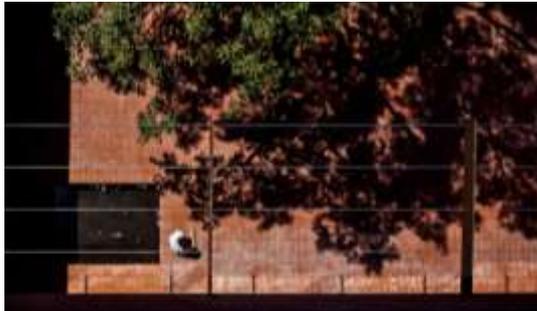
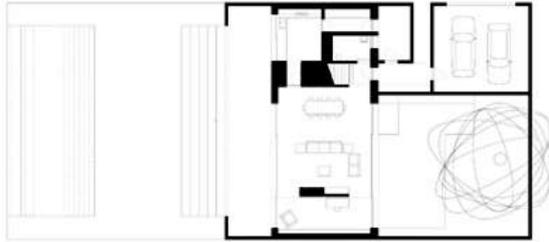
**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO-**

Área do pátio: 253,51 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 445,92 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 57%

**IDENTIDADE-** a casa-pátio está sobre uma plataforma, existindo assim uns degraus que estabelecem a transição entre a área do pátio e a envolvente.

O pátio é totalmente aberto num dos seus limites, em que uma viga metálica pintada de branco desenha o enquadramento do campo visual.

O limite paralelo à casa configura uma “janela” para o exterior e um balcão onde por baixo se guarda a lanha da lareira da casa (referência ao lugar do fogo das casas-pátio).

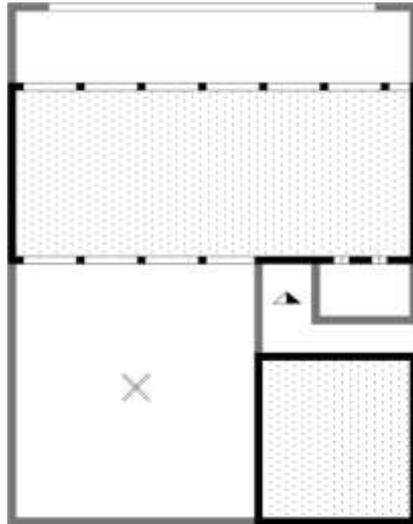


**Fig. 105** – Planta da Casa com três pátios, Miguel Marcelino, Benavente. Retirado em: <http://www.marcelino.pt/index.php/three-courtyards-house>

**Fig. 106** – O pátio com árvore, em relação com o espaço interior de estadia e a paisagem. Casa com três pátios, Miguel Marcelino, Benavente. Retirado em: <http://www.ultimasreportagens.com/659.php>

**Fig. 107** – O pátio com árvore e a apropriação do espaço. Casa com três pátios, Miguel Marcelino, Benavente. Retirado em: <http://www.marcelino.pt/index.php/three-courtyards-house>

**Fig. 108** – Fotografia aérea sobre o pátio com árvore. Casa com três pátios, Miguel Marcelino, Benavente. Retirado em: <http://www.ultimasreportagens.com/659.php>



**CASA COM TRÊS PÁTIOS | BENAVENTE, PORTUGAL |**  
2009-2012 | MIGUEL MARCELINO

**FUNÇÃO** - permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CARACTER** - social

**POSIÇÃO (em relação à entrada)** - no início da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO pátio –**

Área do pátio: 148,39 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 323,56 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 46%

**IDENTIDADE** - este pátio tem as cores do saibro vermelho. Muros, chão e banco partilham esta mesma cor e textura quente. Uma grande árvore domina a área do pátio com a sua copa e respetiva sombra. Existe também uma fonte que alimenta um pequeno lago.

### V.3.3 O PÁTIO COMO UM SISTEMA DE COMPOSIÇÃO

Com o objetivo de deixar clara a autonomia dos elementos arquitetónicos, principalmente da casa em relação ao pátio, surge a capacidade, no pátio, de ordenar e relacionar as diferentes partes de um edifício.

Estes “pátios de ordem” são antes um sistema de composição, um mecanismo que permite relacionar os diferentes trechos, de um espaço ou de um lugar.

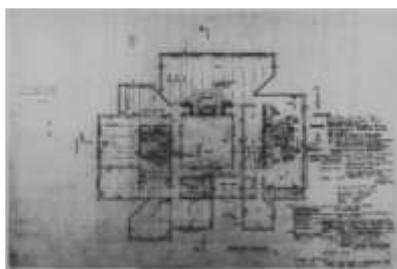
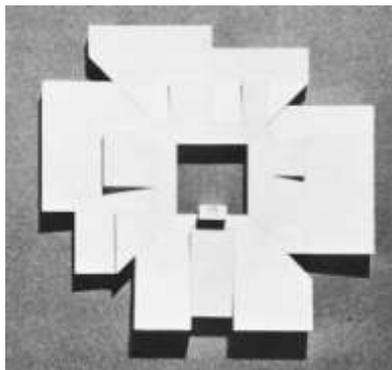
Convertendo-se no fundamento de onde se traça o edifício, o pátio projeta-se como meio compositivo que permite agregar, traçar, ou autonomizar um elemento inicial de onde faz nascer a forma.

Ao entender assim o pátio, este mecanismo, como sistema de composição carregase de intenções intelectuais e metafísicas, perseguindo não só o papel de protagonista na origem do edifício, mas também como *“uma peça, que a modo de prisma de luz, se introduz como um objecto incrustado, como um elemento que de certo modo complementa e enriquece as plantas livres do espaço continuo e fluido”*<sup>69</sup>

---

<sup>69</sup> LLECHA, Joan ; Carles Martí; Jordi Ros; Xavier Ferrer; Núria Parés; Gemma Rolduà; Mònica Sánchez – *DPA 13 PATIO Y CASA*, p.9, tradução livre da autora



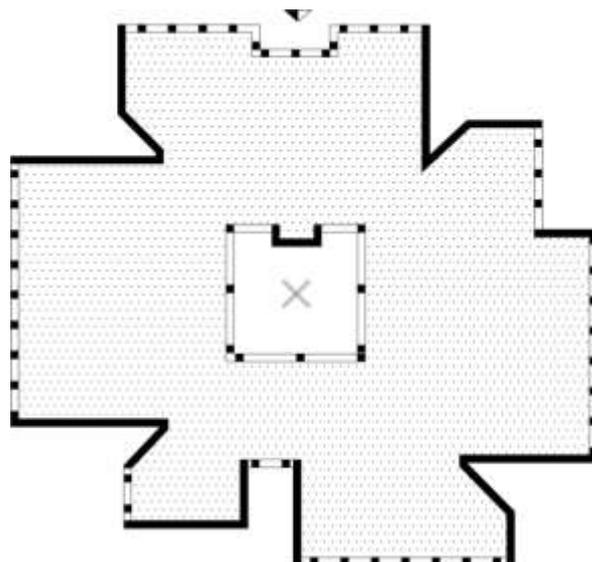


**Fig. 109** – Modelo tridimensional da Casa Goldenberg, de Louis Kahn. Pennsylvania, 1959. Retirado em: [http://www.philadelphiabuildings.org/pab/app/co\\_display\\_images.cfm/505615?IMAGE\\_GALLERY\\_SORTBY=LocalC all&IMAGE\\_GALLERY\\_PAGE=3](http://www.philadelphiabuildings.org/pab/app/co_display_images.cfm/505615?IMAGE_GALLERY_SORTBY=LocalC all&IMAGE_GALLERY_PAGE=3)

**Fig. 110** – Planta da Casa Goldenberg, de Louis Kahn. Pennsylvania, 1959. Retirado em: <http://avmarchitect.blogspot.pt/2012/10/goldenberg-house-louis-kahn.html>

**Fig. 111** – Vista aérea do modelo tridimensional da Casa Goldenberg, de Louis Kahn. Pennsylvania, 1959. Retirado em: <http://archimodels.info/post/10720686385/c-louis-kahn-goldenberg-house-rydal>

**Fig. 112** – Desenho da planta da Casa Goldenberg, de Louis Kahn. Pennsylvania, 1959. Retirado em: <http://www.arthistory.upenn.edu/themakingofaroom/catalogue/14.htm>



**CASA GOLDENBERG** | PENSILVÂNIA, E.U.A. | 1959 | LOUIS  
KAHN

**FUNÇÃO**- permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CHARACTER**- social

**POSIÇÃO (em relação à entrada)** - no centro da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO**-

Área do pátio: 22,29 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 380,47 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 58%

**IDENTIDADE**- apesar dos seus limites serem maioritariamente envidraçados, o pátio estabelece exclusivamente relação com a zona de circulação da casa, que o circunda.

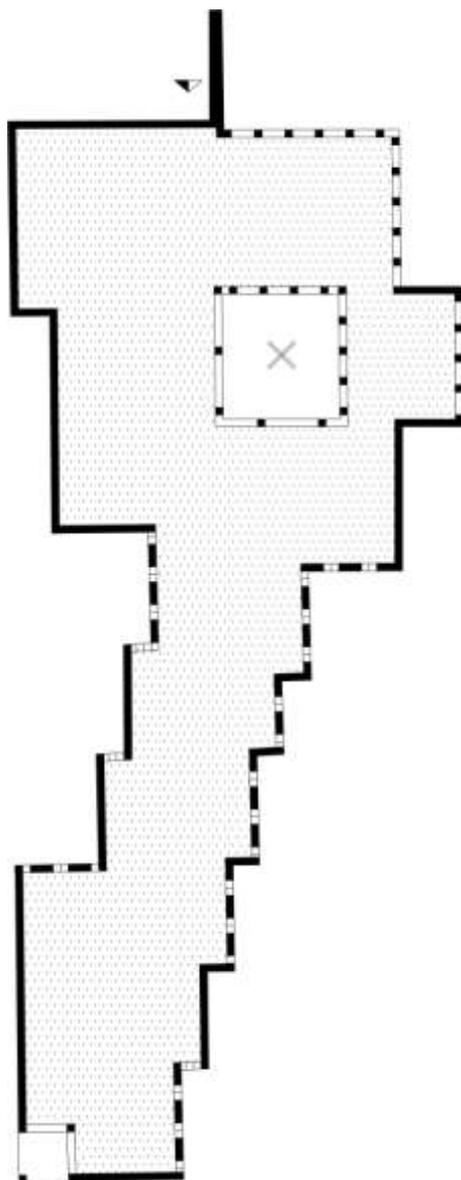


**Fig. 113** – Planta da Casa Rozes, de José António Coderch, Girona, 1962. Retirado em: <http://www.ugr.es/~jfg/casas/coderch/rozes/>

**Fig. 114** – Relação entre a Casa construída e a topografia do lugar. Casa Rozes, de José António Coderch, Girona, 1962. Retirado em: [http://www.flickr.com/photos/jose\\_anta/6154508322/](http://www.flickr.com/photos/jose_anta/6154508322/)

**Fig. 115** – A Casa Rozes e a envolvente. Casa Rozes, de José António Coderch, Girona, 1962. Retirado em: <http://www.ugr.es/~jfg/casas/coderch/rozes/>

**Fig. 116** – Cobertura da Casa Rozes e a relação com o mar. Casa Rozes, de José António Coderch, Girona, 1962. Retirado em: <http://www.ugr.es/~jfg/casas/coderch/rozes/>



## **CASA ROZES | ESPANHA | 1962 | ANTONIO CODERCH**

**FUNÇÃO-** átrio, permanência, ventilação, fonte de luz natural

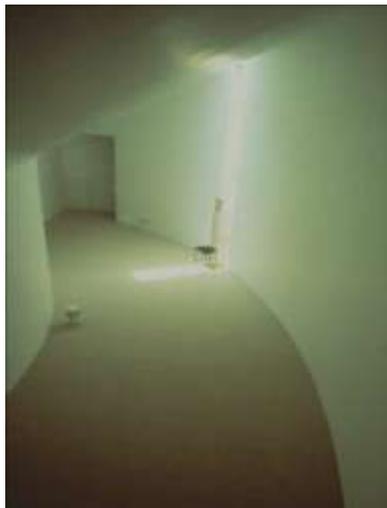
**CHARACTER-** social

**POSIÇÃO (em relação à entrada)-** à entrada da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO-**

Área do pátio: 22,85 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 434,60 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 52%

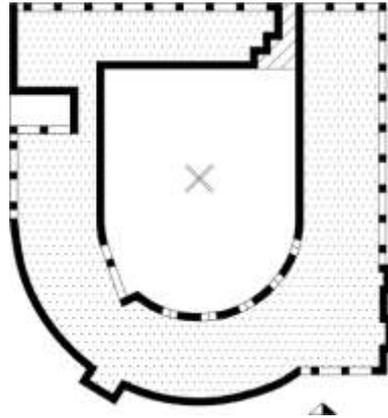
**IDENTIDADE-** a chegada à é concretizada pelo pátio. De forma quadrada, localiza-se entre as zonas de serviço e social, enunciando o enfiamento da distribuição dos espaços privados.



**Fig. 117** – Corte norte-sul, corte este-oeste e planta da Casa White U, de Toyo Iyo, Tokyo, 1976. Retirado em: <http://openbuildings.com/buildings/white-u-profile-43390/media#!buildings-media/22>

**Fig. 118** – Fotografia aérea da Casa White U, de Toyo Iyo, Tokyo, 1976. Retirado em: <http://www.elfanzine.tv/2012/01/edificios-del-fin-del-mundo-parte-4/>

**Fig. 119** – Fotografia do interior da casa, luz zenital do espaço colectivo. Retirado em: <http://www.klatmagazine.com/architecture/toyo-ito-interview-back-to-the-future-09/8321>



## **WHITE U | TOQUIO, JAPÃO | 1976 | TOYO ITO**

**FUNÇÃO**- permanência, ventilação, fonte de luz natural

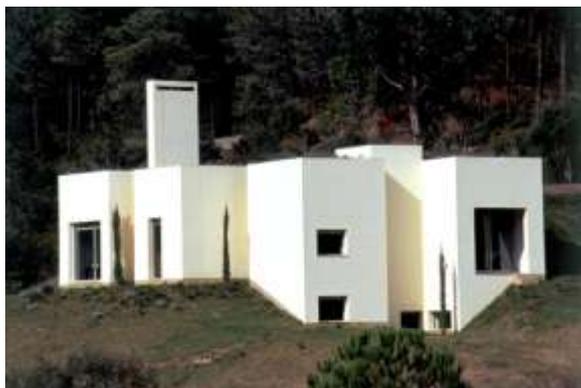
**CHARACTER**- social

**POSIÇÃO (em relação à entrada)**- no centro da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO**-

Área do pátio: 69,24 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 219,26 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 32%

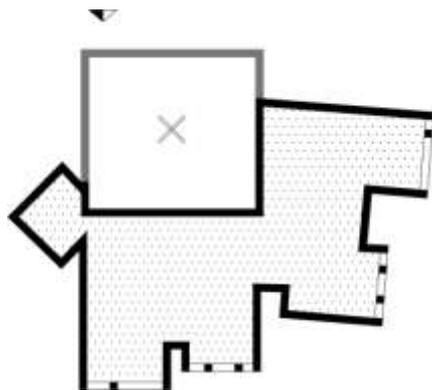
**IDENTIDADE**- lugar introvertido, solitário e intimista.



**Fig. 120** – Planta superior da Casa na Arrábida, Setúbal, Eduardo Souto de Moura. Retirado em: [http://en.wikiarquitectura.com/index.php/File:Arrabida\\_planta\\_superior.jpg](http://en.wikiarquitectura.com/index.php/File:Arrabida_planta_superior.jpg)

**Fig. 121** – Fotografia da Casa e envolvente. Casa na Arrábida, Setúbal, Eduardo Souto de Moura. Retirado em: [http://archrecord.construction.com/news/2011/03/110328pritzker\\_eduardo\\_souto\\_de\\_moura/slideshow.asp?slide=10](http://archrecord.construction.com/news/2011/03/110328pritzker_eduardo_souto_de_moura/slideshow.asp?slide=10)

**Fig. 122** – Fotografia do pátio. Casa na Arrábida, Setúbal, Eduardo Souto de Moura. Retirado em: <http://perezsarmiento.blogspot.pt/2011/03/premio-pritzker-2011.html>



**CASA NA ARRÁBIDA | SERRA DA ARRÁBIDA, PORTUGAL |  
1994-2002 | SOUTO DE MOURA**

**FUNÇÃO-** átrio, distribuição, permanência

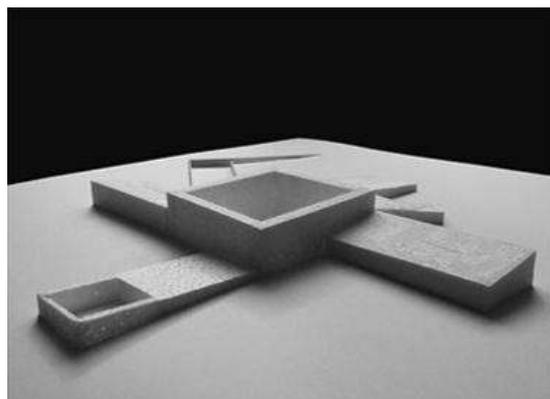
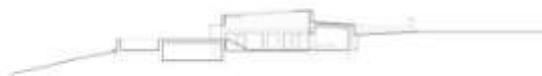
**CHARACTER-** social

**POSIÇÃO (em relação à entrada)-** à entrada da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO-**

Área do pátio: 39,70 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 144,76 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 27%

**IDENTIDADE-** de forma quadrada é definido por uma escada e três muros cegos. Este pátio intimista apresenta um canteiro ao nível do chão com uma árvore e uma mesa que se solta de uma dos muros comuns à casa.

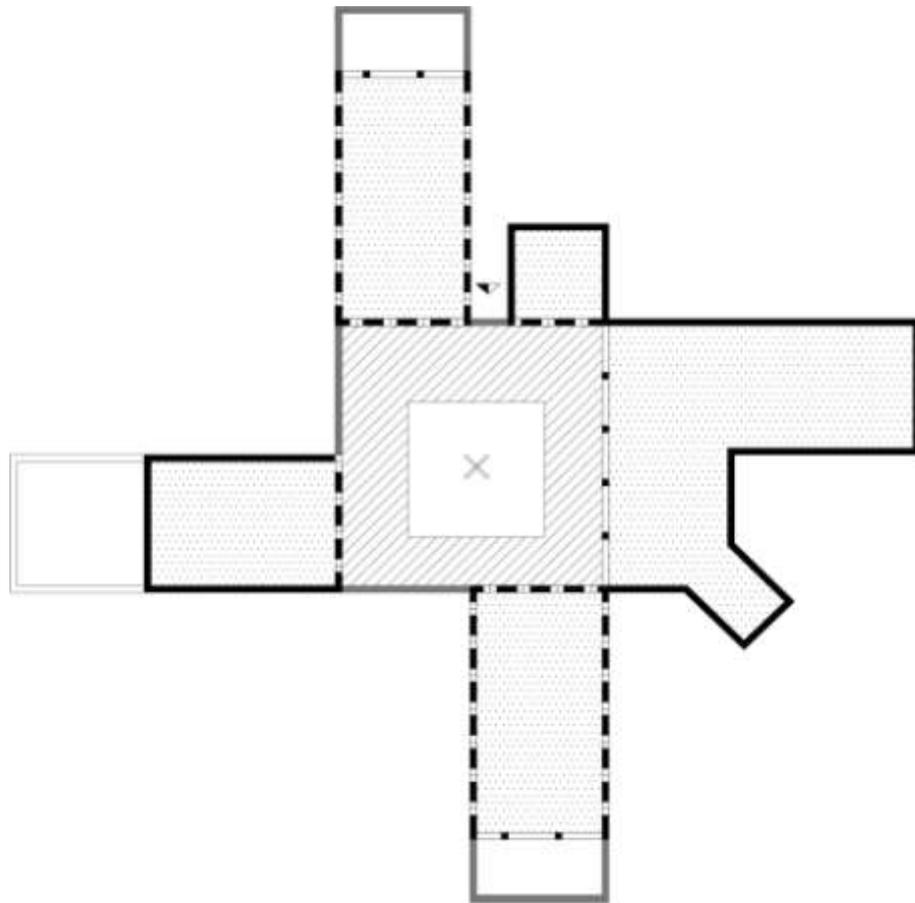


**Fig. 123** – Planta do piso térreo. Casa Aljezur, Atelier Bugio, 2008. Retirado em: <http://www.atelierbugio.com>

**Fig. 124** – Corte longitudinal. Casa Aljezur, Atelier Bugio, 2008. Retirado em: <http://www.atelierbugio.com>

**Fig. 125** – Planta de cobertura. Casa Aljezur, Atelier Bugio, 2008. Retirado em: <http://www.atelierbugio.com>

**Fig. 126** – Fotografia da maquete. Casa Aljezur, Atelier Bugio, 2008. Retirado em: <http://www.atelierbugio.com>



**CASA ALJEZUR | ALJEZUR, PORTUGAL | 2008 | ATELIER  
BUGIO**

**FUNÇÃO**- átrio, distribuição, permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CHARACTER**- social, de serviço

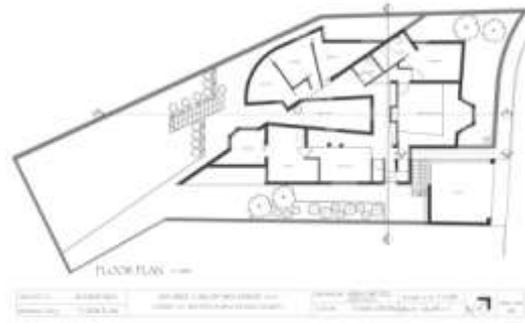
**POSIÇÃO (em relação à entrada)**- à entrada

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO-**

Área do pátio: 196,07 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 553,67 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 35%

**IDENTIDADE**- pátio quadrado aberto para o céu numa pequena área central. O pé direito da zona coberta é maior do que as demais divisões da casa.

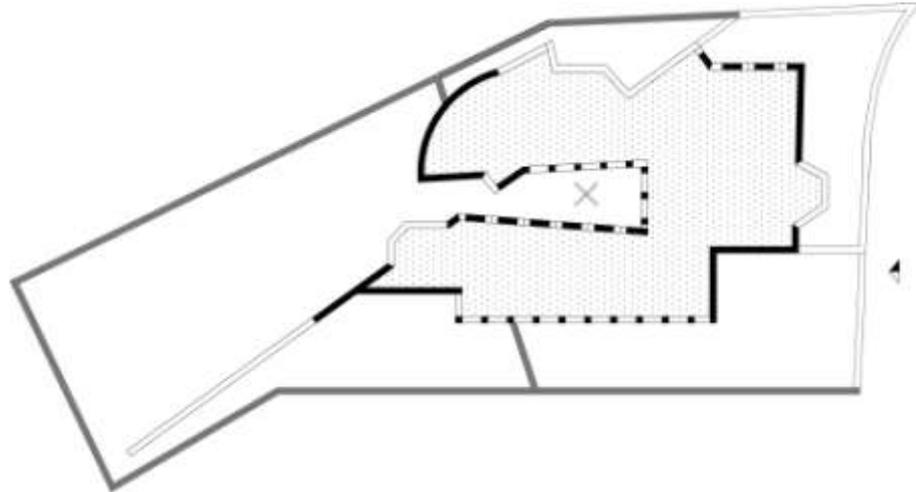
Espaço para o qual todas as divisões da casa se viram, sendo acedidas unicamente a partir dele.



**Fig. 127** – Planta da casa. Casa Carlos Siza, Álvaro Siza, Santo Tirso, 1978. Retirado em: <http://kirrabelmichel.blogspot.pt/2011/03/alvaro-siza-antonio-carlos-siza-house.html>

**Fig. 128** – Vista a partir da rua. Casa Carlos Siza, Álvaro Siza, Santo Tirso, 1978. Retirado em: <http://casaantoniocarlossiza.blogspot.pt>

**Fig. 129** – Perspetiva do pátio. Casa Carlos Siza, Álvaro Siza, Santo Tirso, 1978. Retirado em: <http://fractalesyarquitectura.wordpress.com/2013/03/19/arquitectura-y-geometria-perspectivas-de-la-morfologia-fractal/>



**CASA CARLOS SIZA | SANTO TIRSO, PORTUGAL | 1976-78**  
| SIZA VIEIRA

**FUNÇÃO-** permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CHARACTER-** social

**POSIÇÃO (em relação à entrada)-** no centro da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO-**

Área do pátio: 570,18 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 352,71 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 62%

**IDENTIDADE-** pátio de pequenas dimensões com uma forma irregular. Estabelece relação com outro espaço exterior de maiores dimensões. Conforma e desenha o espaço de circulação da casa.

### V.3.4 PÁTIO COMO ÁTRIO

Átrio significa, segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa* (Porto Editora, 2003): “Espaço que serve de entrada principal a um edifício”, “espaço central de circulação dentro de um edifício”, “pátio interno”.

As principais características do átrio espelham-se no carácter organizativo que detém em qualquer edifício. Mas a valorização deste espaço central, como fizeram os arquitectos do movimento moderno, supõe uma tentativa de voltar ao sentir originário, e encontrar nele certos caracteres ancestrais e imperecíveis.

As propostas que, desde o Movimento Moderno, atendem ao átrio romano, e que poderiam considerar-se inicialmente concentradas nos arquitectos vinculados à área e cultura mediterrâneas, são por fim mais gerais do que à partida se poderia supor e encontramos esta busca arquitetónica em todo o âmbito da cultura ocidental tanto na Europa central, nos países nórdicos, como na América do Norte.

Renasce então, o sentir da mediterraneidade, com formas muito próximas às dos pátios romanos. A abertura zenital do pátio, aquando de clara referência ao átrio romano, remete-nos para o seu sentido originário de templo, para o seu carácter de meio conector do homem com as divindades.

O átrio, apesar de, antes de tudo, responder à busca de um espaço interno significativo, está de todos os modos aberto à esperança depositada no céu, correspondendo ao modo de templo doméstico que sempre representou desde o átrio romano.

É, por tanto, a busca por um desenho analítico, desprendido em boa parte dos efeitos qualitativos, e que, desde uma atitude conceptual, propõe uma síntese racional que persegue caracterizar um espaço de valor absoluto, na isenção de referências ao espaço metafísico, fora das contingências históricas do momento. Persegue-se, de certo modo, separar a matéria do espírito; o primário e essencial do circunstancial.

*“A crença de que o espaço da liberdade contia valores absolutos, alheios à temporalidade das circunstâncias, conduz, como assinala Gregotti, a uma “mediterraneidade que [...] é o eco da sua antiguidade absoluta; da sua legitimidade enquanto classicidade, próxima da ideia de uma arte fora das contingências históricas e neste sentido totalmente racional.””<sup>70</sup>*

---

<sup>70</sup> RECASENS, Gonzalo Díaz - *Recurrencia y herencia del patio en el Movimiento moderno*, p., tradução livre da autora



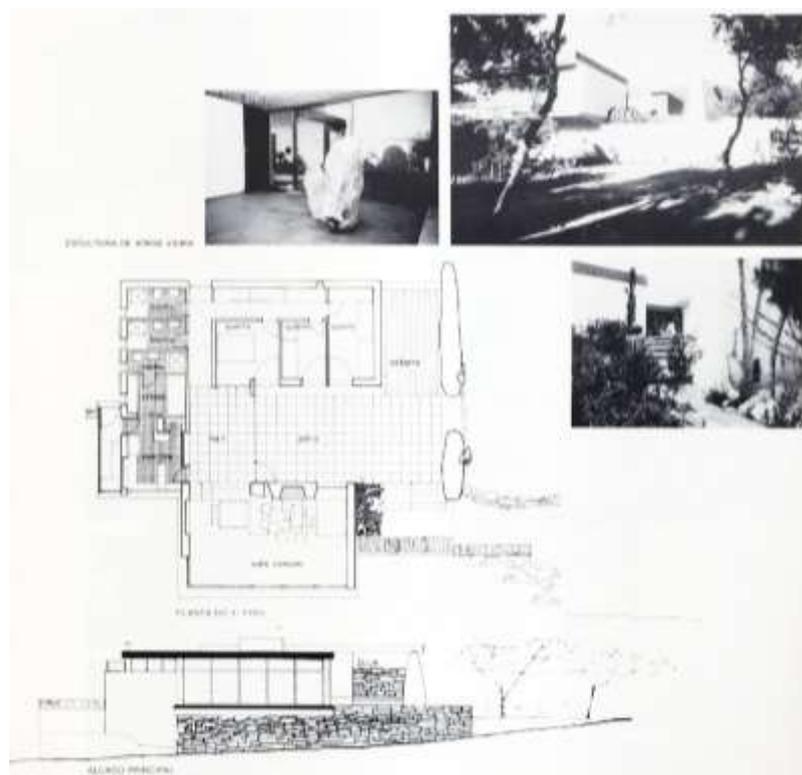
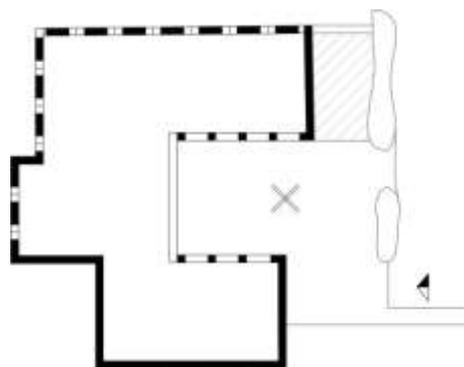


Fig. 130 – Casa Conceição Silva, Guincho – Cascais, 1960.



## **CASA CONCEIÇÃO SILVA | PORTUGAL | 1960 | CONCEIÇÃO SILVA**

**FUNÇÃO-** átrio, permanência, ventilação, fonte de luz natural

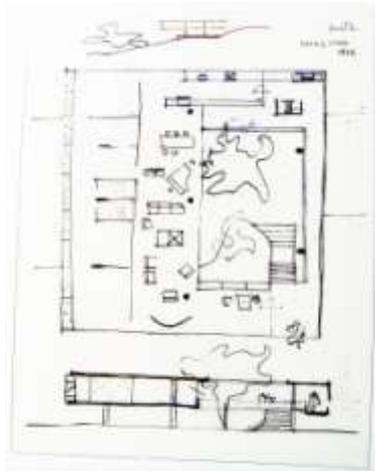
**CHARACTER-** social

**POSIÇÃO (em relação à entrada)-** à entrada da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO-**

Área do pátio: 62,26 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 180,33 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 35%

**IDENTIDADE-** o pátio estabelece uma relação de comunicação física e visual entre a áreas dos quartos e a zona social da casa. Central, organiza uma casa tri-nuclear, a zona social, a zona de serviço e a zona íntima da casa.

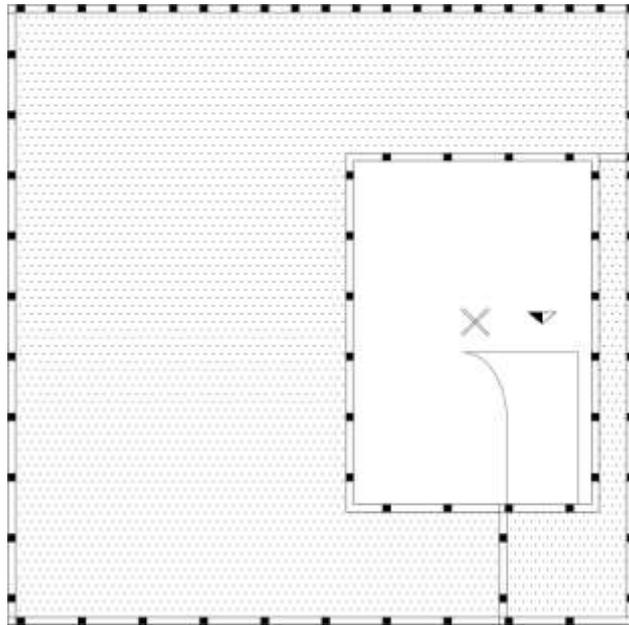


**Fig. 131** – Planta e corte associados. Casa James King, Paulo Mendes da Rocha, São Paulo, 1972-74.

**Fig. 132** – Fotografia da casa e nível de toque no solo. Casa James King, Paulo Mendes da Rocha, São Paulo, 1972-74.

**Fig. 133** – Acesso à casa e relação com a natureza. Casa James King, Paulo Mendes da Rocha, São Paulo, 1972-74.

**Fig. 134** – Vista interior da casa sobre o pátio. Casa James King, Paulo Mendes da Rocha, São Paulo, 1972-74.



**CASA JAMES KING | SÃO PAULO | 1972-74 | PAULO MENDES DA ROCHA**

**FUNÇÃO-** átrio, permanência, ventilação, fonte de luz natural

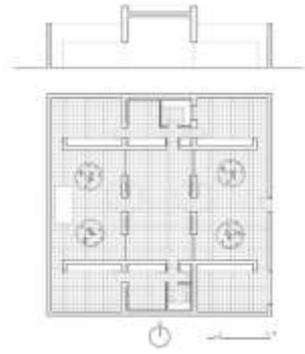
**CARACTER-** social

**POSIÇÃO (em relação à entrada)-** à entrada da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO-**

Área do pátio: 127,81 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 607,24 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 21%

**IDENTIDADE-** O pátio localiza-se num nível inferior ao nível do primeiro piso da casa. Este pátio central, onde estão presentes as grandes escadas de acesso à casa, compreende uma zona verde, que estabelece uma estreita relação com o bosque envolvente.

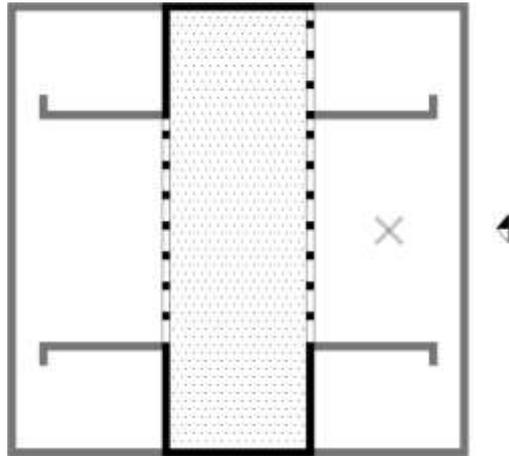


**Fig. 135** – Planta e corte longitudinal. Casa Gaspar, Alberto Campo Baeza. Sevilla la nueva, Espanha, 2002. Retirado em: <http://www.campobaeza.com/gaspar-house/?type=catalogue>

**Fig. 136** – Fotografia do pátio com espelho de água. Casa Gaspar, Alberto Campo Baeza. Sevilla la nueva, Espanha, 2002. Retirado em: <http://www.campobaeza.com/gaspar-house/?type=catalogue>

**Fig. 137** – Pátio de entrada e vista para o interior da casa. Casa Gaspar, Alberto Campo Baeza. Sevilla la nueva, Espanha, 2002. Retirado em: <http://www.campobaeza.com/gaspar-house/?type=catalogue>

**Fig. 138** – Espaço colectivo, no interior da casa, e relação com o pátio através do vão. Casa Gaspar, Alberto Campo Baeza. Sevilla la nueva, Espanha, 2002. Retirado em: <http://www.flickrriver.com/photos/campobaeza/sets/72157600040086168/>



**CASA GASPAS** | SEVILLA LA NUEVA, ESPANHA | 2002 |  
CAMPO BAEZA

**FUNÇÃO**- átrio, distribuição, permanência, ventilação, fonte de luz natural

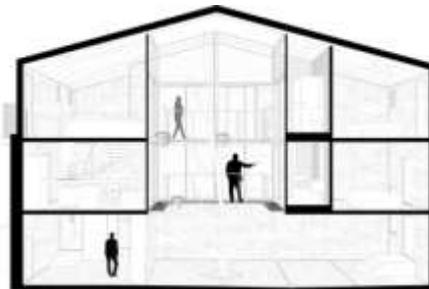
**CARACTER**- social

**POSIÇÃO (em relação à entrada)**- à entrada

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO-**

Área do pátio: 108,02 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 326,21 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 33%

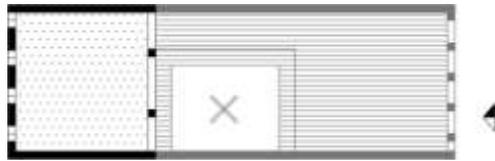
**IDENTIDADE**- pátio de entrada da casa, totalmente encerrado, sendo a porta o único elemento que relaciona o interior e o exterior da casa. Os muros são brancos e o chão de pedra clara. A interromper o ambiente branco, claro e frio do pátio, existem duas árvores, simétricas, uma de cada lado da porta de entrada



**Fig. 139** – Fachada e espaço de entrada na casa. Casa Luz, Arquitectura-G, Cilleros, Espanha, 2013. Retirado em: <http://afasiaarq.blogspot.com/2013/06/arquitectura-g.html>

**Fig. 140** – Corte perspectivado. Casa Luz, Arquitectura-G, Cilleros, Espanha, 2013. Retirado em: <http://arquitecturag.wordpress.com/page/2/>

**Fig. 141** – Fotografia do pátio da casa. Casa Luz, Arquitectura-G, Cilleros, Espanha, 2013. Retirado em: <http://hicarquitectura.com/2013/06/arquitectura-g-casa-luz/>



## **CASA LUZ | CILLEROS CACERES, ESPANHA | 2013 | ARQUITECTURA-G**

**FUNÇÃO-** distribuição, permanência, ventilação, fonte de luz natural

**CARACTER-** social

**POSIÇÃO (em relação à entrada)-** à entrada da casa

**RELAÇÃO ENTRE A ÁREA DA CASA E A ÁREA DO PÁTIO-**

Área do pátio: 63,10 m<sup>2</sup> ; área total da casa: 106,38 m<sup>2</sup> ; % da área do pátio na casa: 59%

**IDENTIDADE-** Como um poço de luz o pátio é comum aos três pisos da habitação que se vira para ele.

No piso térreo o espaço de entrada na casa é exterior e aberto para o céu devido à existência do pátio. Os muros brancos rebocados de forma irregular difundem a luz até às zonas cobertas. O chão e tecto de cor vermelha, brilhante, comuns ao espaço exterior e interior da casa, provocam uma sensação de continuidade do espaço.

## V.4 SISTEMATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO, EXPOSIÇÃO DE DADOS

Por razões que se prendem à busca pela origem e essência do pátio, na convicção de que, procedendo a uma análise transversal ao tempo dos Homens, se pode desvendar a importância que a casa-pátio mantém na organização da cidade, e na arquitetura em geral, por todo o mundo, a dissertação organiza os capítulos por ordem cronológica.

A organização cronológica vinculada a qualquer tema de análise é só uma das possibilidades de investigação à qual podemos proceder com o objetivo de sistematizar e transmitir informação.

Com o objetivo de expor, de forma crítica, os modelos de casas-pátio, existem vários livros que o fazem, todos de forma diferente.

Existe sempre um objetivo concreto para a elaboração de um estudo ou raciocínio. Esse objetivo determina os fatores pertinentes à análise.

Para que a investigação seja pertinente, é necessária a eleição dos elementos que serão sujeitos a observação, e proceder-se à elaboração de um código de análise, que será aplicado a todos os casos de estudo elegidos, e que pode adquirir qualquer nível de complexidade.

Da aplicação do código de análise na observação dos modelos, resulta por fim, uma série de informações em bruto que serão posteriormente examinadas e sistematizadas para que se proceda à organização e exposição dos resultados.

Os resultados finais da investigação podem fomentar algo conhecido ou gerar nova informação.

## V.4.1 DOIS EXEMPLOS CONHECIDOS DE ANÁLISE E ORGANIZAÇÃO DOS CASOS DE ESTUDO

No livro **CASAS CON PÁTIO / CASAS-PÁTIO**<sup>71</sup>, os autores defendem que a proporção e a orientação adequadas do pátio são os fatores essenciais da casa-pátio, pois atribuem a maior importância ao facto de, em casos extremos, este elemento tipológico poder ser a única fonte de iluminação natural da casa.

*“As diferentes possibilidades de organizar as plantas dentro do tipo casa-pátio estão, primordialmente, determinadas pela posição e tamanho do pátio. Como se trata do fator determinante da possibilidade da exposição dos compartimentos da casa à luz natural, todos os outros parâmetros - como o acesso, a localização dos diferentes setores em planta e a orientação - desempenham um papel secundário.”*<sup>72</sup>

Assim, categorizam, as casas-pátio, em seis tipos:

- Casas com pátio ajardinado
- Casas com pátio comum
- Casas em L
- Grupo de Casas em L
- Casas com pátio fracionado
- Casa-átrio

---

<sup>71</sup> BRAUNECK, Per; PFEIFER, Günter - *Casas con Pátio / Casas-pátio*, Barcelona, Gustavo Gili, 2009

<sup>72</sup> BRAUNECK, Per; PFEIFER, Günter - *Casas con Pátio / Casas-pátio*, p.20, tradução livre da autora

No livro **CASAS PATIO: CASAS POR TIPOLOGÍA**<sup>73</sup>, são expostas vinte casas que utilizam o pátio como matéria de experimentação na configuração da vivenda unifamiliar, obras essas, realizadas por arquitectos de todo o mundo, uns consagrados e outros emergentes.

Tendo em conta o estudo do pátio, o presente livro estrutura-se em três capítulos que partem da posição deste espaço e da sua relação com a envolvente.

*“Na apresentação de cada projecto examina-se o sentido do pátio na composição arquitectónica da casa. Pretende-se entender a casa-pátio como uma tipologia arquitectónica e fazer uma imersão no processo de desenho dos casos de estudo incluídos no livro: os diagramas caracterizam a essência do conceito da casa como a representação de um guião de desenho, tanto da forma física como da organização funcional dos espaços. Assim, cada diagrama de análise ajuda a identificar as relações do pátio com os restantes espaços e com o contexto onde se localiza a edificação.”*

Diagramas:

- 1º Esquema: representação da posição do pátio, como princípio estruturante da casa;
- 2º Esquema: análise das zonas da casa, realçando a distribuição das áreas de serviços, social e privada, tendo o pátio como centro das atividades;
- 3º Esquema: representação da iluminação e a ventilação natural;
- 4º Esquema: representação da circulação interior da casa.

---

<sup>73</sup> **BAHAMÓN**, Alejandro; Ana María Alvarez - *Casas Patio: casas por tipología*, Ed. Parramón Arquitectura y Diseño, Barcelona, 2009

## V.5 ANÁLISE PROPOSTA

De forma distinta às análises que interessaram aos autores dos dois livros anteriormente referidos, o tema da presente análise prende-se no cruzamento das características formais dos limites da casa-pátio, com a posição do pátio em relação à entrada da casa.

No caso específico desta investigação, que ocorre paralelamente à resolução de um projecto de arquitectura, que se apresenta como resposta à construção na cidade de um edifício de habitação, que se desenvolve em altura e que apresenta uma densa unidade de largura, interessa cruzar esses dois temas fulcrais vinculando-os ao tipo casa-pátio.

Assim, interessa investigar a forma como vários arquitectos resolvem as suas casas e caracterizam os seus limites, cruzando essa informação com o facto de o pátio, na casa, consoante a posição em que se encontra relativamente à entrada da mesma, deter diferentes papéis, de distinta importância.

O resultado final é uma tabela de duas entradas que de forma sintética e esquemática cruza a posição do pátio relativamente à entrada da casa e as diferentes possibilidades de formalização dos limites da casa que podem variar entre: ABERTO, FECHADO E REGULÁVEL.

## V.5.1 TABELAS

Caracterização da Unidade ENTRADA NA CASA PRIMEIRO PISO	Imite casa-pélo - ABERTO Imite casa-na- Imite casa-na- ABERTO Imite pélo-na- ABERTO				Imite casa-pélo - ABERTO Imite casa-na- Imite casa-na- ABERTO Imite pélo-na- ABERTO	
Imite casa-pélo - FECHADO Imite casa-na- Imite casa-na- FECHADO Imite pélo-na- FECHADO						
Imite casa-pélo - FECHADO Imite casa-na- Imite casa-na- FECHADO Imite pélo-na- FECHADO						
Imite casa-pélo - ABERTO Imite casa-na- Imite casa-na- FECHADO Imite pélo-na- FECHADO						
Imite casa-pélo - FECHADO Imite casa-na- Imite casa-na- ABERTO Imite pélo-na- FECHADO						
Imite casa-pélo - FECHADO Imite casa-na- Imite casa-na- ABERTO Imite pélo-na- ABERTO						



caracterização dos limites ENTRADA NA CASA PRIMEIRO PISO	limite casa-pátio - ABERTO limite casa-nua- ABERTO limite pátio-nua- ABERTO	limite casa-pátio - ABERTO limite casa-nua- FECHADO limite pátio-nua- ABERTO	limite casa-pátio - ABERTO limite casa-nua- FECHADO limite pátio-nua- REGULAVEL	limite casa-pátio - FECHADO limite casa-nua- FECHADO limite pátio-nua- ABERTO	limite casa-pátio - ABERTO limite casa-nua- FECHADO limite pátio-nua- FECHADO	limite casa-pátio - FECHADO limite casa-nua- ABERTO limite pátio-nua- FECHADO	limite casa-pátio - ABERTO limite casa-nua- FECHADO limite pátio-nua- FECHADO	limite casa-pátio - FECHADO limite casa-nua- ABERTO limite pátio-nua- FECHADO	limite casa-pátio - ABERTO limite casa-nua- FECHADO limite pátio-nua- FECHADO	limite casa-pátio - FECHADO limite casa-nua- ABERTO limite pátio-nua- FECHADO	limite casa-pátio - ABERTO limite casa-nua- FECHADO limite pátio-nua- FECHADO	limite casa-pátio - FECHADO limite casa-nua- ABERTO limite pátio-nua- FECHADO			
															
PRIMEIRO PISO															



## V.6 A ESSÊNCIA DA CASA-PÁTIO

*“Contra o consumismo massivo e indiscriminado das coisa, que as deteriora, banaliza e corrompe, talvez se deva insistir na essência, nas razões lógicas que as fizeram nascer e que as transformaram. Assim, a arquitectura como fenómeno, deve buscar e insistir na sua natureza e nas raízes que a determinaram.*

*Entender a essência do que as formas são, o seu carácter, supõe desocupá-las de todas aquelas plantas trepadoras e selváticas cujas folharadas ocultam as suas razões e as raízes que a suportam. A valorização das ideias primárias desde as quais explicamos a atualidade dos elementos e tipos herdados, deve ser complementar aos valores manuais e sensitivos que a arquitectura é capaz de despertar.”<sup>74</sup>*

Para olhar a casa-pátio, é importante incorporar um processo de consciência que nos permita libertar a essência das coisas de tudo aquilo que são factos acessórios, não menos reais e importantes, mas que para o entendimento dos arquétipos tornam-se pesados sinais vãos.

É num olhar atento e conhecedor, que a casa-pátio desvenda a origem das suas incontáveis funções e significados.

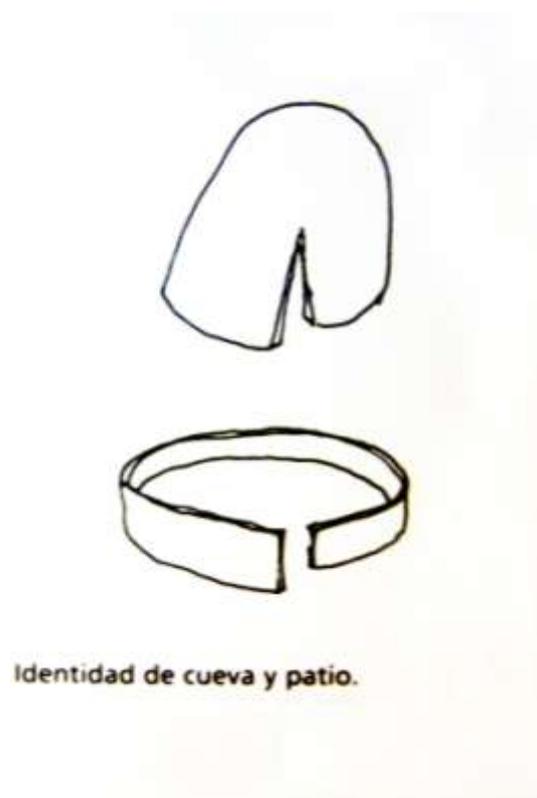
*“O pátio, que na história da Arquitectura já teve diversos papeis, com escalas, carácter, usos, foi, mais que um conceito formal, um termo com o qual se há designado muitas situações formais. Encontramo-lo utilizado para denominar desde o “pátio do colégio” às condutas verticais, de reduzidíssimas dimensões, nos blocos de vivendas massivas. Este vincular-se às formas próximas e aos peristilos por um lado e no seu extremo às chaminés de ventilação aconteceu, provavelmente, pela presença de um arquétipo existencial que desde o subconsciente vem a definir “um lugar (...) ou, se quiserem, pelo que tem como elemento relacionador entre a terra e o céu.”<sup>75</sup>*

O pátio, na sua liberdade enquanto espaço, prevê a sua existência pressupondo a existência do Homem. O pátio pressupõe a intimidade com o homem, na medida em que é um espaço exterior primordial no que diz respeito ao momento da instituição de um espaço exterior, no interior doméstico.

---

<sup>74</sup> RECASENS, Gonzalo Díaz. *Recurrencia y herencia del patio en el Movimiento Moderno*, p.17-18, tradução livre da autora

<sup>75</sup> RECASENS, Gonzalo Díaz. *Op. Cit.*, p.13, tradução livre da autora



**Fig. 142**– Desenho representativo da identidade da gruta e pátio, retirado de: **BARREÑADA**, Rafael Diez. *Coderch-Variaciones sobre una casa*, fundación caja de arquitectos, Barcelona, 2007. P.217

Para Antón Capitel, *“o pátio é um lugar ao ar livre completamente próprio, privado, interior, e esta é a sua essência.”*<sup>76</sup>

Enquanto Werner Blaser afirma que: *“O homem necessita de um espaço de paz e recolhimento que o proteja do espaço exterior, hostil e desconhecido, mas que, no entanto, participe do dia e da noite, do sol e da lua, do calor, do frio e da chuva. Este espaço, que está submetido ao passar dos dias e das estações, isto é, às regras que determinam a existência, é o “pátio”. É um dos espaços mais antigos e ainda simboliza sensações da época em que os homens viviam nas cavernas. Também se considera um símbolo de feminidade numa casa ou símbolo espacial de intimidade.”*<sup>77</sup>

Essencial à vida complexa, mas saudável, do homem, o espaço abrigado que lhe transmite paz, é, ao mesmo tempo, limitante e libertador. É na sua condição de isolamento que a casa-pátio oferece autonomia e identidade.

A casa-pátio é um refúgio que conforta os seus habitantes no seu confortável interior, que o é não só pelas suas características como resposta climática mas também pela sua capacidade para conseguir o isolamento da sociedade, da rua, das outras casas.

O pátio formula-se, na preocupação da casa, por preservar um espaço próprio.

*“(…) Porque a gruta, o espaço que melhor mantém a sua autonomia, onde praticamente desaparece qualquer referência externa, salvo a luz que possa filtrar a entrada (...), a gruta como expressão extrema do isolamento (...) dificilmente pode ser o modelo para a concepção geral de uma casa, mais ainda quando se deseja disfrutar do contacto com a natureza.*

*Por tanto, é o pátio, como gruta cuja abóbada é a celeste, o espaço capaz de conciliar a abertura com a intimidade, pois só se relaciona, protegido pelo seu perímetro, com o seu próprio interior.”*<sup>78</sup> (Fig.142)

---

<sup>76</sup> **CAPITEL**, Antón. *La Arquitectura Del Pátio*, P.12, tradução livre da autora

<sup>77</sup> **BLASER**, Werner. *Pátios – 5000 años de evolucion desde la antigüedad hasta nuestros días*, P.7, tradução livre da autora

<sup>78</sup> **BARREÑADA**, Rafael Diez. *Coderch- Variaciones sobre una casa*, fundación caja de arquitectos, Barcelona, 2007. P.217, tradução livre da autora



# VI RELATÓRIO DE PROJECTO

## **VI.1 PROPOSTA URBANA**

### **VI.1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO**

#### **Localização**

A área de intervenção escolhida para desenvolver o projecto localiza-se na cidade de Lisboa, junto à Avenida Almirante Reis.

O terreno em questão encontra-se entre a uma das maiores avenidas da cidade, a Avenida Almirante Reis, e três ruas. A Rua Nova do Desterro, a Rua Capitão Renato Baptista e a Rua Antero de Quental, apesar de serem perpendiculares ou paralelas à Avenida têm um carácter bairrista, como a maior parte das ruas nas colinas de Lisboa antiga, são estreitas e de um só sentido para os automóveis.

Para além do constrangimento entre estes dois cenários urbanos - a grande avenida e as estreitas ruas -, e a grande diferença de cotas a que se encontra cada extremo do terreno, variando entre os 22m e os 47m (relativamente ao nível do mar), este lugar é marcado pela presença de um Mosteiro.

O Mosteiro de Nossa Senhora do Desterro de Lisboa era um mosteiro feminino e pertencia à Ordem de Cister. As monjas cistercienses habitaram-no até 1814. De 1857 a 2007 este edifício foi utilizado como unidade hospitalar, sendo conhecido, ainda hoje, como Hospital do Desterro.

## **Premissas**

### **Lisboa**

A área total disponível para intervenção é de 12.000m<sup>2</sup>, correspondendo à área do interior do quarteirão, ao espaço fisicamente disponível entre os edifícios, o Mosteiro e as ruas circundantes. Admite-se desta forma que todos os edifícios anexados, provisórios ou de apoio ao hospital, tal como as restantes intervenções que ao longo dos anos de acomodaram de forma indiscriminada naquele local, são demolidos.

O facto deste espaço estar repleto de construções, que se foram acumulando e formando ao longo dos tempos uma massa habitada compacta, demonstra ser uma área com potencial, que reclama um projecto que se adequa e responde aos estímulos da cidade.

Hoje em dia uma grande percentagem do centro de Lisboa está desabitado. Muitos edifícios da Baixa estão devolutos, estendendo-se esse cenário pelas restantes ruas do centro da cidade. A população que ativa a vida do coração da cidade vive maioritariamente em zonas residenciais na periferia, e desloca-se ao centro por razões de trabalho ou por lazer.

Também as empresas investem na centralização dos seus serviços construindo grandes infraestruturas na periferia das cidades, criando condições de estacionamento fácil e praticando horários mais vantajosos para a maioria da população com horários de trabalho pouco flexíveis. Assim, o uso de transportes é cada vez mais frequente e indispensável na vida quotidiana.

Aumentando a percentagem de habitantes por metro quadrado, evitando a deslocação constante entre o centro e a periferia, a tendência que se verifica em construir grandes infraestruturas e unificar serviços num só ponto, tende a inverter-se. Se a cidade oferecer condições para que a percentagem de habitantes aumente, inicia-se um novo ciclo. A população aumenta e a necessidade de atender às suas expectativas e necessidades também aumenta.

Em resumo, estratégia de densificar a cidade, tornando-a mais compacta, pretende inverter o facto de cada vez mais famílias irem viver para a periferia; diminuir os transportes que são cada vez mais a circular na cidade; e devolver à cidade os serviços que estão progressivamente a fixar-se na periferia, deixando o centro da cidade com falta de recursos para a população que lá reside.

## **Almirante Reis**

Para além da questão global que envolve a cidade de Lisboa, existe uma realidade particular deste lugar.

Na zona do Intendente e no geral ao longo de toda a Almirante Reis, desde o Martim Moniz à Alameda, verifica-se a presença de indivíduos de várias comunidades diferente. Pessoas das mais diversas nacionalidades, provenientes de todos os continentes, vivem e partilham do mesmo espaço. Praticam os seus costumes e vivem fieis à sua religião.

Estes imigrantes vivem e constroem esta zona da cidade com o cheiro e o sabor dos seus condimentos, com as cores e a forma das suas roupas. Longe do seu país, investem no comércio e dão a conhecer os seus produtos.

Na rua, o português é só mais um idioma, que participa na sinfonia que nos remete para uma outra realidade.

Ao percorrer a Avenida Almirante Reis cruzamo-nos com uma grande quantidade de gente parada, sentada ou a vaguear. Para além do grande movimento comercial, de pessoas ativas que percorrem a avenida em trabalho ou como consumidores, existe uma grande percentagem de pessoas que vive o espaço público, com tempo. Nas pracetas, nos bancos, nos muros, dos degraus, em todo o lugar onde se possa estar e sentar, alguém se apropria e usufrui do espaço.

É um facto marcante nesta zona a permanência constante de pessoas na rua, sozinhas ou em grupos. Parece ser importante para estes indivíduos não se encontrarem sozinhos, num espaço encerrado.

Muitas destas pessoas fixam-se em Portugal, saindo do seu país, da sua casa, à procura de uma vida melhor. Longe das suas raízes, vêm atrás de oportunidades de trabalho e de melhores condições de vida. É na presença do outro, no contacto com os membros da família, com amigos, com vizinho, ou com conhecidos, que estas pessoas não se sentem sozinhas. A convivência com outros membros do grupo ou o contacto informal com outras pessoas, mesmo desconhecidas, é essencial.

Na necessidade de construir uma vida no novo país que os acolheu, criar a sua própria raiz, tentam encontrar pessoas de confiança e lugares que os façam sentir bem, confortáveis, se possível, em casa.

A população desta zona da cidade, para além de diversificada ao nível da nacionalidade, cultura e religião, também o é ao nível etário. Muitos estudantes e casais jovens vivem nesta zona, ajudando a revigorar os espaços públicos onde não só se vêm idosos a jogar às cartas, mas também jovens a estudar nas esplanadas dos quiosques. Esta riqueza cultural e diversidade social e etária da população, acarreta consigo uma enorme complexidade e responsabilidade, se o objetivo de qualquer nova intervenção na cidade for o de ajudar a “coser” todas as partes diferentes que a constituem. É este o interesse acrescido ao intervir nesta zona socialmente complexa.

## **Conclusão**

É destas duas questões que surgem os principais temas discutidos ao longo do projecto. Defendendo uma estratégia de densificação, promovendo condições para as famílias voltarem a viver no centro da cidade, e pensando ao mesmo tempo na realidade deste lugar, nas questões pertinentes que surgem na observação e análise do lugar e dos seus habitantes.

## **VI.1.2 PROPOSTA**

A proposta urbana apresentada admite um potencial de 100% para toda a área de intervenção, na qual são construídos espaços exteriores, edifícios, espaços públicos e espaços privados, com o mesmo grau de importância e relevância uns em relação aos outros, encontrando no conjunto coeso a coerência enquanto unidade. Com o objetivo de densificar a cidade previram-se duas bandas paralelas que tiram partido dos constrangimentos habituais que se estabelecem entre fachadas, em algumas zonas da cidade de Lisboa.

Os dois edifícios adquirem um grande volume inicial representando a possibilidade e potencialidade de se construírem na criação de espaços interiores e exteriores. Como um sistema complexo e autónomo, estes corpos detêm uma grande variabilidade de soluções para os modelos de habitação e zonas de serviços e comércio.

Entendendo a fachada de Lisboa como uma barreira pouco permeável, interessa ter como referência a proximidade entre as mesmas e entender o potencial desta proximidade e as soluções às quais esta circunstância nos transporta. Tendo como ponto de partida que nesta zona da cidade a população procura criar laços e construir, ou reconstruir, a sua vida, desde os imigrantes, às famílias jovens, incluindo também a população idosa que muitas vezes se sente só; criticar o papel do elemento “fachada” nos edifícios da cidade de Lisboa, é um dos temas discutidos na construção deste projecto.

Os edifícios conjugam, então, duas problemáticas: o seu enorme volume e o tema dos limites entre interior e exterior. É na discussão e análise destes temas da Arquitectura que surge o elemento “pátio” como estratégia de projecto.

O pátio, como elemento gerador de espaço, dispõe-se no edifício de forma a criar situações de luz e ventilação natural, necessárias ao seu funcionamento. Mas para além da sua natureza prática, o pátio é considerado um espaço exterior doméstico, relacionando-se intimamente com os ritmos de vida do Homem.

Assim, a procura de espaços exteriores onde o individuo se sinta em casa, onde possa conviver com os outros ou pelo contrário manter-se isolado, encontra solução no espaço do pátio.

Interpretar a essência deste lugar e convocá-lo na resolução destes espaços de transição entre a casa e a rua, o interior e o exterior, o privado e o público, traz uma mais-valia para estes edifícios, cujo objetivo é permitir que os seus habitantes possam usufruir da sua vida privada, no interior da sua casa, mas propor a existência de espaços que promovam contacto com os vizinhos e com as pessoas que passam na rua, que se possam criar relações e permitir que, sem ser evasivo, o “outro” sinta respeito, cuidado, carinho, pelo edifício e por quem o habita.

Os limites podem ser manipulados, por dispositivos móveis com os quais se controla o nível de abertura da casa ao exterior, ou por dispositivos fixos que bloqueiam a visibilidade entre espaços mais íntimos da casa. A importância da dinâmica entre os espaços criados a partir da organização de espaços interiores e espaços exteriores domésticos que se desenvolvem ao longo do edifício habitacional, aliado ao cuidado na manipulação dos dispositivos de controlo que permitem a visão e o contacto entre o interior privado e o exterior alheio, permitem a construção de um edifício complexo, visualmente e espacialmente dedicado à vivência de cada individuo, respondendo à sociedade e a um lugar particular.

## VI.2 PÁTIO E CASA-PÁTIO

### VI.2.1 EDIFÍCIO DESENVOLVIDO

#### **Relação entre o projecto prático e a componente teórica da dissertação**

Na relação íntima que se estabeleceu entre os trabalhos de investigação, do objecto projectual e da dissertação, o tipo casa-pátio destaca-se como tema comum, aglutinador de intenções e expressões que se encaixaram, consolidando um objetivo só, que permitiu a discussão, ponderação e a formulação de um projecto (de componente prática e teórica).

Desenvolvido de forma paralela, a investigação teórica acompanhou as problemáticas evocadas na investigação projectual, assim como o contrário, promovendo uma constante discussão ao nível do projecto aquando o cruzamento com novas informações históricas e teóricas que se enquadravam no trabalho escrito.

Relativamente aos temas do pátio e da casa-pátio, que desde a proposta urbana se manifestam no desenho e na configuração do quarteirão, viram clarificada a sua importância no esclarecimento sobre o significado de tipo e tipologia, e na identificação da casa-pátio como um tipo habitacional.

No reconhecimento da constante evolução do “tipo”, ficou claro que apesar da proposta incidir sobre um edifício habitacional em altura, o tema do pátio e a investigação sobre o tipo casa-pátio se enquadravam e respondiam às premissas do projecto.

Assim se iniciou a busca do entendimento sobre a ideia de Pátio, a procura da sua essência, incidindo sobre a forma como o homem se relaciona com este espaço e a forma como este espaço se relaciona com a casa.

Refletindo a vida doméstica do homem, o pátio pode surgir por introdução de elementos que por adição formam um espaço, ou pela abertura de um espaço no interior do espaço doméstico. Desta conclusão surge: a relação com o alargamento de espaço no interior do edifício, que determina a abertura necessária de espaço

capaz de promover a vida das habitações; e a forma como o pátio surge na fachada e só se separa da rua pela construção de um muro.

Acerca da diferença entre casa com pátio e a casa-pátio, destaca-se a importância que tem o pátio na casa-pátio e a importância de projetar na abordagem a um tipo habitacional. A carga formal e simbólica que, à partida, o projecto acarreta, consolida o lugar e transporta-nos para o tempo e a expressão da Arquitectura.

Para além da importância do pátio e da casa-pátio que foi sendo explanada ao longo dos capítulos da dissertação, declarando a forma prática e poética com que se relaciona com o homem e se assume como espaço (da casa) do homem, a casa-pátio, no capítulo IV, é apresentada a partir de vários modelos que comprovam a sua universalidade.

Os arquétipos manifestam de forma clara as razões de ordem prática, funcional, e simbólica que levam à existência do pátio exaltando a importância da sua presença em cada sociedade. O facto do elemento Pátio estar constantemente presente na história da habitação, declarando-se transversal ao tempo dos Homens, permite deduzir que qualquer individuo, de qualquer cultura, se pode identificar com este espaço e com o sistema que gera. Assim, apesar de cada um interpretar o pátio à sua maneira, recorrendo às conotações e às memórias que lhes são próprias, o Pátio é universalmente identificável e apropriável.

Beneficiando desta característica particular, o pátio é o elemento que transporta qualquer individuo para um território familiar, e desta forma, o edifício construído na Avenida Almirante Reis pode responder a cada família, e ser um veículo promotor e criador de raízes, alimentando o respeito pela memória e permitindo, ao mesmo tempo, a construção de uma nova vida.

A construção do capítulo V, Casas-pátio a partir do séc. XX, exigiu uma procura e análise exaustiva sobre alguns arquitectos e inúmeras obras que, progressivamente, respondiam a questões levantadas ao longo do processo prático do projecto, ou também, pelo contrário, punham em causa levantando questões e dúvidas em relação às decisões tomadas.

Esse trabalho de entendimento e fundamentação do projecto baseado nas referências e modelos que nos são apresentados pela Arquitectura até aos dias de hoje, foi importante não só na variabilidade dos modelos que se articulam na formalização do edifício como também na análise crítica que é possível construir a partir do material selecionado.

É importante referir que casos como “Inmuebles villas” de Le Corbusier (1925) e “Nid d'abeille” de Georges Candilis e Shadrach Woods (1953), são projetos que suscitaram interesse pela abordagem o tema da casa-pátio e pela sua interpretação em edifícios que se desenvolvem em altura. Mas, apesar de aparentemente se aproximarem mais do tema proposto, as casas unifamiliares, pela quantidade e qualidade de modelos construídos, pela diversidade de soluções e interpretações que apresentam, revelaram-se a maior e melhor fonte de informação para que fosse possível analisar e desvendar a essência da casa-pátio. É a partir dessa informação “essencial” e não a partir de modelos concretos que se desenvolveu este projeto.

A casa-pátio chega aos dias de hoje como um tipo habitacional, como um “elemento vivo” que continua a evoluir e a superar-se a si próprio, capaz de corresponder ao tempo e ao espaço do Homem. É na consciência desse facto que o elemento Pátio revela o seu potencial na possibilidade de existir no estado de casa-pátio em edifícios habitacionais que se desenvolvem em altura.

Por fim, as casas do edifício proposto são sistematizadas numa tabela de duas entradas que cruza a posição do pátio em relação à entrada na casa e o carácter dos limites: casa-pátio, pátio-rua, casa-rua. Estas são as duas variáveis essenciais ao trabalho, que surgiram no cruzamento da análise às informações escrita (teórica) e prática (dos modelos construídos), com as condições do edifício proposto.

## **VI.2.2 TABELA**







## VII CONCLUSÃO

Ao procurar alicerçar o *pátio* às suas origens mais remotas, procurando alcançar a sua mais profunda essência, faz-se nascer de novo este elemento marcante da história da Arquitectura em geral e da habitação em particular, impedindo que se converta num símbolo compacto, repleto de soluções e significados que se mantém no passado, convertendo-se num tema atual, carregado de novas ideias.

O pátio, como delimitação e apropriação primária de um recinto, é uma forma fundamental da Arquitectura que o longo da história comprovou ser exemplar na sua função como espaço exterior.

Os atos de expor, abrir e descobrir-se fazem-se presentes no espaço do pátio, que desta forma sugere a ideia de relacionamento, de interação com a natureza, com o clima e com tudo o que o envolve. O pátio é um lugar limitado, que é se desvenda quando alguém lhe acede, e existindo, como o lugar de alguém, intimamente associado à ideia de casa e de espaço doméstico.

O pátio foi invocado nesta investigação pelo seu valor como espaço exterior privado, de estreitos vínculos ao carácter doméstico do espaço habitado pelo homem.

Como espaço introvertido ou extrovertido, o pátio demonstra que não é a posição do espaço exterior na casa que lhe atribui, ou não, o valor de pátio, mas sim o seu papel na casa. Interessa assim, a forma como ele se articula com seus espaços interiores, a forma como ele participa da vida doméstica.

O espaço exterior ao qual se atribui o valor de pátio, é um espaço de qualidade funcional e simbólica, de importância comparável a qualquer outro lugar da casa.

A casa-pátio consiste, em termos tipológicos, numa entidade totalitária que articula espaço interior e espaço exterior doméstico. Desta forma afigura-se como o tipo adequado a desenvolver, na construção de uma ideia de edifício habitacional, que se expressa na articulação destas duas formas de espaço - interior e exterior-.

Casa e pátio pronunciam-se com igual importância ao nível da linguagem do objecto arquitetónico. Assim, na materialização de uma intenção, transversal ao edifício, o espaço doméstico é o tema reconhecido e pressuposto a qualquer espaço de natureza privada.

Em conclusão, o pátio, como estratégia projectual, responde às várias problemáticas tendo em vista um raciocínio convergente e globalizante:

1-Em termos de sistema projectual, o pátio respondendo às questões primárias - garantindo luz natural e ventilação aos espaços da casa-, é um elemento que contrapõe como espaço a céu aberto com os espaços fechados do edifício.

2-O pátio, que tem como característica principal ser um espaço do interior doméstico e participando na vida da casa, existe adverso aos espaços exteriores inúteis, ou que simplesmente não se familiarizam com a dinâmica de nenhum dos restantes espaços da casa.

3-Na medida em que é reconhecido como modelo de habitação por todas as culturas desde a antiguidade, a casa-pátio detém nos seus princípios e regras básicas os elementos essenciais para que qualquer pessoa, de qualquer cultura, tenha a capacidade de se identificar com ela enquanto espaço habitável e apropriável.

## **VII.1 QUESTÕES PERTINENTES SOBRE O TEMA CASA-PÁTIO**

Do decorrer da investigação efetuada no âmbito da realização da presente dissertação, várias foram as questões pertinentes que se cruzaram com o índice proposto.

As questões abaixo apresentadas apareceram, inevitavelmente, ao longo da pesquisa sobre os temas pátio e casa-pátio, e apesar de não estarem expostos,

descritos e desenvolvidos, foram objecto de reflexão e determinantes na estruturação da dissertação.

1- O estudo aprofundado sobre as propostas construídas ou somente teorizadas acerca dos edifícios em altura admitindo como princípio a abordagem ao tipo casa-pátio. É importante nestes casos a reinterpretação e reinvenção dos princípios estruturantes deste tipo, que se adapta a novas condicionantes admitindo o empilhamento dos seus modelos.

2- No tema da habitação social, são inúmeros os exemplos de modelos de casas-pátio, resultantes do desenvolvimento deste tipo como estratégia na resolução de protótipos que respondem de forma pertinente às condicionantes apresentadas. Estas propostas revelam a grande potencialidade espacial e funcional do tipo casa-pátio, que é indissociável das suas potencialidades sociais e humanas intrínsecas à sua existência.

3- Surgem dúvidas relativamente aos limites que separam a caracterização de um pátio e de um terraço em algumas situações. Apesar de ser um assunto que aparentemente é bastante claro, principalmente depois de formular um raciocínio sobre a essência do pátio, existem exemplos de terraços que, devido ao seu carácter, aliás, por apresentarem tamanho carácter e um posição determinante na casa, se podem confundir com o que entendemos sobre o espaço do pátio e a sua relação com quem o habita.

4- Estudar as transgressões que o pátio foi admitindo ao longo dos tempos relativamente aos seus limites, sugere que se analise de forma mais profunda a questão de poder existir ou não pátios cobertos, e o que isso significaria.

5- A comparação entre os modelos de casa-pátio construídos ao longo dos tempos da história dos homens, suscita curiosidade quando se constata a similaridades entre modelos construídos em localizações bastante distintas, ou em épocas totalmente diferentes.

6- O pátio é referido como um vazio, um espaço vazio, por muitos autores que escrevem sobre este tema. É importante perceber o significado de vazio na arquitectura e ponderar se de alguma forma é aplicável este adjetivo à entidade pátio.

# ÍNDICE DE FIGURAS

<b>FIG. 1 - PLANTA ESQUEMÁTICA DE UM ACAMPAMENTO DE BAMBUTI, POVO QUE HABITA A VASTA REGIÃO DE ITURI EM AFRICA</b> , DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. <i>6.000 YEARS OF HOUSING</i> . NEW YORK, NORTON AND COMPANY, 2000, P.19 .....	22
<b>FIG. 2- ESQUEMAS DE ALÇADO, CORTE E PLANTA DE UM ACAMPAMENTO DE BAMBUTI, POVO QUE HABITA A VASTA REGIÃO DE ITURI EM AFRICA</b> , DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. <i>6.000 YEARS OF HOUSING</i> . NEW YORK, NORTON AND COMPANY, 2000, P.20.....	22
<b>FIG. 3 – DESENHO QUE ILUSTRA UM ACAMPAMENTO DE BAMBUTI, POVO QUE HABITA A VASTA REGIÃO DE ITURI EM AFRICA</b> , DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. <i>6.000 YEARS OF HOUSING</i> . NEW YORK, NORTON AND COMPANY, 2000, P.21 .....	22
<b>FIG. 4- CORTE E PLANTA (ESTÁGIO 1) DO SHABONO DOS YANOMAMÓ, HABITANTES DA SELVA DO RIO ORINOCO</b> , DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. <i>6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE</i> . BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984. P.34 .....	24
<b>FIG. 5 - CORTE E PLANTA (ESTÁGIO 2) DO SHABONO DOS YANOMAMÓ, HABITANTES DA SELVA DO RIO ORINOCO</b> , DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. <i>6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE</i> . BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984. P.34 .....	24
<b>FIG. 6 – ALÇADO, CORTE E PLANTA – A CABANA MASAI</b> , DESENHO DE KAJ BLEGRAD ANDERSEN. SCHOENAUER, NORBERT. <i>6.000 YEARS OF HOUSING</i> . NEW YORK, NORTON AND COMPANY, 2000, P.65.....	26
<b>FIG. 7 – TIPOLOGIA DAS CABANAS MASAI</b> , DESENHO DE KAJ BLEGRAD ANDERSEN. SCHOENAUER, NORBERT. <i>6.000 YEARS OF HOUSING</i> . NEW YORK, NORTON AND COMPANY, 2000, P.66.....	26
<b>FIG. 8 – REPRESENTAÇÃO DE KRAAL MASAI</b> , DESENHO DE KAJ BLEGRAD ANDERSEN. SCHOENAUER, NORBERT. <i>6.000 YEARS OF HOUSING</i> . NEW YORK, NORTON AND COMPANY, 2000, P.66.....	26
<b>FIG. 9 - ALÇADO E PLANTA DE UMA CASA MESAKIN QUISAR, POVO QUE OCUPA O SUDÃO</b> , DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. <i>6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE</i> . BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984, P.75.....	28
<b>FIG. 10 - GRUPO DE CASAS MESAKIN QUISAR</b> , DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. <i>6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE</i> . BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984, P.76.....	28
<b>FIG. 11 - ALÇADO DE UMA CASA AWUNA, GRUPO QUE HABITA NO GHANA E ALTO VOLTA</b> , DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. <i>6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE</i> . BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984, P.77.....	30
<b>FIG. 12 - PLANTA DE UMA CASA AWUNA</b> , DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. <i>6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE</i> . BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984, P.77 .....	30
<b>FIG. 13 - CASA PÁTIO AWUNA</b> , DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. <i>6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE</i> . BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984, P.78.....	30

<b>FIG. 14 - PLANTA DE UMA CASA GURUNSI E DO SEU AGRUPAMENTO, GRUPO QUE HABITA NA REGIÃO DO ALTO VOLTA,</b> DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. 6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE. BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984, p.79.....	32
<b>FIG. 15 - AGRUPAMENTO DE CASAS GURUNSI E ÁRVORE BOABAB,</b> DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. 6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE. BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984, p.80 .....	32
<b>FIG. 16 - PLANTA E ALÇADO DE UMA CASA DOGON, GRUPO QUE HABITA NA REGIÃO DO MALI,</b> DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. 6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE. BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984, p.81 .....	34
<b>FIG. 17 - POVOADO DOGON TIPO MESETA,</b> DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. 6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE. BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984, p.83 .....	34
<b>FIG. 18 - POVOADO DOGON TIPO RISCOI,</b> DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. 6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE. BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984, p.82 .....	34
<b>FIG. 19 - AGRUPAMENTO JACAL MEXICANO, GRUPO QUE HABITA NAS PLANÍCIES SEMIDESÉRTICAS DO ARIZONA E NOVO MÉXICO,</b> DESENHO DE SCHOENAUER, NORBERT. 6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE. BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984. P.85.....	36
<b>FIG. 20 – ALÇADO, PLANTA E DESENHO DE UMA CASA DE LAVOURA ESLOVACA. DESENHOS DE LADISLOV FOLTGN.</b> SCHOENAUER, NORBERT. 6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE. BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984, p.81 .....	38
<b>FIG. 21 – ALÇADO, PLANTA E DESENHO DE UMA CASA DE LAVOURA ESLOVACA.</b> DESENHOS DE LADISLOV FOLTGN. SCHOENAUER, NORBERT. 6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE. BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984, p.81 .....	40
<b>FIG. 22 – ESQUEMA DO ESPAÇO EXTERIOR APROPRIADO ENQUANTO ESPAÇO POSSUÍDO.</b> DESENHO FEITO PELA AUTORA. 44	
<b>FIG. 23 - ESQUEMA DO ESPAÇO EXTERIOR APROPRIADO ENQUANTO ESPAÇO VIGIADO.</b> DESENHO FEITO PELA AUTORA. .. 44	
<b>FIG. 24 - ESQUEMA DO ESPAÇO EXTERIOR APROPRIADO ENQUANTO ESPAÇO PRIVADO.</b> DESENHO FEITO PELA AUTORA... 44	
<b>FIG. 25 - GRANJA EM CARÉLIA, RÚSSIA,</b> REGISTRADA POR JOHANNES SPALT E WERNER BLASER, EM PÁTIOS – 5000 AÑOS DE EVOLUCIÓN DESDE LA ANTIGÜEDAD HASTA NUESTROS DIAS, ED. GUSTAVO GILLI, BARCELONA, 1997, p.8.....	54
<b>FIG. 26 - CASA XXIII DE PRIENE, GRÉCIA, SÉC. IV A.C.,</b> REGISTRADA POR ANTÓN CAPITEL, EM LA ARQUITECTURA DEL PÁTIO, ED. GUSTAVO GILLI, BARCELONA, 2005, p.13 .....	54
<b>FIG. 27 - AS CASAS DE LARSA, SEGUNDO C. LEONARD WOOLLEY.</b> RETIRADO DE: SCHOENAUER, NORBERT - 6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE. BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984. P.82.....	62
<b>FIG. 28 – PLANTA DA CASA-PÁTIO EM UR, MESOPOTÂMIA, SÉC. III A.C.,</b> REGISTRADA POR JOHANNES SPALT E WERNER BLASER, EM PATIOS – 5000 AÑOS DE EVOLUCION DESDE LA ANTIGÜEDAD HASTA NUESTROS DIAS, ED GUSTAVO GILI. P.82 .....	62
<b>FIG. 29 – DESENHO PERSPÉCTICO DA CASA-PÁTIO EM UR, MESOPOTÂMIA, SÉC. III A.C.,</b> REGISTRADA POR JOHANNES SPALT E WERNER BLASER, EM PATIOS – 5000 AÑOS DE EVOLUCION DESDE LA ANTIGÜEDAD HASTA NUESTROS DIAS, ED GUSTAVO GILI. P.82 .....	62

<b>FIG. 30 - PLANTA DE UMA CASA-PÁTIO, EM MARROCOS,</b> REGISTRADA POR HOWARD DAVIS, NA ENCYCLOPEDIA OF VERNACULAR ARCHITECTURE OF THE WORLD, VOL. 1, THEORIES AND PRINCIPLES, EDITED BY PAUL OLIVIER, ED. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 1997, P.633. IN REIS, NUNO ARENGA - <i>O SAGUÃO NA HABITAÇÃO URBANA – O INTERIOR DA CASA EM TORNO DE UM VAZIO VERTICAL NUCLEAR</i> , TESE PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM ARQUITECTURA, FAUTL, LISBOA, 2009, .....	64
<b>FIG. 31 – ESQUEMA RELATIVO AO CONTROLO CLIMATÉRICO NAS VIVENDAS ISLÂMICAS.</b> RETIRADO DE: SCHOENAUER, NORBERT - <i>6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE.</i> BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984, P.138 .....	64
<b>FIG. 32 – CASA SZU-HO-JUAN, SEGUNDO SIE-KHIANG WONG.</b> RETIRADO DE: SCHOENAUER, NORBERT - <i>6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE.</i> BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984, P.205 .....	66
<b>FIG. 33 – CASA DE DOIS PÁTIOS, SEGUNDO ANDREW BOYD.</b> RETIRADO DE: SCHOENAUER, NORBERT - <i>6.000 AÑOS DE HÁBITAT. DE LOS POBLADOS PRIMITIVOS A LA VIVIENDA URBANA EN LAS CULTURAS DE ORIENTE Y OCCIDENTE.</i> BARCELONA, GUSTAVO GILI, 1984, P.207 .....	66
<b>FIG. 34 - CASA XXIII PRIENE, GRÉCIA, SÉC. IV A. C.,</b> REGISTRADA POR ANTÓN CAPITEL, EM LA ARQUITECTURA DEL PÁTIO, ED. GUSTAVO GILLI, BARCELONA, 2005, P. 13.....	68
<b>FIG. 35 – CASAS-PÁTIO EM DELOS, GRÉCIA, SÉC. III E II A C.,</b> REGISTRADAS POR ANTÓN CAPITEL, EM LA ARQUITECTURA DEL PÁTIO, ED. GUSTAVO GILLI, BARCELONA, 2005, P. 11.....	68
<b>FIG. 36 - PERISTYLUM DE CASA ROMANA,</b> DESENHOS DE JOHANNES SPALT E WERNER BLASER, EM PÁTIOS - 5000 AÑOS DE EVOLUCIÓN DESDE LA ANTIGÜEDAD HASTA NUESTROS DIAS, ED. GUSTAVO GILLI, BARCELONA, 1997, P. 12.....	70
<b>FIG. 37 - CASAS-PÁTIO WERNER BLASER,</b> EM PÁTIOS - 5000 AÑOS DE EVOLUCIÓN DESDE LA ANTIGÜEDAD HASTA NUESTROS DIAS, ED. GUSTAVO GILLI, BARCELONA, 1997, P. 12.....	70
<b>FIG. 38 - AXONOMETRIA, SECÇÃO TIPO E PLANTA DE CASA ROMANA COM PERISTILO,</b> REGISTRADOS POR JOHANNES SPALT E WERNER BLASER, EM PÁTIOS - 5000 AÑOS DE EVOLUCIÓN DESDE LA ANTIGÜEDAD HASTA NUESTROS DIAS, ED. GUSTAVO GILLI, BARCELONA, 1997, P. 12.....	70
<b>FIG. 39 - SECÇÃO E PLANTA DE CASA TROGLODITA EM MATMATA, NO SUL DA TUNÍSIA.</b> RETIRADO DE: REIS, NUNO ARENGA - <i>O SAGUÃO NA HABITAÇÃO URBANA – O INTERIOR DA CASA EM TORNO DE UM VAZIO VERTICAL NUCLEAR</i> , TESE PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM ARQUITECTURA, FAUTL, LISBOA, 2009. ....	72
<b>FIG. 40 - FOTOGRAFIA DO PÁTIO DE UMA CASA TROGLODITA EM MATMATA, NO SUL DA TUNÍSIA.</b> RETIRADO DE: REIS, NUNO ARENGA - <i>O SAGUÃO NA HABITAÇÃO URBANA – O INTERIOR DA CASA EM TORNO DE UM VAZIO VERTICAL NUCLEAR</i> , TESE PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM ARQUITECTURA, FAUTL, LISBOA, 2009. ....	72
<b>FIG. 41 - REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DA CASA QUE GERA O PÁTIO: CASA E MURO GERAM O PÁTIO.</b> DESENHO FEITO PELA AUTORA. ....	76
<b>FIG. 42 - REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DA CASA QUE GERA O PÁTIO: CASA GERA O PÁTIO.</b> DESENHO FEITO PELA AUTORA. ....	76
<b>FIG. 43 - REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DA CASA QUE GERA O PÁTIO: CASA E MURO GERAM O PÁTIO.</b> DESENHO FEITO PELA AUTORA. ....	76
<b>FIG. 44 - REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DO PÁTIO QUE GERA A CASA: LIMITE DO PÁTIO GERA A CASA.</b> DESENHO FEITO PELA AUTORA. ....	76
<b>FIG. 45 - REPRESENTAÇÃO ESQUEMÁTICA DO PÁTIO QUE GERA A CASA: LIMITE DO PÁTIO GERA A CASA E O MURO.</b> DESENHO FEITO PELA AUTORA. ....	76

<b>FIG. 46 – PLANTA DA CASA JACOBS, DE FRANK LLOYD WRIGHT.</b> RETIRADO DE:	
<a href="http://www.studyblue.com/notes/note/n/lecture-12/deck/2975589">HTTP://WWW.STUDYBLUE.COM/NOTES/NOTE/N/LECTURE-12/DECK/2975589</a> .....	88
<b>FIG. 47 – FOTOGRAFIA DA CASA E PÁTIO DA CASA JACOBS, DE FRANK LLOYD WRIGHT.</b> RETIRADO DE:	
<a href="http://xroads.virginia.edu/~class/am483_95/projects/wright/uson.html">HTTP://XROADS.VIRGINIA.EDU/~CLASS/AM483_95/PROJECTS/WRIGHT/USON.HTML</a> .....	88
<b>FIG. 48 - FOTOGRAFIA DA CASA E PÁTIO DA CASA JACOBS, DE FRANK LLOYD WRIGHT.</b> RETIRADO DE:	
<a href="http://usonianvisitorscenter.blogspot.pt/2011/06/first-usonian-home.html">HTTP://USONIANVISITORSCENTER.BLOGSPOT.PT/2011/06/FIRST-USONIAN-HOME.HTML</a> .....	88
<b>FIG. 49 - PLANTA DA CASA ERICH WOLF, GUBEN, MIES VAN DER ROHE, GUBEN.</b> FONTE:	
<a href="http://areeweb.polito.it/didattica/01cmd/catalog/024/1/html/ind.htm">HTTP://AREEWEB.POLITO.IT/DIDATTICA/01CMD/CATALOG/024/1/HTML/IND.HTM</a> .....	90
<b>FIG. 50 - FOTOGRAFIA DA CASA ERICH WOLF, GUBEN, MIES VAN DER ROHE, GUBEN.</b> FONTE:	
<a href="http://www.hiru.com/arte/ludwig-mies-van-der-rohe">HTTP://WWW.HIRU.COM/ARTE/LUDWIG-MIES-VAN-DER-ROHE</a> .....	90
<b>FIG. 51 - FOTOGRAFIAS DO PÁTIO DA CASA ERICH WOLF, GUBEN, MIES VAN DER ROHE, GUBEN.</b> FONTE:	
<a href="http://areeweb.polito.it/didattica/01cmd/catalog/024/1/html/008.htm">HTTP://AREEWEB.POLITO.IT/DIDATTICA/01CMD/CATALOG/024/1/HTML/008.HTM</a> .....	90
<b>FIG. 52 - PLANTA DA VILLA SAVOYE, POISSEY, LE CORBUSIER.</b> FONTE: <a href="http://quiero-micasa.blogspot.pt/2011_06_01_archive.html">HTTP://QUIERO-MICASA.BLOGSPOT.PT/2011_06_01_ARCHIVE.HTML</a> .....	96
<b>FIG. 53 - VILLA SAVOYE, POISSEY, LE CORBUSIER.</b> FONTE: <a href="http://www.designcontext.net/en/8-1-phase-of-denial-or-refusal-conservative-restoration/">HTTP://WWW.DESIGNCONTEXT.NET/EN/8-1-PHASE-OF-DENIAL-OR-REFUSAL-CONSERVATIVE-RESTORATION/</a> .....	96
<b>FIG. 54 - SALA DE ESTAR DA VILLA SAVOYE, POISSEY, LE CORBUSIER.</b> FONTE: <a href="http://hanser.ceat.okstate.edu/6083/corbusier/villa%20savoye%20%20villa%20besnus.htm">HTTP://HANSER.CEAT.OKSTATE.EDU/6083/CORBUSIER/VILLA%20SAVOYE%20%20VILLA%20BESNUS.HTM</a> . 96	
<b>FIG. 55 - CASA EM LOULÉ, PLANTA PISO 1 E 2, GOMES DA COSTA, 1953.</b> FONTE: RAMOS, RUI JORGE GARCIA - <i>A CASA- ARQUITECTURA E PROJECTO DOMÉSTICO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX PORTUGUÊS</i> , FAUP PUBLICAÇÕES, PORTO, 2010, p. 572 .....	98
<b>FIG. 56 - CASA EM LOULÉ, FACHADA PRINCIPAL, GOMES DA COSTA, 1953.</b> FONTE: RAMOS, RUI JORGE GARCIA - <i>A CASA- ARQUITECTURA E PROJECTO DOMÉSTICO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX PORTUGUÊS</i> , FAUP PUBLICAÇÕES, PORTO, 2010, p. 572.....	98
<b>FIG. 57 - REGISTO EM MAQUETE DA CASA E. DE ROTHSHILD, OSCAR NIEMEYER, 1965.</b> FONTE: <a href="http://www.oscarniemeyer.com.br/obra/pro119">HTTP://WWW.OSCARNIEMEYER.COM.BR/OBRA/PRO119</a> .....	100
<b>FIG. 58 - DESENHOS DA CASA E. DE ROTHSHILD, OSCAR NIEMEYER, 1965.</b> FONTE: BOTEY, JOSEP MA. - OSCAR NIEMEYER. OBRAS Y PROYECTOS, GUSTAVO GILLI, BARCELONA, 2002, p. 36.....	100
<b>FIG. 59 - ALÇADOS DA CASA E. DE ROTHSHILD, OSCAR NIEMEYER, 1965.</b> FONTE: BOTEY, JOSEP MA. - OSCAR NIEMEYER. OBRAS Y PROYECTOS, GUSTAVO GILLI, BARCELONA, 2002, p. 36 .....	100
<b>FIG. 60 – PERSPECTIVA AXONOMÉTRICA. CASA GIRALDI, MÉXICO, BARRAGAN.</b> RETIRADO EM: <a href="http://www.plataformaarquitectura.cl/2011/12/06/clasicos-de-arquitectura-casa-gilardi-luis-barragan/">HTTP://WWW.PLATAFORMAARQUITECTURA.CL/2011/12/06/CLASICOS-DE-ARQUITECTURA-CASA-GILARDI-LUIS-BARRAGAN/</a> .....	104
<b>FIG. 61 – FOTOGRAFIA DA CASA GIRALDI, MÉXICO, BARRAGAN.</b> RETIRADO EM: <a href="http://zahoriarch.blogspot.pt/2008/05/casa-gilardi-planos.html">HTTP://ZAHORIARCH.BLOGSPOT.PT/2008/05/CASA-GILARDI-PLANOS.HTML</a> .....	104
<b>FIG. 62 – FOTOGRAFIA DO PÁTIO PRINCIPAL. CASA GIRALDI, MÉXICO, BARRAGAN.</b> RETIRADO EM: <a href="http://zahoriarch.blogspot.pt/2008/05/casa-gilardi-planos.html">HTTP://ZAHORIARCH.BLOGSPOT.PT/2008/05/CASA-GILARDI-PLANOS.HTML</a> .....	104
<b>FIG. 63 – PLANTA DA CASA EM PALI HILL, DE STUDIO MUMBAI, ÍNDIA, 2008.</b> RETIRADO EM: <a href="http://openbuildings.com/buildings/house-on-pali-hill-profile-43667/media/314526/show">HTTP://OPENBUILDINGS.COM/BUILDINGS/HOUSE-ON-PALI-HILL-PROFILE-43667/MEDIA/314526/SHOW</a> .....	106

<b>FIG. 64 – FOTOGRAFIA DO PÁTIO. CASA EM PALI HILL, DE STUDIO MUMBAI, ÍNDIA, 2008.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://www.thecoolist.com/house-on-pali-hill-by-studio-mumbai-architects/">HTTP://WWW.THECOOLIST.COM/HOUSE-ON-PALI-HILL-BY-STUDIO-MUMBAI-ARCHITECTS/</a> ..... 106
<b>FIG. 65 – A RELAÇÃO ENTRE O PÁTIO E A CASA. CASA EM PALI HILL, DE STUDIO MUMBAI, ÍNDIA, 2008.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://www.thecoolist.com/house-on-pali-hill-by-studio-mumbai-architects/pali-hill-by-helene-binet-mombai-8/">HTTP://WWW.THECOOLIST.COM/HOUSE-ON-PALI-HILL-BY-STUDIO-MUMBAI-ARCHITECTS/PALI-HILL-BY-HELENE-BINET-MOMBAI-8/</a> ..... 106
<b>FIG. 66 – PLANTA DA CASA COM 3 PÁTIOS, MIES VAN DER ROHE.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://ideasandforms.blogspot.pt/2010_05_01_archive.html">HTTP://IDEASANDFORMS.BLOGSPOT.PT/2010_05_01_ARCHIVE.HTML</a> ..... 110
<b>FIG. 67 – RENDER DA CASA COM 3 PÁTIOS, MIES VAN DER ROHE.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://gjoHANSSON.BLOGSPOT.PT/2009/02/ESTUDANDO-STUDYING.HTML">HTTP://GJOHANSSON.BLOGSPOT.PT/2009/02/ESTUDANDO-STUDYING.HTML</a> ..... 110
<b>FIG. 68 – RENDER DA CASA COM 3 PÁTIOS, MIES VAN DER ROHE.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://gjoHANSSON.BLOGSPOT.PT/2009/02/ESTUDANDO-STUDYING.HTML">HTTP://GJOHANSSON.BLOGSPOT.PT/2009/02/ESTUDANDO-STUDYING.HTML</a> ..... 110
<b>FIG. 69 – PLANTA DA CASA SERT, CAMBRIDGE, DE JOSEP LLUIS SERT.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://teoriaymetodosb.blogspot.pt/2011/06/casa-sert-cambridge-massachusetts.html">HTTP://TEORIAYMETODOSB.BLOGSPOT.PT/2011/06/CASA-SERT-CAMBRIDGE-MASSACHUSETTS.HTML</a> ..... 112
<b>FIG. 70 – FOTOGRAFIA DA RELAÇÃO ESTABELECIDADA ENTRE O PÁTIO CENTRAL DA CASA SERT E O ESPAÇO INTERIOR COLECTIVO, CAMBRIDGE, DE JOSEP LLUIS SERT.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://teoriaymetodosb.blogspot.pt/2011/06/casa-sert-cambridge-massachusetts.html">HTTP://TEORIAYMETODOSB.BLOGSPOT.PT/2011/06/CASA-SERT-CAMBRIDGE-MASSACHUSETTS.HTML</a> ..... 112
<b>FIG. 71 – FOTOGRAFIA DO PÁTIO ADJACENTE AO NÚCLEO COLECTIVO DA CASA SERT, CAMBRIDGE, DE JOSEP LLUIS SERT.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://teoriaymetodosb.blogspot.pt/2011/06/casa-sert-cambridge-massachusetts.html">HTTP://TEORIAYMETODOSB.BLOGSPOT.PT/2011/06/CASA-SERT-CAMBRIDGE-MASSACHUSETTS.HTML</a> ..... 112
<b>FIG. 72 – VISTA DO PÁTIO DESDE O INTERIOR DA CASA SERT, CAMBRIDGE, DE JOSEP LLUIS SERT.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://teoriaymetodosb.blogspot.pt/2011/06/casa-sert-cambridge-massachusetts.html">HTTP://TEORIAYMETODOSB.BLOGSPOT.PT/2011/06/CASA-SERT-CAMBRIDGE-MASSACHUSETTS.HTML</a> ..... 112
<b>FIG. 73 – CORTE LONGITUDINAL DA CASA AZUMA, JAPÃO, TADAO ANDO.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://www.jbdesign.it/idesignpro/azumahouse.html">HTTP://WWW.JBDESIGN.IT/IDESIGNPRO/AZUMAHOUSE.HTML</a> ..... 114
<b>FIG. 74 . FOTOGRAFIA DO PÁTIO DA CASA AZUMA, JAPÃO, TADAO ANDO.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://whatsaftermodern.tumblr.com/post/3490717349/ando-is-an-artist-of-light-he-captures-it-in">HTTP://WHATSATERMODERN.TUMBLR.COM/POST/3490717349/ANDO-IS-AN-ARTIST-OF-LIGHT-HE-CAPTURES-IT-IN</a> ..... 114
<b>FIG. 75 – ESCADAS DO PÁTIO DA CASA AZUMA, JAPÃO, TADAO ANDO.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://www.jbdesign.it/idesignpro/azumahouse.html">HTTP://WWW.JBDESIGN.IT/IDESIGNPRO/AZUMAHOUSE.HTML</a> ..... 114
<b>FIG. 76 – FOTOGRAFIA DO PÁTIO DA CASA AZUMA, JAPÃO, TADAO ANDO.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://joaolvimcortes.tumblr.com/post/43717072445/row-house-azuma-house-by-tadao-ando">HTTP://JOAOLVIMCORTES.TUMBLR.COM/POST/43717072445/ROW-HOUSE-AZUMA-HOUSE-BY-TADAO-ANDO</a> ..... 114
<b>FIG. 77 – PLANTA DA CASA NO LITORAL ALENTEJANO, AIRES MATEUS.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://p2-1011.blogspot.pt/2011/04/entrega-final-casa-litoral-en-alentejo.html">HTTP://P2-1011.BLOGSPOT.PT/2011/04/ENTREGA-FINAL-CASA-LITORAL-EN-ALENTEJO.HTML</a> ..... 116
<b>FIG. 78 – FOTOGRAFIA DA ENTRADA DA CASA NO LITORAL ALENTEJANO, AIRES MATEUS.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://www.hogarismo.es/2011/08/05/arquitecto-aires-mateuscasa-en-el-litoral/">HTTP://WWW.HOGARISMO.ES/2011/08/05/ARQUITECTO-AIRES-MATEUSCASA-EN-EL-LITORAL/</a> ..... 116
<b>FIG. 79 – FOTOGRAFIA QUE RELACIONA O PÁTIO CENTRAL DA CASA COM O ESPAÇO DE ENTRADA QUE SE ABRE PARA O EXTERIOR.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://europaconcorsi.com/projects/203520-casa-no-litoral-alentejano/images/3288602">HTTP://EUROPAONCORSI.COM/PROJECTS/203520-CASA-NO-LITORAL-ALENTEJANO/IMAGES/3288602</a> ..... 116
<b>FIG. 80 – PLANTA E ALÇADO SUL DA CASA NA SERRA NORTE DE SEVILHA, FELIPE PALOMINO.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://www.felipepalomino.com/vivienda/vivienda02_g.html">HTTP://WWW.FELIPEPALOMINO.COM/VIVIENDA/VIVIENDA02_G.HTML</a> ..... 118

- FIG. 81 – FOTOGRAFIA REPRESENTATIVA DA RELAÇÃO ENTRE A TOPOGRAFIA DO LUGAR E O PLANO DE COBERTURA DA CASA NA SERRA NORTE DE SEVILHA, FELIPE PALOMINO.** RETIRADO EM: [HTTP://WWW.PLATAFORMAARQUITECTURA.CL/2012/05/17/CASA-EN-SIERRA-NORTE-DE-SEVILLA-FELIPE-PALOMINO-2/PABLO\\_09/](http://www.plataformaarquitectura.cl/2012/05/17/casa-en-sierra-norte-de-sevilla-felipe-palomino-2/pablo_09/) ..... 118
- FIG. 82 – FOTOGRAFIA DO PÁTIO ADJACENTE AOS ESPAÇOS INTERIORES DE USO COLECTIVO.** RETIRADO EM: [HTTP://WWW.FELIPEPALOMINO.COM/VIVIENDA/VIVIENDA02\\_I.HTML](http://www.felipepalomino.com/vivienda/vivienda02_i.html) ..... 118
- FIG. 83 – PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DA CASA HUNGRIA MACHADO, LÚCIO COSTA, RIO DE JANEIRO.** RETIRADO EM: [HTTP://BOOKS.GOOGLE.PT/BOOKS?ID=QOB2HPS9LAMC&PG=PA68&LPG=PA68&DQ=CASA+HUNGRIA+MACHADO+RIO+DE+JANEIRO+LUCIO+COSTA&SOURCE=BL&OTS=V6L8PHJ8X&SIG=GVONX8UNEHWYTAIFK79YGWYNuQC&HL=PT-PT&SA=X&EI=DJNGUOYBEJPQ7ABKPYHYCg&VED=0CC0Q6AEWAA#V=ONEPAGE&Q=CASA%20HUNGRIA%20MACHADO%20RIO%20DE%20JANEIRO%20LUCIO%20COSTA&F=FALSE](http://books.google.pt/books?id=qob2hps9lamic&pg=PA68&lpg=PA68&dq=casa+hungria+machado+rio+de+janeiro+lucio+costa&source=bl&ots=v6l8phj8x&sig=gvonx8unehwytaiFK79YGWYNuQC&hl=pt-pt&sa=X&ei=djnguoybejq7AbkPYHYCg&ved=0CC0Q6AEWAA#v=onepage&q=casa%20hungria%20machado%20rio%20de%20janeiro%20lucio%20costa&f=false) ..... 122
- FIG. 84 – PLANTA DO PISO TÉRREO, PLANTA DO PISO SUPERIOR, CORTE LONGITUDINAL E ALÇADO NOROESTE. CASA HUNGRIA MACHADO, LÚCIO COSTA, RIO DE JANEIRO.** RETIRADO EM: [HTTP://BOOKS.GOOGLE.PT/BOOKS?ID=QOB2HPS9LAMC&PG=PA68&LPG=PA68&DQ=CASA+HUNGRIA+MACHADO+RIO+DE+JANEIRO+LUCIO+COSTA&SOURCE=BL&OTS=V6L8PHJ8X&SIG=GVONX8UNEHWYTAIFK79YGWYNuQC&HL=PT-PT&SA=X&EI=DJNGUOYBEJPQ7ABKPYHYCg&VED=0CC0Q6AEWAA#V=ONEPAGE&Q=CASA%20HUNGRIA%20MACHADO%20RIO%20DE%20JANEIRO%20LUCIO%20COSTA&F=FALSE](http://books.google.pt/books?id=qob2hps9lamic&pg=PA68&lpg=PA68&dq=casa+hungria+machado+rio+de+janeiro+lucio+costa&source=bl&ots=v6l8phj8x&sig=gvonx8unehwytaiFK79YGWYNuQC&hl=pt-pt&sa=X&ei=djnguoybejq7AbkPYHYCg&ved=0CC0Q6AEWAA#v=onepage&q=casa%20hungria%20machado%20rio%20de%20janeiro%20lucio%20costa&f=false) ..... 122
- FIG. 85 – FOTOGRAFIA DA FACHADA NOROESTE E RELAÇÃO COM A ENVOLVENTE.** RETIRADO EM: [HTTP://CASASBRASILEIRAS.WORDPRESS.COM/2010/09/26/CASA-HUNGRIA-MACHADO-LUCIO-COSTA/](http://casasbrasileiras.wordpress.com/2010/09/26/casa-hungria-machado-lucio-costa/) ..... 122
- FIG. 86 – PLANTA E CORTE DA CASA MUURATSALO, ALVAR AALTO, FINLÂNDIA.** RETIRADO EM: [HTTP://WWW.ZEROUNDICIPIU.IT/2012/04/24/CASA-SPERIMENTALE-A-MUURATSALO/](http://www.zeroundicipiu.it/2012/04/24/casa-sperimentale-a-muuratsalo/) ..... 124
- FIG. 87 – RELAÇÃO COM A ENVOLVENTE. CASA MUURATSALO, ALVAR AALTO, FINLÂNDIA.** [HTTP://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/50705/CLASSICOS-DA-ARQUITETURA-CASA-EXPERIMENTAL-MUURATSALO-ALVAR-AALTO/1331482382-1331005635-FIN-PRY-162-1000X666/](http://www.archdaily.com.br/50705/classicos-da-arquitetura-casa-experimental-muuratsalo-alvar-aalto/1331482382-1331005635-fin-pry-162-1000x666/) ..... 124
- FIG. 88 – FOTOGRAFIA DO PÁTIO DA CASA MUURATSALO, ALVAR AALTO, FINLÂNDIA.** RETIRADO EM: [HTTP://WWW.ZEROUNDICIPIU.IT/2012/04/24/CASA-SPERIMENTALE-A-MUURATSALO/](http://www.zeroundicipiu.it/2012/04/24/casa-sperimentale-a-muuratsalo/) ..... 124
- FIG. 89 – PLANTA DA CASA HOOPER E IMPLANTAÇÃO NO LUGAR, DE MARCEL BREUER, MARYLAND, ESTADOS UNIDOS.** RETIRADO EM: [HTTP://ENREDADOSENLAWEB.COM/2012/11/CASA-HOOPER-MARCEL-BREUER/](http://enredadosenlaweb.com/2012/11/casa-hooper-marcel-breuer/) ..... 126
- FIG. 90 – FOTOGRAFIA DA CASA HOOPER E RELAÇÃO COM A ENVOLVENTE. MARCEL BREUER, MARYLAND, ESTADOS UNIDOS.** RETIRADO EM: [HTTP://ENREDADOSENLAWEB.COM/2012/11/CASA-HOOPER-MARCEL-BREUER/](http://enredadosenlaweb.com/2012/11/casa-hooper-marcel-breuer/) ..... 126
- FIG. 91 – FOTOGRAFIA DO PÁTIO. CASA HOOPER, DE MARCEL BREUER, MARYLAND, ESTADOS UNIDOS.** RETIRADO EM: [HTTP://ENREDADOSENLAWEB.COM/2012/11/CASA-HOOPER-MARCEL-BREUER/](http://enredadosenlaweb.com/2012/11/casa-hooper-marcel-breuer/) ..... 126
- FIG. 92 – RELAÇÃO ENTRE O PÁTIO E O INTERIOR DA CASA. MARCEL BREUER, MARYLAND, ESTADOS UNIDOS.** RETIRADO EM: [HTTP://ENREDADOSENLAWEB.COM/2012/11/CASA-HOOPER-MARCEL-BREUER/](http://enredadosenlaweb.com/2012/11/casa-hooper-marcel-breuer/) ..... 126
- FIG. 93 – PERSPECTIVA AXONOMÉTRICA DA CASA KINGO, JORN UTZON, DINAMARCA.** RETIRADO EM: [HTTP://ARQUITECTURES234.BLOGSPOT.PT/2011/02/JORN-UTZON-RESIDENCIAL-VIII.HTML](http://arquitectures234.blogspot.pt/2011/02/jorn-utzon-residencial-viii.html) ..... 128
- FIG. 94 – PLANTA DA CASA KINGO, JORN UTZON, DINAMARCA.** RETIRADO EM: [HTTP://ARQUITECTURES234.BLOGSPOT.PT/2011/02/JORN-UTZON-RESIDENCIAL-VIII.HTML](http://arquitectures234.blogspot.pt/2011/02/jorn-utzon-residencial-viii.html) ..... 128

<b>FIG. 95 – CORTES DA CASA KINGO, JORN UTZON, DINAMARCA.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://arquitectures234.blogspot.pt/2011/02/jorn-utzon-residencial-viii.html">HTTP://ARQUITECTURES234.BLOGSPOT.PT/2011/02/JORN-UTZON-RESIDENCIAL-VIII.HTML</a> ..... 128
<b>FIG. 96 – AGLOMERAÇÃO DAS CASAS KINGO E RELAÇÃO COM A PAISAGEM.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://www.danishsteakclassics.com/wp-content/uploads/2010/11/fredensborg_housing2.jpg">HTTP://WWW.DANISHTEAKCLASSICS.COM/WP-CONTENT/UPLOADS/2010/11/FREDENSBORG_HOUSING2.JPG</a> 128
<b>FIG. 97 – ESPAÇO DE COMUNICAÇÃO ENTRE O PÁTIO E O INTERIOR DA CASA. CASA KINGO, JORN UTZON, DINAMARCA.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://arquitectures234.blogspot.pt/2011/02/jorn-utzon-residencial-viii.html">HTTP://ARQUITECTURES234.BLOGSPOT.PT/2011/02/JORN-UTZON-RESIDENCIAL-VIII.HTML</a> .... 128
<b>FIG. 98 – PLANTA DA CASA DE FIM-DE-SEMANA, RIUE NISHIZAWA.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://en.wikiarquitectura.com/index.php/file:casa_de_fin_de_semana_plano_2.jpg">HTTP://EN.WIKIARQUITECTURA.COM/INDEX.PHP/FILE:CASA_DE_FIN_DE_SEMANA_PLANO_2.JPG</a> ..... 130
<b>FIG. 99 – FOTOGRAFIA REPRESENTATIVA DA IMPLANTAÇÃO DA CASA E DA SUA RELAÇÃO COM A PAISAGEM ENVOLVENTE. CASA DE FIM-DE-SEMANA, RIUE NISHIZAWA.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://veinsoglue.blogspot.pt">HTTP://VEINSOGLUE.BLOGSPOT.PT</a> ..... 130
<b>FIG. 100 – RELAÇÕES ENTRE OS ESPAÇOS INTERIORES DA CASA E OS SEUS PÁTIOS. CASA DE FIM-DE-SEMANA, RIUE NISHIZAWA.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://veinsoglue.blogspot.pt">HTTP://VEINSOGLUE.BLOGSPOT.PT</a> ..... 130
<b>FIG. 101 – A RELAÇÃO DOS PÁTIOS COM O EXTERIOR DA CASA. CASA DE FIM-DE-SEMANA, RIUE NISHIZAWA.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://en.wikiarquitectura.com/index.php/file:casa_de_fin_de_semana_9.jpg">HTTP://EN.WIKIARQUITECTURA.COM/INDEX.PHP/FILE:CASA_DE_FIN_DE_SEMANA_9.JPG</a> ..... 130
<b>FIG. 102 – PLANTA DO NÍVEL 1. CASA CHILENA, SMILJAN RADIC, CHILE.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://hicarquitectura.com/2013/07/smiljan-radic-casa-chilena-1-y-2/">HTTP://HICARQUITECTURA.COM/2013/07/SMILJAN-RADIC-CASA-CHILENA-1-Y-2/</a> ..... 132
<b>FIG. 103 – O PROLONGAMENTO DO PÁTIO PARA O INTERIOR DA CASA, ATRAVÉS DOS ESPAÇOS DE USO COLECTIVO. CASA CHILENA, SMILJAN RADIC, CHILE.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://www.architecture-buildings.com/chilean-house-in-los-lirios-rancagua-chile-by-smiljan-radic/view-casa-chilena-sunlight-through-glass/">HTTP://WWW.ARCHITECTURE-BUILDINGS.COM/CHILEAN-HOUSE-IN-LOS-LIRIOS-RANCAGUA-CHILE-BY-SMILJAN-RADIC/VIEW-CASA-CHILENA-SUNLIGHT-THROUGH-GLASS/</a> ..... 132
<b>FIG. 104 – ESPAÇO DE RECEPÇÃO AO PÁTIO DA CASA. CASA CHILENA, SMILJAN RADIC, CHILE.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://hicarquitectura.com/2013/07/smiljan-radic-casa-chilena-1-y-2/">HTTP://HICARQUITECTURA.COM/2013/07/SMILJAN-RADIC-CASA-CHILENA-1-Y-2/</a> ..... 132
<b>FIG. 105 – PLANTA DA CASA COM TRÊS PÁTIOS, MIGUEL MARCELINO, BENAVENTE.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://www.marcelino.pt/index.php/three-courtyards-house">HTTP://WWW.MARCELINO.PT/INDEX.PHP/THREE-COURTYARDS-HOUSE</a> ..... 134
<b>FIG. 106 – O PÁTIO COM ÁRVORE, EM RELAÇÃO COM O ESPAÇO INTERIOR DE ESTADIA E A PAISAGEM. CASA COM TRÊS PÁTIOS, MIGUEL MARCELINO, BENAVENTE.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://www.ultimasreportagens.com/659.php">HTTP://WWW.ULTIMASREPORTAGENS.COM/659.PHP</a> ..... 134
<b>FIG. 107 – O PÁTIO COM ÁRVORE E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO. CASA COM TRÊS PÁTIOS, MIGUEL MARCELINO, BENAVENTE.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://www.marcelino.pt/index.php/three-courtyards-house">HTTP://WWW.MARCELINO.PT/INDEX.PHP/THREE-COURTYARDS-HOUSE</a> ..... 134
<b>FIG. 108 – FOTOGRAFIA AÉREA SOBRE O PÁTIO COM ÁRVORE. CASA COM TRÊS PÁTIOS, MIGUEL MARCELINO, BENAVENTE.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://www.ultimasreportagens.com/659.php">HTTP://WWW.ULTIMASREPORTAGENS.COM/659.PHP</a> ..... 134
<b>FIG. 109 – MODELO TRIDIMENSIONAL DA CASA GOLDENBERG, DE LOUIS KAHN. PENNSYLVANIA, 1959.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://www.philadelphiabuildings.org/pab/app/co_display_images.cfm/505615?image_gallery_sortby=localcall&amp;image_gallery_page=3">HTTP://WWW.PHILADELPHIABUILDINGS.ORG/PAB/APP/CO_DISPLAY_IMAGES.CFM/505615?IMAGE_GALLERY_SORTBY=LOCALCALL&amp;IMAGE_GALLERY_PAGE=3</a> ..... 138
<b>FIG. 110 – PLANTA DA CASA GOLDENBERG, DE LOUIS KAHN. PENNSYLVANIA, 1959.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://avmarchitect.blogspot.pt/2012/10/goldenberg-house-louis-kahn.html">HTTP://AVMARCHITECT.BLOGSPOT.PT/2012/10/GOLDENBERG-HOUSE-LOUIS-KAHN.HTML</a> ..... 138
<b>FIG. 111 – VISTA AÉREA DO MODELO TRIDIMENSIONAL DA CASA GOLDENBERG, DE LOUIS KAHN. PENNSYLVANIA, 1959.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://archimodels.info/post/10720686385/c-louis-kahn-goldenberg-house-rydal138">HTTP://ARCHIMODELS.INFO/POST/10720686385/C-LOUIS-KAHN-GOLDENBERG-HOUSE-RYDAL138</a>
<b>FIG. 112 – DESENHO DA PLANTA DA CASA GOLDENBERG, DE LOUIS KAHN. PENNSYLVANIA, 1959.</b>	RETIRADO EM:	
		<a href="http://www.arthistory.upenn.edu/themakingofaroom/catalogue/14.htm">HTTP://WWW.ARTHISTORY.UPENN.EDU/THEMAKINGOFAROOM/CATALOGUE/14.HTM</a> ..... 138

<b>FIG. 113 – PLANTA DA CASA ROZES, DE JOSÉ ANTÓNIO CODERCH, GIRONA, 1962.</b> RETIRADO EM: <a href="http://www.ugr.es/~jfg/casas/coderch/rozes/">HTTP://WWW.UGR.ES/~JFG/CASAS/CODERCH/ROZES/</a> .....	140
<b>FIG. 114 – RELAÇÃO ENTRE A CASA CONSTRUÍDA E A TOPOGRAFIA DO LUGAR. CASA ROZES, DE JOSÉ ANTÓNIO CODERCH, GIRONA, 1962.</b> RETIRADO EM: <a href="http://www.flickr.com/photos/jose_anta/6154508322/">HTTP://WWW.FLICKR.COM/PHOTOS/JOSE_ANTA/6154508322/</a> .....	140
<b>FIG. 115 – A CASA ROZES E A ENVOLVENTE. CASA ROZES, DE JOSÉ ANTÓNIO CODERCH, GIRONA, 1962.</b> RETIRADO EM: <a href="http://www.ugr.es/~jfg/casas/coderch/rozes/">HTTP://WWW.UGR.ES/~JFG/CASAS/CODERCH/ROZES/</a> .....	140
<b>FIG. 116 – COBERTURA DA CASA ROZES E A RELAÇÃO COM O MAR. CASA ROZES, DE JOSÉ ANTÓNIO CODERCH, GIRONA, 1962.</b> RETIRADO EM: <a href="http://www.ugr.es/~jfg/casas/coderch/rozes/">HTTP://WWW.UGR.ES/~JFG/CASAS/CODERCH/ROZES/</a> .....	140
<b>FIG. 117 – CORTE NORTE-SUL, CORTE ESTE-OESTE E PLANTA DA CASA WHITE U, DE TOYO IYO, TOKYO, 1976.</b> RETIRADO EM: <a href="http://openbuildings.com/buildings/white-u-profile-43390/media#!buildings-media/22">HTTP://OPENBUILDINGS.COM/BUILDINGS/WHITE-U-PROFILE-43390/MEDIA#!BUILDINGS-MEDIA/22</a> .....	142
<b>FIG. 118 – FOTOGRAFIA AÉREA DA CASA WHITE U, DE TOYO IYO, TOKYO, 1976.</b> RETIRADO EM: <a href="http://www.elfanzine.tv/2012/01/edificios-del-fin-del-mundo-parte-4/">HTTP://WWW.ELFANZINE.TV/2012/01/EDIFICIOS-DEL-FIN-DEL-MUNDO-PARTE-4/</a> .....	142
<b>FIG. 119 – FOTOGRAFIA DO INTERIOR DA CASA, LUZ ZENITAL DO ESPAÇO COLECTIVO.</b> RETIRADO EM: <a href="http://www.klatmagazine.com/architecture/toyo-ito-interview-back-to-the-future-09/8321...">HTTP://WWW.KLATMAGAZINE.COM/ARCHITECTURE/TOYO-ITO-INTERVIEW-BACK-TO-THE-FUTURE-09/8321...</a> .....	142
<b>FIG. 120 – PLANTA SUPERIOR DA CASA NA ARRÁBIDA, SETÚBAL, EDUARDO SOUTO DE MOURA.</b> RETIRADO EM: <a href="http://en.wikiarquitectura.com/index.php/file:arrabida_planta_superior.jpg">HTTP://EN.WIKIARQUITECTURA.COM/INDEX.PHP/FILE:ARRABIDA_PLANTA_SUPERIOR.JPG</a> .....	144
<b>FIG. 121 – FOTOGRAFIA DA CASA E ENVOLVENTE. CASA NA ARRÁBIDA, SETÚBAL, EDUARDO SOUTO DE MOURA.</b> RETIRADO EM: .....	144
<b>FIG. 122 – FOTOGRAFIA DO PÁTIO. CASA NA ARRÁBIDA, SETÚBAL, EDUARDO SOUTO DE MOURA.</b> RETIRADO EM: <a href="http://perezsarmiento.blogspot.pt/2011/03/premio-pritzker-2011.html">HTTP://PEREZSARMIENTO.BLOGSPOT.PT/2011/03/PREMIO-PRITZKER-2011.HTML</a> .....	144
<b>FIG. 123 – PLANTA DO PISO TÉRREO. CASA ALJEZUR, ATELIER BUGIO, 2008.</b> RETIRADO EM: <a href="http://www.atelierbugio.com">HTTP://WWW.ATELIERBUGIO.COM</a> .....	146
<b>FIG. 124 – CORTE LONGITUDINAL. CASA ALJEZUR, ATELIER BUGIO, 2008.</b> RETIRADO EM: <a href="http://www.atelierbugio.com">HTTP://WWW.ATELIERBUGIO.COM</a> .....	146
<b>FIG. 125 – PLANTA DE COBERTURA. CASA ALJEZUR, ATELIER BUGIO, 2008.</b> RETIRADO EM: <a href="http://www.atelierbugio.com">HTTP://WWW.ATELIERBUGIO.COM</a> .....	146
<b>FIG. 126 – FOTOGRAFIA DA MAQUETE. CASA ALJEZUR, ATELIER BUGIO, 2008.</b> RETIRADO EM: <a href="http://www.atelierbugio.com">HTTP://WWW.ATELIERBUGIO.COM</a> .....	146
<b>FIG. 127 – PLANTA DA CASA. CASA CARLOS SIZA, ÁLVARO SIZA, SANTO TIRSO, 1978.</b> RETIRADO EM: <a href="http://kirrabelmichel.blogspot.pt/2011/03/alvaro-siza-antonio-carlos-siza-house.html">HTTP://KIRRABELLMICHEL.BLOGSPOT.PT/2011/03/ALVARO-SIZA-ANTONIO-CARLOS-SIZA-HOUSE.HTML</a> .....	148
<b>FIG. 128 – VISTA A PARTIR DA RUA. CASA CARLOS SIZA, ÁLVARO SIZA, SANTO TIRSO, 1978.</b> RETIRADO EM: <a href="http://casaantoniocarlossiza.blogspot.pt">HTTP://CASAANTONIOCARLOSSIZA.BLOGSPOT.PT</a> .....	148
<b>FIG. 129 – PERSPETIVA DO PÁTIO. CASA CARLOS SIZA, ÁLVARO SIZA, SANTO TIRSO, 1978.</b> RETIRADO EM: <a href="http://fractalesyarquitectura.wordpress.com/2013/03/19/arquitectura-y-geometria-perspectivas-de-la-morfologia-fractal/">HTTP://FRACTALESYARQUITECTURA.WORDPRESS.COM/2013/03/19/ARQUITECTURA-Y-GEOMETRIA-PERSPECTIVAS-DE-LA-MORFOLOGIA-FRACTAL/</a> .....	148
<b>FIG. 130 – CASA CONCEIÇÃO SILVA, GUINCHO – CASCAIS, 1960</b> .....	152
<b>FIG. 131 – PLANTA E CORTE ASSOCIADOS. CASA JAMES KING, PAULO MENDES DA ROCHA, SÃO PAULO, 1972-74.</b> ..	154
<b>FIG. 132 – FOTOGRAFIA DA CASA E NÍVEL DE TOQUE NO SOLO. CASA JAMES KING, PAULO MENDES DA ROCHA, SÃO PAULO, 1972-74.</b> .....	154

<b>FIG. 133 – ACESSO À CASA E RELAÇÃO COM A NATUREZA. CASA JAMES KING, PAULO MENDES DA ROCHA, SÃO PAULO, 1972-74.</b>	RETIRADO EM: PDF DA PASTA DAS IMAGENS. NAO SEI QUE REFERENCIA É QUE SE COLOCA! .....	154
<b>FIG. 134 – VISTA INTERIOR DA CASA SOBRE O PÁTIO. CASA JAMES KING, PAULO MENDES DA ROCHA, SÃO PAULO, 1972-74.</b>	RETIRADO EM: PDF DA PASTA DAS IMAGENS. NAO SEI QUE REFERENCIA É QUE SE COLOCA! .....	154
<b>FIG. 135 – PLANTA E CORTE LONGITUDINAL. CASA GASPAR, ALBERTO CAMPO BAEZA. SEVILLA LA NUEVA, ESPANHA, 2002.</b>	RETIRADO EM: <a href="http://www.campoBAEZA.com/GASPAR-HOUSE/?TYPE=CATALOGUE">HTTP://WWW.CAMPOBAEZA.COM/GASPAR-HOUSE/?TYPE=CATALOGUE</a> .....	156
<b>FIG. 136 – FOTOGRAFIA DO PÁTIO COM ESPELHO DE ÁGUA. CASA GASPAR, ALBERTO CAMPO BAEZA. SEVILLA LA NUEVA, ESPANHA, 2002.</b>	RETIRADO EM: <a href="http://www.campoBAEZA.com/GASPAR-HOUSE/?TYPE=CATALOGUE">HTTP://WWW.CAMPOBAEZA.COM/GASPAR-HOUSE/?TYPE=CATALOGUE</a> .....	156
<b>FIG. 137 – PÁTIO DE ENTRADA E VISTA PARA O INTERIOR DA CASA. CASA GASPAR, ALBERTO CAMPO BAEZA. SEVILLA LA NUEVA, ESPANHA, 2002.</b>	RETIRADO EM: <a href="http://www.campoBAEZA.com/GASPAR-HOUSE/?TYPE=CATALOGUE">HTTP://WWW.CAMPOBAEZA.COM/GASPAR-HOUSE/?TYPE=CATALOGUE</a> .....	156
<b>FIG. 138 – ESPAÇO COLECTIVO, NO INTERIOR DA CASA, E RELAÇÃO COM O PÁTIO ATRAVÉS DO VÃO. CASA GASPAR, ALBERTO CAMPO BAEZA. SEVILLA LA NUEVA, ESPANHA, 2002.</b>	RETIRADO EM: <a href="http://www.flickrriver.com/photos/campoBAEZA/sets/72157600040086168/">HTTP://WWW.FLICKRIVER.COM/PHOTOS/CAMPOBAEZA/SETS/72157600040086168/</a> .....	156
<b>FIG. 139 – FACHADA E ESPAÇO DE ENTRADA NA CASA. CASA LUZ, ARQUITECTURA-G, CILLEROS, ESPANHA, 2013.</b>	RETIRADO EM: <a href="http://AFASIAARQ.BLOGSPOT.COM/2013/06/ARQUITECTURA-G.HTML">HTTP://AFASIAARQ.BLOGSPOT.COM/2013/06/ARQUITECTURA-G.HTML</a> .....	158
<b>FIG. 140 – CORTE PERSPECTIVADO. CASA LUZ, ARQUITECTURA-G, CILLEROS, ESPANHA, 2013.</b>	RETIRADO EM: <a href="http://ARQUITECTURAG.WORDPRESS.COM/PAGE/2/">HTTP://ARQUITECTURAG.WORDPRESS.COM/PAGE/2/</a> .....	158
<b>FIG. 141 – FOTOGRAFIA DO PÁTIO DA CASA. CASA LUZ, ARQUITECTURA-G, CILLEROS, ESPANHA, 2013.</b>	RETIRADO EM: <a href="http://HICARQUITECTURA.COM/2013/06/ARQUITECTURA-G-CASA-LUZ/">HTTP://HICARQUITECTURA.COM/2013/06/ARQUITECTURA-G-CASA-LUZ/</a> .....	158
<b>FIG. 142– DESENHO REPRESENTATIVO DA IDENTIDADE DA GRUTA E PÁTIO,</b>	RETIRADO DE: BARREÑADA, RAFAEL DIEZ. CODERCH- VARIACIONES SOBRE UNA CASA, FUNDACIÓN CAJA DE ARQUITECTOS, BARCELONA, 2007. P.217 .....	170



# BIBLIOGRAFIA

- **ÁBALOS**, Iñaki - *A Boa Vida*, Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona 2003
- **BAHAMÓN**, Alejandro; Ana María Alvarez - *Casas Patio: casas por tipología*, Ed. Parramón Arquitectura y Diseño, Barcelona 2009
- **BARREÑADA**, Rafael Diez - *Coderch- Variaciones sobre una casa*, fundación caja de arquitectos, Barcelona, 2007
- **BLASER**, Werner – *Patios – 5000 años de evolucion desde la antigüedad hasta nuestros días*, ed. Gustavo Gill, Barcelona, 1997
- **BRAUNECK**, Per; PFEIFER, Günter - *Casas con Pátio / Casas-pátio*, Barcelona, Gustavo Gili, 2009
- **CAPITEL**, Antón – *La Arquitectura Del Pátio*, ed. Gustavo Gill, Barcelona, 2005.
- **COELHO**, António Baptista - *Entre casa e cidade, a humanização do habitar*, Opusculo18, Dafne Editora, Porto, 2009
- **COROMINAS**, J. - *Breve Diccionario etimológico de la lengua Castellana*. Madrid, Ed. Gredos,1967
- **FERREIRA**, Raquel – “A Reintrodução do Pátio como Elemento Estruturante na Casa Contemporânea Japonesa em Ambiente Urbano”, dissertação para a obtenção de grau de Mestre em Arquitectura, I.S.T, 2010
- **FERNANDES**, Miguel Santiago - *Pancho Guedes: Metamorfoses Espaciais*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2007
- **HERTZBERGER**, Herman - *Lições de Arquitectura*, 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- **LLECHA**, Joan ; Carles Martí; Jordi Ros; Xavier Ferrer; Núria Parés; Gemma Rolduà; Mònica Sánchez – *DPA 13 PATIO Y CASA*, Ed. Departament de Projectes Arquitectònics. UPC, Barcelona, 1997
- **MONTANER**, Josep Maria - *A Modernidade Superada – Arquitectura, Arte e Pensamento do Séc. XX*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 2001
- **MONTEYS**, Xavier e FUERTES, Pere – *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 2001.
- **NORBERG-SCHULZ**, Christian - *Existencia, Espacio y Arquitectura*, Ed. Blume, Barcelona, 1975
- **KAHN**, LOUIS - *Conversa com estudantes*, Barcelona, Gustavo Gili, 2002
- **PEREIRA**, Rui Emanuel Garcia - “A reinvenção da casa-pátio mediterrânica”, dissertação para a obtenção de grau de Mestre em Arquitectura, I.S.T, 2011 in [labespaco.ist.utl.pt/dissertacoes/Apresentação%20Rui%20Pereira.pdf](http://labespaco.ist.utl.pt/dissertacoes/Apresentação%20Rui%20Pereira.pdf)
- **PETERS**, Paulhans - *Casas unifamiliares con patio*, Editurial Gustavo Gili, S.A., Barcelona,1969

- **PIRES**, Amílcar de Gil e - “Os Conceitos de Tipo e de Modelo em Arquitectura” in [ciud.fau.utl.pt/res/paper/CONC-TIPO-MODELO.pdf](http://ciud.fau.utl.pt/res/paper/CONC-TIPO-MODELO.pdf)
- **RAMOS**, Rui Jorge Garcia - *A CASA- Arquitectura e Projecto Doméstico na Primeira Metade do Século XX Português*, FAUP publicações, Porto, 2010
- **RECASENS**, Gonzalo Díaz - *Recurrencia y herencia del patio en el Movimiento moderno*, Universidad de Sevilla, 1992
- **REIS**, Nuno Arenga - *O saguão na habitação urbana – o interior da casa em torno de um vazio vertical nuclear*, tese para a obtenção do grau de Doutor em arquitectura, FAUTL, Lisboa, 2009.
- **SCHOENAUER**, Norbert - *6.000 años de hábitat. De los poblados primitivos a la vivienda urbana en las culturas de oriente y occidente*. Barcelona, Gustavo Gili, 1984
- **SILVEIRA**, Ângelo - *A Casa-Pátio de Goa*, ed. Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto, 1999
- **TÁVORA**, Fernando - *Da Organização do Espaço*, Porto, FAUP Publicações, 1962
- **AIRES MATEUS**, Manuel – *Fachadas “Vivas”*. Lisboa: Universidade Técnica: Faculdade de Arquitectura, 2000.

**AUTOR-** Filipa Vaz Morgado

**TÍTULO DA OBRA- PÁTIO E CASA-PÁTIO:** A DIMENSÃO DOMÉSTICA DO ESPAÇO  
EXTERIOR DA CASA. Projecto de um Edifício Habitacional no Desterro, em Lisboa.

**NÚMERO DE PALAVRAS-** 27.083

**LOCAL DE IMPRESSÃO-** Lisboa, Setembro de 2013

Este documento foi escrito de acordo com o novo acordo ortográfico.

# **ANEXOS**

# PROCESSO DE TRABALHO EM MAQUETES

*“Eu queria fazer uma espécie de edifício forte, humilde, feio, sorridente, marcado por signos pretos gigantes e letras bonitas. Queria fazer um edifício que sobrevivesse estando sujo, riscado, manchado, alterado pelo tempo e pela passagem das pessoas – uma difício crivado de balas, com galinhas a esgravatar no quintal. Queria que fosse um edifício a dizer sim a todos os homens”<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> GUEDES, Amâncio – *The Yeshouse*. Donat, John [ed. lit] – *World Architecture One*. London: Studio Books, 1964. P.104 in FERNANDES, Miguel Santiago - *Pancho Guedes: Metamorfoses Espaciais*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2007.p.66



